

RAÍZES

Ano XXIV - São Caetano do Sul - Julho de 2012

45



Ano XXIV – Número 45
Publicação semestral
Distribuição gratuita

**Publicação
da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul**

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2012

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula | CEP 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax (011) 4223-4780

www.fpm.org.br
fpm@fpm.org.br

Coordenação Geral

Maria Teresinha Dario Fiorotti

Editora Responsável

Paula Fiorotti (Mtb. 28927)

Pesquisa, edição e revisão

Cristina Ortega
Cristina Toledo de Carvalho

Conselho Editorial

Maria Teresinha Dario Fiorotti
PRESIDENTE
Adriana Sampaio
Cristina Toledo de Carvalho
Humberto D. Pastore
Isabel Cristina Ortega
João Tarcísio Mariani
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Fiorotti
Paulo Alves da Rosa
Roberta Giotto

Projeto Gráfico e Editoração

Roberta Giotto

Ilustrações

Jayme da Costa Patrão
Roberta Giotto

Serviço de Difusão Cultural

Cristina Ortega
Mario Del Rey
Monica Ascencio Simões Ponzoni
Yolanda Ascencio

Fotografia

Antonio Reginaldo Canhoni

Apoio para pesquisa iconográfica

Paula Sidelnik
Rafael Martin
Regina Assone
Carolina Gonzaga Faria

Digitalização e restauração de imagens

Augusto Coelho Neto
Marcos Villanova

Ctp e Impressão

Sottgraf Serviços Gráficos

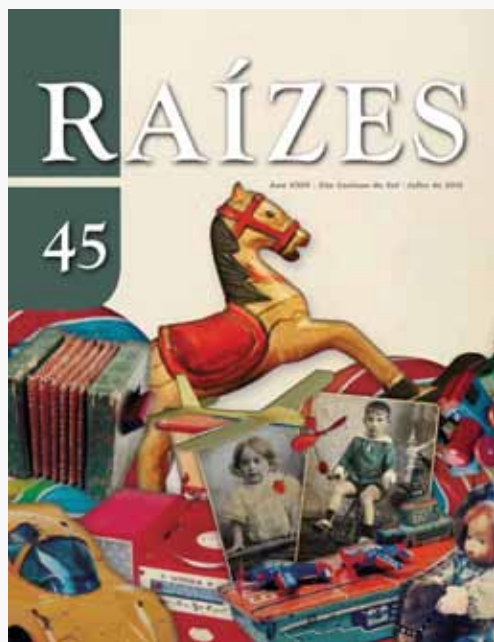
A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.



RAIZZES

45



As cores e símbolos desta capa de *Raízes* traduzem o espírito que invadiu esta edição e nos remetem, diretamente, à alegria, à criatividade, à imaginação e, por que não, à simplicidade das antigas brincadeiras infantis. Levam-nos a um tempo no qual a televisão não tinha tanta influência na cultura lúdica da criança e quando as novas tecnologias ainda não haviam modificado o modo de brincar.

Em meio a brinquedos que fizeram parte do dia a dia de muitos indivíduos, vemos o pequeno Rodolpho Walter Famula (à esquerda), em uma imagem de 1913. Rolandi Plínio Dall'Antonia aparece em foto realizada num estúdio fotográfico, na década de 1920, com sua bicicleta.

EU DARIA TUDO QUE EU TIVESSE
PRA VOLTAR AOS DIAS DE CRIANÇA
EU NÃO SEI PRA QUE A GENTE CRESCE
SE NÃO SAI DA GENTE ESSA LEMBRANÇA

(NELSON GONÇALVES, MEUS TEMPOS DE CRIANÇA)

Falar da infância pode causar certa nostalgia, mas uma nostalgia boa. É muito bom poder guardar na memória cada retalho destes tempos. Fase da vida em que o real e o imaginário se confundem. É um patrimônio afetivo único, repleto de sensações, valores e sabores. A infância faz parte da história de todo indivíduo, de uma maneira muito profunda. Nas próximas páginas apresentamos histórias de algumas pessoas que passaram este período da vida em São Caetano do Sul, no final do século 19 até meados do século 20.

Aqui, mostram suas vivências, os acontecimentos do cotidiano, seus valores e costumes. Crianças que tiveram de trabalhar para auxiliar no orçamento familiar, mas que também guardaram na memória momentos de alegria e descontração, na escola ou nas brincadeiras. Esperamos que o leitor consiga reviver seu passado com emoção e, quem sabe, este seja um incentivo para que seus filhos ou netos possam acompanhá-los nesta jornada por uma feliz época de infância. Afinal, como disse Carlos Drummond de Andrade: "Ao brincar com a criança, o adulto está brincando consigo mesmo".

Paula Fiorotti

Paula Fiorotti é editora da revista Raízes. Formada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, é especializada em gestão de patrimônio e cultura pela Unifai (Centro Universitário Assunção)

Chegamos à quadragésima quinta edição da tradicional revista *Raízes*. Este número traz como tema principal o cotidiano das crianças em São Caetano do Sul no final do século 19, até meados do século 20. Fizemos um recorte do universo infantil da época e convidamos o leitor a refletir sobre o contexto histórico, social e cultural em que a criança esteve inserida. Vamos falar sobre a necessidade do trabalhar precocemente, tanto nas indústrias quanto na esfera domiciliar, e como era o dia a dia das crianças na escola, além da organização das escolas públicas de educação infantil no período.

A principal seção da revista, denominada *Em Foco*, também relembra como eram divertidas, e criativas, as brincadeiras dos velhos tempos. E ainda, traz à tona os antigos programas de auditório que promoviam os pequenos cheios de talentos.

Apresentamos histórias de duas instituições de ensino que estão entre as mais antigas da cidade, as escolas municipais de ensino fundamental Bartolomeu Bueno da Silva e 28 de Julho. Elas estão completando, em 2012, 85 e 60 anos, respectivamente. A Associação Paulista de Medicina – Regional de São Caetano também ganhou espaço na revista, para celebrar meia década de trabalhos voltados à classe médica local.

Destacamos a trajetória de vida de José Ramos Vitorino, professor de geografia que lecionou em várias escolas de São Caetano. Prestamos

uma homenagem especial ao saudoso Maurício Hoffman, advogado e ex-vereador, que viveu em São Caetano durante 50 anos, deixando suas marcas na vida social, econômica e política da cidade.

Nas páginas de *Raízes* festejamos o aniversário de 10 anos da Pinacoteca Municipal, divisão mais recente da Fundação Pró-Memória, com um artigo que contempla as atividades desenvolvidas desde sua inauguração e projetos como ação educativa, a reserva técnica e o programa de exposições. Outro motivo para comemoração está na *Memória Fotográfica Especial*, que traz imagens históricas do Hospital São Caetano (edifício tombado recentemente pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul). Esta edição traz uma novidade, a seção *Curiosidades*, que está aberta a contribuições que carreguem fatos curiosos referentes a São Caetano. Na estreia, uma fruta que leva o nome de nossa cidade.

Celebramos mais um aniversário. A Igreja Matriz Sagrada Família está completando 75 anos de existência e ganha, na revista uma crônica especial. E tem muito mais, registros de histórias de vida, memórias e vivências, todos reunidos, em um exercício de cidadania. Volte à infância e aproveite cada página da revista *Raízes*, como uma criança que acaba de ganhar um livrinho de histórias.

Maria Teresinha Dario Fiorotti
Presidente

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL





Grupo de estudantes do Instituto Rocha Pombo, em frente da escola na Rua Pernambuco. Foto de 1942



pág **8**
Em Foco

28 **Sonhos da Infância**
Manoel Claudio Novaes

32 **Um show de criança**
Cristina Ortega

8 **No âmbito doméstico, na lavoura, nas olarias e nas indústrias: o trabalho infantil em São Caetano entre o final do século 19 e a primeira metade do século 20**
Cristina Toledo de Carvalho

17 **A educação escolarizada primária nos anos iniciais do século 20: a escola das crianças italianas e ítalo-brasileiras**
Eliane Mimesse

22 **Grupo Escolar Senador Flaquer**
Manoel Claudio Novaes

24 **Uma crônica sobre brinquedos, brincadeiras e memórias (1930/1945)**
Oscar Garbelotto



pág **36**
Memória

36 **Emef Bartolomeu Bueno da Silva: 85 anos de ensino**

41 **Seis décadas de contribuições para o desenvolvimento educacional de São Caetano do Sul – Emef 28 de Julho**
Valdirene Rodrigues Costa

43 **Valter Fantini e a Farmácia e Perfumaria Droga Selma**

45 **Regional de São Caetano do Sul da Associação Paulista de Medicina: 50 anos de existência**



pág **48**
História Oral

48 **Maria Josefa de Medeiros: 92 anos de luta no dia a dia**
Monica Ascencio Simões Ponzoni

50 **Um exemplo de amor ao próximo**
Yolanda Ascencio

53 **A geografia em prosa do professor José Ramos Vitorino**



pág **57**
Personagens

57 **Impressões de uma vida**
Nelson Albuquerque

60 **Bruna Cassetari Ricci: uma vida dedicada à coletividade**
Mário Porfírio Rodrigues

pág 64

Homenagem

Maurício Hoffman,
64 exemplo de vida!
Mário Del Rey



pág 68

Memória Fotográfica Especial

Hospital São Caetano

pág 75

Cultura

Dez anos com arte:
a trajetória da
Pinacoteca Municipal
Monica lafrate e
João Alberto Tessarin



pág 81

Curiosidades

Uma fruta chamada
São Caetano
Domingo Glenir Santarneckchi

pág 82

Moda de Outrora

Suzeti Rocha

pág 85

Artigos

Três décadas e meia dos encontros
dos marianos em São Caetano do
Sul: famílias unidas pela fé
Rafael Peccioli Moreno

Um passeio de carro por
São Caetano do Sul
Priscila Gorzoni



pág 94

Regionais

A migração mineira na cidade de
Mauá: breve relato da trajetória
alterosa em terras mauaenses
Leandro Cesário da Silva

pág 98

Crônicas

100 A Matriz Filial
João Tarcísio Mariani

pág 104

Memória Fotográfica



pág 115

Registro



Operários da
Olaria de Carmine
Perrella, em 1909

NO ÂMBITO DOMÉSTICO,
NA LAVOURA, NAS OLARIAS
E NAS INDÚSTRIAS:
o trabalho infantil em São Caetano
entre o final do século 19 e a
primeira metade do século 20

(*) *Cristina Toledo de CARVALHO*

ARTICULAR HISTORICAMENTE
O PASSADO NÃO SIGNIFICA
CONHECÊ-LO COMO ELE DE FATO
FOI. SIGNIFICA APROPRIAR-SE DE
UMA REMINISCÊNCIA...

(WALTER BENJAMIN)

A captação da temática da infância pela historiografia se insere no contexto da emergência de novas abordagens e perspectivas de estudo no ramo das pesquisas históricas. Com o rompimento das propostas tradicionais, veiculadas a uma escrita da história que privilegiava, sobretudo, a partir de um viés linear e factual, as ações de líderes políticos, observou-se um redimensionamento teórico e metodológico na produção do conhecimento histórico.¹ Este, valendo-se de um variado estoque de fontes, as quais deixaram de ficar restritas aos documentos escritos e oficiais, passando a compreender diversas categorias de registros, que constituem, igualmente, vestígios do passado, como os relatos orais, a iconografia, a cultura material, as reportagens jornalísticas, dentre outras representações, pôde ampliar o seu campo de reflexão, contribuindo para o desenvolvimento de uma história social comprometida com os diferentes sujeitos e os seus respectivos modos de ser e viver. Assim sendo, personagens que, até então, eram ocultados pela historiografia, como, por exemplo, as mulheres e as crianças, ganham status de sujeitos históricos e passam a ser objeto de análise e discussão de estudiosos e teóricos.

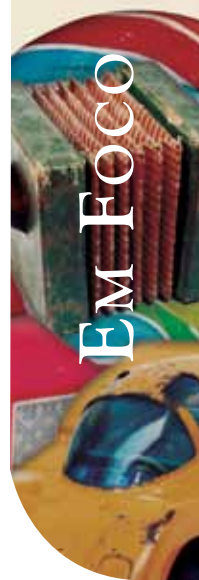
No que concerne às crianças, o grande desafio das pesquisas a elas atinentes consistia nos esforços para a superação do prisma teórico que as considerava como um ser apenas de instintos, abrindo, assim, possibilidade para a elaboração de uma concepção social da infância. O objetivo era “desembarçar a criança dos aportes que a naturalizavam, para mergulhá-la na história (...)”² Norteados por tal

ideia, os estudos do historiador francês Phillipe Ariès tornam-se um marco, a partir da década de 1970. Defensor da tese de que a infância constituía uma invenção da modernidade, Ariès concentrou seus esforços na desnaturalização do conceito de criança, corroborando para a configuração da linha de pensamento que concebe a infância como um fenômeno histórico e não meramente natural. No início da década de 1980, teóricos de diversas áreas das ciências humanas, dos quais os historiadores britânicos Alan Prout, Allison James, Chris Jenks, J. Qvortrup e J. Hockey, sob a influência das ideias daquele francês, confluíram os seus projetos para o que passaram a denominar de *New Social Studies of Childhood* (Novos Estudos Sociais da Infância).

Embora a pesquisa de Phillipe Ariès tenha deixado marcas na historiografia concernente ao tema da infância, alguns intelectuais questionam certos posicionamentos advindos dela, como o que atrela seu surgimento à modernidade: “Ainda que Ariès tenha sido um dos mais lidos e tenha lançado bases para esta discussão, atualmente outras pesquisas discordam de sua premissa, localizando este período da vida e a preocupação com a criança como um conceito que se forma em períodos anteriores ao moderno.”³

Questionamentos e discussões em torno de aspectos dos estudos destinados à infância são profícuos, na medida em que criam condição para a revisão de ideias e mesmo para o surgimento de novas abordagens e perspectivas de análise acerca do assunto, endossando não só a importância e a atualidade do tema, como também a concepção que atribui à criança a qualidade de sujeito histórico.

Para a elaboração deste artigo, dois trabalhos se sobressaíram enquanto fontes históricas e canais teóricos de diálogo. O primeiro deles, de autoria de Cristina de Lourdes Pellegrino Feres, versa sobre o perfil das famílias pioneiras de imigrantes italianos do Núcleo Colonial de São Caetano pela perspectiva da história oral. Fruto de uma pesquisa de mestrado, apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o referido trabalho converteu-se em um livro, denominado *Herdeiros da*



Fundação: trabalho e família em São Caetano, publicado, em 1998, pela Prefeitura de São Caetano em parceria com a Editora Hucitec. De autoria de Eliane Mimesse, o outro trabalho que serviu de referência também resultou de uma pesquisa de mestrado, só que apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação (História, Política e Sociedade) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Sob o título *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*, a mencionada pesquisa foi publicada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 2001.⁴

Essas reminiscências constituem o cerne do presente artigo, na medida em que fornecem ricos detalhes do cotidiano das crianças da cidade, o qual era permeado, predominantemente, não pelas brincadeiras e deveres escolares, mas sim pelo trabalho, quer no âmbito doméstico, quer em segmentos que contribuíam mais significativamente para o sustento familiar, como, por exemplo, as atividades agrícolas, oleiras e industriais. Em virtude de seu conteúdo e das reflexões suscitadas, os relatos destacados confirmam a sua importância não só para as discussões aqui encaminhadas, mas ainda para futuras pesquisas



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Olaria de Benedito Moretti, que aparece de paletó escuro e chapéu, na fileira do centro, mais à direita. Em primeiro plano, destaque para as crianças tijoleiras. Foto da década de 1910

Ambos os trabalhos, dentro de suas respectivas propostas e finalidades, trazem aspectos de discussão a respeito da presença da criança em atividades produtivas que integravam o universo do trabalho da São Caetano do final do século 19 e da primeira metade do século 20. Se as abordagens de Eliane Mimesse fornecem indícios plausíveis sobre a absorção da mão de obra infantil pela lavoura, olarias e indústrias locais, a partir da constatação de uma evasão escolar em São Caetano, em determinados períodos, por outro, Cristina de Lourdes Feres apresenta depoimentos de membros de antigas famílias italianas que ressaltam, de maneira mais incisiva, tal realidade, ao apontarem lembranças das obrigações e tarefas que desempenhavam em seus tempos de criança.

que pretendam versar sobre a temática da infância em São Caetano, com suas distintas e variadas interfaces, das quais a pungente questão do trabalho.

As obrigações domésticas e o trabalho agrícola - Com a ascensão da produção oleira no cenário econômico de São Caetano, atividades como as ligadas à pecuária e à agricultura adquiriram um caráter complementar frente à subsistência das famílias locais. De acordo com José de Souza Martins, o trabalho agrícola “só podia absorver o trabalho familiar marginal, de mulheres e menores, e produzir um rendimento acessório.”⁵

Mesmo não se constituindo na fonte principal de renda, tais atividades tinham a sua importância e, por isso, não deixaram de existir, o que é compre-

sível, ainda mais se forem levadas em consideração as duras condições de vida e a escassez de recursos reinantes entre o final do século 19 e os primeiros anos do 20. Essa situação teria, no entender de Cristina Feres, “acentuado a relação do binômio família-trabalho, a ponto de o aproveitamento da mão-de-obra familiar poder ser explicativo da constituição de famílias extensas neste momento.”⁶

E, de fato, as necessidades materiais explicam o engajamento de todos os membros de um grupo familiar nas principais atividades econômicas, naquela época, em São Caetano. “Todos os esforços estavam voltados ao grupo familiar e ao negócio da família”,⁷ de modo que a divisão do trabalho nela se dava “em função das capacidades efetivas de seus membros, determinadas pelo sexo e pela idade.”⁸ Desta forma, as crianças foram aproveitadas não apenas nos trabalhos que forneciam o grosso do sustento, como, por exemplo, os relativos às olarias, como ainda na lavoura, na criação de animais e em outras atividades desempenhadas no âmbito doméstico.

No caso específico das meninas, os relatos evidenciam a predominância de sua presença nos trabalhos domésticos, conforme lembrou Adazir Garbelotto: “A minha tia, irmã de meu pai, não chegou a trabalhar em olaria, ela foi poupada desse serviço mais pesado porque ficava cuidando da casa e, aprontando alguma coisa para comer, enquanto a minha avó estava na olaria fazendo tijolos.”⁹

Em alguns casos, a força de trabalho das meninas era tão imprescindível para as suas respectivas famílias, em razão das carências materiais e dificuldades financeiras pelas quais passavam, que elas se tornavam empregadas domésticas em outros lares, a fim de contribuir com o orçamento. O relato de Adazir Garbelotto é, mais uma vez, precioso. Ao referir-se aos Mantovani, de sua mãe, ela expôs: “Esta foi uma família sofrida, pois todos precisavam trabalhar muito para poder ter alguma coisa. Minha mãe, desde novinha, foi empregada doméstica. Diz que ela nem alcançava no fogão ainda e já era cozinheira! A patroa dela havia mandado fazer um banquinho para ser colocado perto do fogão; com isto minha mãe poderia alcançá-lo e cozinhar.”¹⁰

Os cuidados com a terra e com os animais integravam também a rotina de afazeres das crianças. Nas lembranças de outros antigos moradores de São Caetano, fica evidente a grande carga de obrigações destinadas aos menores, que, desta forma, quase não tinham tempo para os momentos de lazer. A seguir, aparecem, respectivamente, as falas de Verino Segundo Ferrari, Joanna Fiorotti e Geraldo Braido, as

Olaria pertencente a Carmine Perrella, em foto de 1915. Entre a equipe de trabalhadores, um número razoável de crianças

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



quais atestam o considerável espaço ocupado pelo trabalho na vida das crianças da cidade:

“Quando era criança não sobrava tempo para brincadeira nenhuma. Tinha que limpar a coqueira, buscar capim, cavocar a terra... Estava sempre trabalhando, sempre... Na nossa casa tinha de tudo: burro, porco, galinha, vaca... Tinha bastante plantação, que dava para o ano inteiro.”¹¹

“Lá no sítio eu também trabalhava na terra com meu pai, fazia de tudo. Não fui trabalhar para ninguém, fiquei só ajudando-o. Fazia também todo serviço que precisava no quintal, na plantação... Ajudava a cuidar da criação, que era muita...”¹²

“Naquele tempo todo mundo tinha que ajudar em casa. Quando estava com oito anos, todos os dias pela manhã antes de ir para a escola, tinha que fazer o pastoreio: levava as vacas para o pasto às seis e meia da manhã ... e as deixava lá pastando... Enquanto isso ia para o grupo escolar, de onde saía às onze horas; almoçava e só depois buscava as vacas lá na Vila Prosperidade.”¹³

Embora o depoimento acima aponte para a conciliação entre trabalho e estudos, relatórios enviados pelos professores de São Caetano ao Inspetor Geral da Província e ao Diretor da Instrução Pública, no período dos dez primeiros anos das atividades de ensino na localidade (1883-1893), informam a observância de evasão escolar em decorrência da absorção do trabalho infantil por parte das principais atividades econômicas em curso, naquela época. Conforme esclarece Eliane Mimesse, “podemos perceber que o número de crianças que não freqüentavam a escola era grande, e que menores de sete anos eram aceitos, ocupando as vagas das crianças maiores, que tinham outras ocupações.”¹⁴

A ideia que circulava naquela ocasião, segundo a qual “os trabalhadores não deveriam ter escolarização, mas somente deveriam produzir para engrandecer o país”¹⁵, era relativizada pela proposta de valorização da escola em núcleos coloniais como o de São Caetano, desde que ela não “interferisse

no trabalho desempenhado pelas crianças, meninos e meninas maiores de oito anos.”¹⁶

Em 1885, a professora Elisa Angélica de Brito Alambert, da escola feminina local, foi bastante severa ao relatar a questão da frequência das alunas junto às autoridades competentes. Na sua concepção, as obrigações destinadas às crianças eram extremamente maléficas à educação delas, não poupando, neste sentido, críticas aos pais das mesmas: “As classes operárias, como V. Sa. bem o sabe, pouco zelosas da educação dos filhos, sem avaliar devidamente o mal que dessa incuria lhes advém, obrigam geralmente os filhos aos trabalhos domésticos em prejuízo da sua frequência nas escolas publicas.”¹⁷


O teor veemente do discurso da professora sugere uma tensão entre os interesses inerentes à prática do ensino e os relativos ao trabalho, que era o centro da realidade em São Caetano, prevalecendo sobre os demais aspectos da vida de seus moradores, polarizando o seu cotidiano. Especificamente em

relação às crianças, a predominância do labor pode ser avaliada pela constatação de que as atividades que compõem, normalmente, as sociabilidades infantis, como práticas lúdicas e de aprendizagem formal (escolarização), eram relegadas a um plano secundário.

As funções desempenhadas nas olarias - Se a presença de crianças em atividades econômicas consideradas complementares era significativa, tal não poderia ser diferente

diante de uma produção como a oleira, que adquiriu a condição de base da economia local, com a queda da produtividade agrícola, a partir de 1888.¹⁸

Como bem argumenta Flávio Ficarella, “as olarias formavam um núcleo onde todos se conheciam. Oleiros, caçambeiros, pipeiros, batedores, lançadores, todos iniciavam desde as primeiras horas a ingrata tarefa de domar o barro. (...) Como não podia deixar de acontecer, as crianças também eram recrutadas para o trabalho, inclusive há notícias de crianças tijoleiras com apenas cinco anos de idade.”¹⁹


“NAQUELE TEMPO TODO MUNDO TINHA QUE AJUDAR EM CASA. QUANDO ESTAVA COM OITO ANOS, TODOS OS DIAS PELA MANHÃ ANTES DE IR PARA A ESCOLA, TINHA QUE FAZER O PASTOREIO (...)”





Olaria de Ângelo Moretti, em foto de 1916. Nela também se constata a presença da mão de obra infantil

Segundo Eliane Mimesse, o trabalho nas olarias era motivo de orgulho para os filhos de seus proprietários, apesar da pouca idade desses pequenos trabalhadores. “Todos ajudavam, inclusive as meninas, que trabalhavam junto com os meninos pequenos. (...) muitos deixavam de ir à escola em alguns meses do ano para ajudar neste serviço.”²⁰

O testemunho de Joanna Fiorotti vem, mais uma vez, corroborar as discussões feitas. Conforme lembrou, o trabalho de crianças nas olarias fazia com que elas abandonassem os estudos: “(...) muitos daqueles que tinham olarias aqui em baixo, no Bairro da Fundação, tiravam suas filhas da escola quando completavam o segundo ano, sabe por quê? Para irem lançarem tijolos! Estudaram pouco elas... Era

costume os filhos trabalhar [sic] com os pais nas olarias das famílias...”²¹

Pelo que foi revelado pelos relatos anteriores, conclui-se que havia uma divisão de funções entre as crianças, de acordo com o gênero e a idade de cada uma delas. Os depoimentos que virão a seguir confirmam isso, sendo paradigmáticos do tema em questão, tanto em função da riqueza de seus conteúdos, quanto por conta da imensa subjetividade que eles carregam. Tais depoimentos foram fornecidos, respectivamente, por Geraldo Braido, Adazir Garbelotto e Joanna Fiorotti:

“Tinha sempre três ou quatro bancadas de tijolos, uma para cada tijoleiro com um ajudante. Este era sempre um menino. Já o tijoleiro (...) era uma pes-



Crianças na olaria da família Perrella, em 1926

soa adulta porque se precisava de muita força para bater o barro na forma a fim de enchê-la.”²²

“Já o meu pai – Francisco Garbelotto – era um menino bem forte. Ele trabalhava na olaria (...), porém o seu serviço já não era tão duro quanto o do meu avô e da minha avó. Ele trabalhava mais na busca de barro: pegava uma carrocinha com os burros e ia descarregar o barro dos vagões da São Paulo Railway.”²³

“Não era um trabalho duro, não. Era justamente para gente não muito grande, porque não se fazia muita força.”²⁴ (sobre as funções que exigiam menor esforço, como, por exemplo, a de lançador de tijolos, exercida, geralmente, por meninas).

As atividades nas indústrias - De acordo com Eliane Mimesse, “a leitura e a escrita em português tornaram-se cada vez mais necessárias. Talvez a fluência na língua portuguesa contribuisse para que estas crianças, no futuro, conseguissem melhores colocações nas novas fábricas inauguradas na localidade. Estas fábricas atraíam muitos trabalhadores de fora, que possivelmente substituíram parte das crianças.”²⁵

A suposição da referida autora é plausível, mas não se pode deixar de considerar que, mesmo com a crescente industrialização e com o ingresso de um número significativo de trabalhadores nas fábricas locais, o trabalho infantil persistiu, conforme atestam registros fotográficos e as lembranças de antigos moradores, as quais trazem à tona as experiências vivenciadas nas atividades industriais que exerceram, nos tempos de criança. Esses registros iconográficos e orais, embora não forneçam números ou índices relativos ao percentual da participação desta mão de obra no trabalho industrial local, constituem-se em evidências importantes para a abordagem do assunto, uma vez que apontam informações que interessam à temática, como as que mostram quais eram as principais fábricas empregadoras de crianças, na cidade, e quais as funções destinadas, especificamente, a elas.

São Caetano, ao apresentar menores entre o quadro de operários de suas indústrias, acompanhou uma tendência que integrava a própria conjuntura histórica da industrialização dos grandes centros ur-

banos nacionais. Essa tendência, por sua vez, resultava de uma convergência de fatores, como as precárias condições socioeconômicas de inúmeras famílias habitantes daqueles grandes centros, o que impelia os seus filhos para o trabalho fabril, e a inexistência de políticas públicas e de uma legislação que pudessem inibir a exploração desta mão de obra. Em São Paulo, “a quantidade de crianças e adolescentes disponíveis era tão expressiva que Francisco Matarazzo havia se esmerado em termos da absorção da mão-de-obra na Fábrica de Tecidos Mariângela, a ponto de adquirir, para as crianças que empregava, máquinas de tamanho reduzido para facilitar o manuseio por parte dessas infelizes.”²⁶

No complexo industrial que o empresário italiano mantinha em território sul-sancaetanense, verificou-se também a presença de pequenos trabalhadores. Bastante oportunas são as lembranças de Mário Porfírio Rodrigues a respeito do período em que trabalhou na seção de rayon do grupo, após ter passado por outras duas famosas fábricas da cidade: Louças Adelinas e Indústrias Aliberti. As atividades que desenvolvia na Matarazzo foram, minuciosamente, relatadas por ele na edição de número 25 da revista *Raízes*. Por apresentar um conteúdo que vem ao encontro do tema deste artigo, compreensível que, pelo menos, uma parte de suas reminiscências fossem aqui transcritas. Em vista disso, selecionei trechos de seu relato que dizem respeito a peculiaridades do

Operários da fábrica de colchões F. Cigolo & Cia. Ltda, em foto de 1922. As crianças nela empregadas encarregavam-se da coleta de capim nas várzeas dos rios Tamanduaeté e Meninos para a forração dos colchões produzidos



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

cotidiano do trabalho infantil nas indústrias locais:

“(...) meu irmão trabalhava como apontador na carpintaria das Indústrias Matarazzo e conseguiu um lugar para mim de ajudante de carpinteiro (...)

Com Onofre Russo e mais um empregado preparávamos caixas de madeira. Cada semana ou dez dias ajudávamos o carpinteiro a serrar as tábuas nos tamanhos das caixas. Nos dias seguintes montávamos e pregávamos as caixas, separando as tampas que o setor de expedição usava, após colocar os fios de raiom que eram despachados para os clientes (...)²⁷

Era comum surgir um trabalho maior para os carpinteiros, que nos chamavam para ajudá-los. E íamos com eles para o interior da fábrica. Lembramos de tanques enormes, feitos em madeira pe-roba, que eram montados no local definitivo e depois recobertos com placa de chumbo. Ácidos aí eram depositados para a lavagem dos fios. Outras vezes eram reformas nas prateleiras dos almoxarifados gerais. Aos sábados à tarde fazíamos a limpeza da carpintaria e levávamos os retalhos de madeira e a serragem para serem usados como combustível no setor de calderaria, que fornecia calor para todas as secções do complexo industrial. (...)”

Um outro testemunho riquíssimo sobre as atividades industriais que eram, geralmente, assumidas por crianças é o de Manoel Claudio Novaes, que, em seu conhecido livro *Nostalgia*, reservou um espaço para relembrar uma curiosa tarefa executada por meninos da cidade, na indústria de botões Aliberti: o bater coco. Consistia ela em descascar coquinhos com um pedaço de ferro para retirar a semente com a qual os botões eram fabricados.

“Ouvira algumas vezes de alguns garotos que, lá na fábrica de botões do Aliberti, aceitavam meninos para ‘bater-coco’. Um dia, eu e um amigo vizinho, após as aulas no Grupo Escolar Senador Flá-



quer, rumamos para a fábrica. Entramos pela Rua Rio Grande do Norte, atual José do Patrocínio, até o fim, passando por todo o descampado e postamo-nos em frente ao portão da fábrica (...) Ficamos aí aguardando os acontecimentos, pois não sabíamos como nos anunciar e a fábrica ficava longe da entrada, lá adiante, às margens do Rio dos Meninos. Casualmente veio um homem ao portão, o qual nos perguntou se queríamos trabalhar. Desajeitados, assentimos com um movimento de cabeça. Convidou-nos a entrar e seguimos com ele. Bem lá no interior, num primeiro plano, à esquerda, uma grande área cimentada, cercada por mureta de uns dez centímetros de altura, mais ou menos, cheia de coquinhos com os que eram fabricados os botões; e sentados por aí muitos meninos ‘batendo coco.’ Ao fundo e à direita, a fábrica propriamente dita. A nossa chegada foi recebida com gritos e muita alegria. Deram-nos uma lima gasta e imprestável para o seu fim principal, com a metade de uma das bordas esmerilhadas, formando ângulos vivos, com a qual descascava-se o coco, e uma lata de

Inúmeros meninos nas dependências das Indústrias Aliberti, em foto de 1937. Eram eles que realizavam o trabalho de bater coco, tendo em vista a obtenção da matéria prima utilizada na confecção dos botões

vinte litros, evidentemente vazia, destinada à coleta dos cocos descascados. Procuramos um lugar junto aos demais meninos, sentamos sobre um pedaço de saco, seguramos um coco com a mão esquerda, firmando-o sobre um pedaço de madeira e pusemo-nos a descascá-lo. Ah! não era fácil! Uma vez porque não mantínhamos firmemente o coco e a maioria das vezes porque a casca resistia. Continuamos sob a orientação dos mais antigos e mais experientes. Já passamos algumas horas agradáveis, contando e ouvindo histórias, enquanto trabalhávamos. (...)

A produção mínima diária era de um quilo. O nosso 'salário' era de um tostão (cem réis) por quilo de coco descascado. Ao fim do dia íamos à pesagem e recebíamos por quilo uma ficha colorida e no sábado descontávamos as fichas por dinheiro.

Não me foi fácil sair dos quinhentos réis por semana. Mas não importava, dava para o cinema, o principal divertimento dominical da criançada. Para a maioria dos meninos, 'bater coco' significava a possibilidade de acompanhar o seriado exibido no cinema. Acompanhar os mil e um perigos a que se expunha Ruth Rolland com os terríveis peles-vermelhas; ou, então, acompanhar as peripécias do Tom Mix e Walter Miller; rir com Lary Simon e Chico Bóia, Carlitos, Harold Lloyd, Buster Keaton e outros.

'Bater coco' era também um grande prazer – fazer novos amigos, ouvir histórias num ambiente gostoso e sadio.

Foi uma época muito boa, inesquecível mesmo, da minha infância.

'Bater coco'! Quem o fez sente saudade. Ganhar brincando, contando e ouvindo histórias; rindo de tudo... até da resistência daquela casquinha grudada ao coco, resistindo teimosamente aos golpes da ferramenta...

Ah! meu caro Aliberti! Quantas alegrias você nos proporcionou em nossa infância! Para alguns, divertimentos, para outros, a possibilidade de contribuir para o pagamento das despesas da família. (...)"²⁸

A participação de crianças nos variados se-

tores produtivos da economia de São Caetano estava em consonância com uma tendência que vinha sendo verificada não só nos grandes núcleos urbanos, como São Paulo, mas também em outras cidades brasileiras. Em todas essas localidades, o cotidiano da infância estava condicionado, em grande parte, pelo mundo do trabalho. **R**

NOTAS

- ¹ Foram notórias as contribuições advindas do movimento dos Annales para a observância de um redimensionamento teórico e metodológico na produção do conhecimento histórico. A gênese de tal movimento encontra-se no surgimento, em 1929, da Revista Les Annales d'Histoire Économique et Sociale, responsável pela difusão de novas perspectivas, abordagens e concepções acerca da escrita da história. A partir de então, iniciou-se um processo de ruptura com a historiografia positivista, que vinha exercendo um grande domínio desde o final do século 19 e que, de forma geral, privilegiava estudos de fatos políticos por um prisma linear e narrativo dos feitos de reis, rainhas e demais autoridades. Em torno da mencionada revista, desenvolveu-se um movimento que teve como pioneiros Marc Bloch e Lucien Febvre, dissidentes da Revista de Síntese e fundadores da Revista dos Annales. Entre as propostas veiculadas pelo movimento dos Annales, por meio de suas distintas gerações, merecem destaque as seguintes: interdisciplinaridade (ou seja, o diálogo da História com as demais áreas das ciências humanas), valorização de diferentes categorias de fontes (além dos documentos escritos, passaram também a ser consideradas fontes históricas as fontes orais, iconográficas, arqueológicas, entre outras), abrangência temática, o que abriu caminho para a realização de pesquisas a respeito de grupos sociais não hegemônicos, principalmente a partir de uma dimensão cultural que contemplava aspectos do cotidiano e dos modos de vida de seus integrantes. Parafraseando Peter Burke, a "Escola" dos Annales foi a Revolução Francesa da historiografia. Além de Bloch e Febvre, outros "revolucionários" do movimento devem ser citados, dentre os quais: Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Pierre Nora, Le Roy Ladurie e Georges Duby.
- ² WARDE, Mirian Jorge. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 21-39, jan./jun. 2007, p. 23.
- ³ SARAT, Magda apud BRANCHER, Vantoir Roberto; NASCIMENTO, Cláudia Terra do; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica. *Linhas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 4-18, jan./jun. 2008, p. 15. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/File/1394/1191>. Acesso em: 3 abr. 2012.
- ⁴ O livro mencionado já está em sua segunda edição. Publicada em 2010 pela editora paulistana Iglu, a citada edição sofreu algumas alterações em relação ao texto da primeira.
- ⁵ MARTINS, José de Souza. A comunidade na sociedade de classes: estudo sociológico sobre o imigrante italiano e seus descendentes no subúrbio de São Paulo (Núcleo Colonial de São Caetano). São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 1970, p. 120 apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. *Herdeiros da Fundação: trabalho e família em São Caetano*. São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1998, p. 98.
- ⁶ FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 89-90.
- ⁷ *Ibidem*, p. 98.
- ⁸ *Ibidem*, p. 98.
- ⁹ GARBELOTTO, Adazir apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 99.
- ¹⁰ *Ibidem*, p. 101.
- ¹¹ FERRARI, Verino Segundo apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 108.
- ¹² FIOROTTI, Joanna apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 103.
- ¹³ BRAIDO, Geraldo apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 116.
- ¹⁴ MIMESSE, Eliane. O cotidiano escolar em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 57-58, jan. 1994, p. 57.
- ¹⁵ *Ibidem*, p. 57.
- ¹⁶ *Ibidem*, p. 57.
- ¹⁷ *Relatório ao Inspetor-Geral da Província e ao Diretor da Instrução Pública*, 1 nov. 1885 apud MIMESSE, Eliane. O cotidiano escolar em São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 57-58, jan. 1994, p. 58.
- ¹⁸ Baseada em análises de estudiosos, como José de Souza Martins, Cristina de Lourdes Feres informa que a agricultura predominou nos dez primeiros anos de vida do Núcleo Colonial de São Caetano. Contudo, a partir de 1888, esse quadro começaria a modificar-se em razão da considerável queda sofrida pela produtividade agrícola, principalmente pela vitivinicultura, por ocasião de uma praga que assolou as parreiras da região e as demais culturas, como a de milho e feijão, afetando a alimentação dos colonos. Por força dessa crise, "parte da população teria sido levada ao exercício de atividades econômicas marginais: extração de carvão vegetal, madeira, barro. Foi quando começaram a surgir as primeiras olarias." Cf. FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. *Herdeiros da Fundação: trabalho e família em São Caetano*, p. 90.
- ¹⁹ FICARELLI, Flávio. Trabalho rude das olarias foi elo precursor da economia de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 14, p. 61-63, jul. 1996, p. 62.
- ²⁰ MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2001, p. 72.
- ²¹ FIOROTTI, Joanna apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 98.
- ²² BRAIDO, Geraldo apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 99.
- ²³ GARBELOTTO, Adazir apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 98.
- ²⁴ FIOROTTI, Joanna apud FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino, op. cit., p. 99.
- ²⁵ MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*, p. 67.
- ²⁷ MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999, p. 264 apud CUNHA, Marciano de Almeida; OGLIARI, Cassiano Roberto Nascimento. A exploração do trabalho infantil no Brasil República e sua relação com a questão do gênero: uma perspectiva histórica. Disponível em: <http://www.sbbe.org.br/novo/congressos/sbbe3/Documentos/Individ/Eixo6/407.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2012.
- ²⁸ RODRIGUES, Mário Porfírio. A maravilhosa Fábrica Rayon. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 25, p. 9-10, jul. 2002.
- ²⁹ NOVAES, Manoel Claudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1991, p. 113-114.

(*) **Cristina Toledo de Carvalho** é historiadora, supervisora do Museu Histórico Municipal e mestre em História Social pela PUC/SP



A EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA PRIMÁRIA NOS ANOS INICIAIS DO SÉCULO 20: a escola das crianças italianas e ítalo-brasileiras

(*) **Eliane MIMESSE**

A educação primária será abordada neste artigo a partir das escolas que mantinham como alunos as crianças estrangeiras, ou filhas de estrangeiros nascidos no Brasil. Essas instituições de ensino primário, frequentadas por esse público, foram criadas no século 19 e persistiram até meados do século 20. A difusão dos grupos escolares e o conseqüente aumento das vagas acabaram por torná-las obsoletas. Nos anos de 1930, o governo estadonovista fechou todas as escolas privadas de estrangeiros no país, contribuindo para a mudança desses alunos para as escolas primárias públicas.

Entretanto, no início do século 20 o Estado de São Paulo convivia com uma realidade escolar inusitada. Existiam as escolas primárias públicas e as escolas primárias italianas, subsidiadas pelo governo italiano, além de muitas outras escolas privadas leigas, religiosas e de outras etnias. Essa situação é também concomitante à existência dos grupos escolares, estabelecimentos públicos estaduais construídos em edifícios especiais para o ensino primário.

As escolas primárias estaduais eram chamadas de isoladas e primavam pela falta de vagas, materiais escolares e professores concursados. As escolas italianas contavam com profes-

sores nativos, que também não tinham a devida titulação no Brasil ou no seu país de origem, e ensinavam aos alunos os conteúdos estabelecidos nos programas das escolas da Itália. Em contraponto, os grupos escolares que existiam na capital e em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo, desde os anos finais do século 19, eram elogiados por apresentarem uma divisão clara nos horários. Os professores contavam apenas com uma turma, todos os alunos tinham a mesma idade e o mesmo grau de adiantamento. Além de receberem utensílios para o ensino necessários a todos os aprendizes, havia ainda a figura de um diretor, que zelava pela magnitude do estabelecimento.

Neste ínterim, foca-se nas escolas primárias estaduais que mantinham professores concursados e que contavam com alunos todos italianos ou filhos de italianos. Esse era o caso das escolas isoladas situadas em São Caetano e em várias outras antigas colônias do Estado. Nesse ponto criaram-se vários impasses: primeiro, o governo paulista pretendia formar cidadãos brasileiros, alfabetizando as crianças estrangeiras e os filhos de estrangeiros na língua portuguesa, mas o tempo destinado à escolarização era mínimo, de modo que os três anos em que as crianças teoricamente



Credito/Ilustração de Jayme da Costa Prado (2001)

deveriam frequentar a escola não eram satisfatórios para apresentarem pleno domínio do idioma; segundo, não existiam escolas primárias públicas suficientes para o imenso número de crianças italianas e filhas de italianos residentes, por exemplo, na cidade de São Paulo; e terceiro, o governo italiano recém-unificado passou a subsidiar a criação de escolas primárias nos países em que a colonização foi muito ampla, com o intuito de manter nas crianças um sentimento de amor à pátria de origem.

Era essa a condição das escolas primárias para crianças italianas e filhas de italianos que viviam em São Paulo nos primeiros anos de século 20. As situações apresentadas acima serão esclarecidas enfocando, principalmente, as cidades de São Paulo e de São Caetano nos anos iniciais do século passado.

Os debates sobre as escolas primárias estaduais na cidade de São Paulo acirraram-se quando o número de crianças em idade escolar tornou-se muito maior que o número de vagas disponíveis. O governo do Estado tinha a pretensão paulatina de unir as escolas isoladas em um mesmo espaço físico, passando a denominá-las de escolas reunidas, para, após a efetivação desta reorganização, alçá-las à categoria dos grupos escolares. Esse processo foi o que ocorreu em São Caetano, culminando com a inauguração do Grupo Escolar no Bairro da Fundação. Em verdade, a desagregação e a precariedade das escolas estaduais isoladas localizadas na cidade de São Paulo, acabaram por propiciar o espaço para a criação e a expansão das muitas escolas italianas privadas.

Na capital, no ano de 1909, segundo o *Anuario do Ensino*, existiam 24 grupos escolares, a maior parte deles localizada na região central da cidade¹. O Bairro do Brás era o único que contava com três grupos. Em São Caetano, o grupo só foi criado no ano de 1920, até esse momento as escolas eram isoladas. As vagas existentes nos grupos não eram suficientes, apesar de existirem na capital 32 escolas isoladas masculinas e 35 femininas. O problema era a população em idade escolar extremamente ampla, para muito além das perspectivas de vagas disponíveis nas escolas estaduais.



Para reduzir a procura pelas escolas italianas seria necessário que o governo do Estado se preocupasse com a distribuição em todas as escolas isoladas dos materiais para o ensino e garantisse a infraestrutura básica para seu funcionamento. De acordo com o *Anuario de Ensino do Estado de São Paulo* (1907, p. 396), a fim de que a opção dos pais em matricularem seus filhos nas escolas italianas fosse paulatinamente reduzida, este quadro persistia em função do contraponto com as escolas públicas, porque “(...) as escolas italianas, são preferidas pelos pais. O governo italiano protege e auxilia as escolas que a colônia mantém, ao passo que o Estado (de São Paulo) as abandona completamente”.

Escolas primárias em São Caetano: a sala das meninas e a sala dos meninos - As escolas isoladas mantidas pelo governo do Estado apresentavam muitas deficiências no seu funcionamento. Pode-se listar os problemas por elas encontrados no seu desenvolvimento, quanto ao espaço físico, aos materiais didáticos, à formação dos professores e à diversidade de métodos de ensino aplicados. Normalmente, o espaço físico era indevido por ocupar um cômodo qualquer ou uma das salas de uma residência de família, normalmente a do professor. Essas escolas eram compostas por apenas uma sala em que conviviam crianças de idades e níveis de aprendizagens diferentes.



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Primeira escola feminina de São Caetano, que ficava localizada na Rua Perrella. Foto de 1912

Os documentos apontavam para a inexistência de móveis destinados especialmente às estas escolas, usavam-se bancos, caixotes de madeira, mesas improvisadas e cadeiras dos mais diversos tipos, muitas vezes cedidos pelos pais dos alunos, como foi citado por Mimesse (2010). Os materiais escolares solicitados pelo professor no início do ano letivo nem sempre chegavam até as escolas e, muitas vezes eram falhos, sendo que a remessa de livros e cadernos contemplava o que existia nos depósitos da Secretaria do Interior. Na maioria das vezes o material distribuído não era, exatamente, o mesmo que o solicitado.

Em São Caetano a cadeira da escola feminina foi regida, na passagem do século, pela professora Joanna de Almeida Motta, de fevereiro de 1894 até 1911. A escola permanecia ocupando uma das salas da casa de Celeste De Nardi (atual sede do Museu Histórico Municipal), até sua mudança para o edifício do grupo escolar.

As alunas, todas filhas de italianos, nunca foram em número menor ao de 26. O número sempre era reduzido no mês de janeiro, quando as aulas começavam por volta do dia 20. As desistências eram mínimas, muitas meninas saíam da escola por

alguns meses e depois voltavam para terminar o curso de três anos.

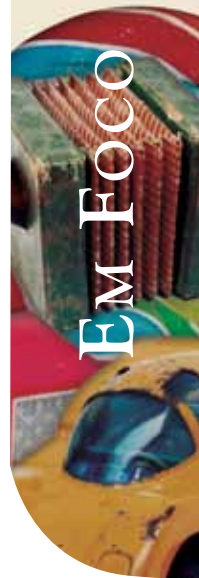
Muitas vezes o material das alunas era composto por um livro, um caderno e algumas penas, que eram comprados pela professora, com o dinheiro dado pelos pais. O horário da escola ocupava parte da manhã e da tarde, o recreio ocorria por três vezes, sendo que o de maior duração era o da hora do almoço.

A escola isolada masculina, no ano de 1900, havia mudado para uma das casas da Estrada de Ferro São Paulo Railway Company, com o novo professor José Roberto dos Santos Cardozo, que ficou na cidade por dois anos. Em setembro de 1902, assumiu a cadeira o professor Antonio Mendes da Silva, que permaneceu em São Caetano pelos cinco anos seguintes. Ele seria removido no início de 1908 e substituído por Alfredo Guedes Lopes, que ficou em São Caetano até 1911.

O número de alunos matriculados na escola masculina, todos eles filhos de italianos, entre os anos de 1905 e 1911, foi mais baixo apenas entre os anos de 1905 e 1907, aumentando nos outros anos. Estas alterações nos números das matrículas podem ser explicadas pelas licenças dos professores e pela epidemia de coqueluche, que obrigou muitas crianças a ficarem em casa. Em média a escola masculina contava com 40 alunos matriculados todos os anos.

Transformações e mudanças no cotidiano escolar - No contexto das condições gerais nas escolas isoladas, ocorria outro debate, reiterado por várias vezes nos textos contidos nos Anuários de Ensino. Era a questão que tratava da obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa. Desde a lei estadual nº 489, de 29 de dezembro de 1896, o ensino da língua nacional, da história e da geografia do Brasil tornou-se obrigatório nos estabelecimentos particulares de instrução primária. Essa lei visava, principalmente, as escolas estrangeiras, criadas e frequentadas pela população imigrante. Mas, o que era instituído legalmente nem sempre se cumpria prontamente.

Eram muitas as escolas italianas com alunos e professores que falavam e escreviam em italiano,



ou como as que existiam em São Caetano, onde as crianças falavam um idioma em casa e outro na escola pública. A língua portuguesa era ensinada pelos professores na escola e certamente utilizada por eles para se comunicarem, mas dificilmente conseguiriam viver na cidade de São

São Paulo (1907, p. 396), era a possibilidade de o governo transformar todas as escolas estrangeiras italianas em “auxiliares na instrução do ensino, sujeitando-as, porém, a um regime uniforme de organização, e fiscalizando-as assiduamente em seu funcionamento”.

Esse risco existia principalmente na cidade de São Paulo. Os inspetores de ensino da capital verificavam que as escolas privadas italianas contavam com um número grande de alunos todos os anos. Em São Caetano não foram encontrados documentos que relatassem a existência de escolas privadas primárias no início do século 20. Há notícias de escolas privadas na cidade apenas nos anos finais do século 19, e no período posterior aos anos estudados neste artigo. Mesmo com a vigência da lei de 1896, esses inspetores não tinham como fiscalizar seu cumprimento. Exatamente porque as escolas italianas eram como as escolas isoladas estaduais e funcionavam em locais os mais diversos, nem sempre caracterizadas como uma escola, e por conta do baixo número de inspetores escolares concursados existentes na cidade de São Paulo nesse momento. Mas, apesar de todos os conflitos de caráter étnicos, políticos ou as dificuldades estruturais dessas escolas primárias, as crianças conseguiram frequentá-las, e foram alfabetizadas em português ou em italiano. Entretanto, nada se pode dizer efetivamente a respeito de qual era o idioma usado corriqueiramente para as conversas informais. **R**



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Professores e alunos do Grupo Escolar Senador Fláquer, em 1925

Paulo ou em São Caetano se não entendessem o mínimo da língua italiana. Essa situação, que ocorria na cidade de São Caetano, fez com que uma das professoras, nos anos finais do século 19, enviasse um relatório ao inspetor escolar reclamando da dificuldade na aprendizagem das meninas, já que elas não entendiam o que a professora falava ou tentava ensinar.

Nesse contexto surgiu outro dilema, o risco que as escolas italianas apresentavam à nação brasileira, pois formavam crianças brasileiras natas em cidadãos italianos. Para reduzir essa ameaça, uma das soluções apontadas, segundo os dados do *Anuario de Ensino do Estado de*

NOTAS

¹ De acordo com os dados do *Anuario de Ensino* (1909) os Grupos Escolares da capital eram: Arouche, Avenida, Bela Vista, Bom Retiro, Brás, Belenzinho, Cambuci, Carmo, Liberdade, Maria José, Moóca, Pary, Prudente de Moraes, Santa Efigênia, São João, Sul da Sé e Triunfo. Nesta listagem pode-se considerar que os mais afastados da região central eram os da Barra Funda, Lapa, Santana e Vila Mariana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MIMESSE, Eliane. *A educação e os imigrantes italianos: da escola de Primeiras Letras ao Grupo Escolar*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2010.

SÃO PAULO. *Coleção das leis e decretos do Estado de São Paulo*. Tomo VI. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1896.

_____. *Anuarios do Ensino do Estado de São Paulo*: publicação organizada pela Inspectoria Geral do Ensino por ordem do Governo do Estado. São Paulo: Typ. Siqueira & C., 1907 e 1909.

(*) Eliane Mimesse realiza estágio Pós-Doutoral em História na PUCISP e é professora na Universidade Tuiuti do Paraná



Grupo de crianças não identificadas, fantasiadas para baile de Carnaval do São Caetano Esporte Clube. Foto da década de 1930

Grupo Escolar Senador Flaquer

Manoel Claudio Novaes

Resgatamos mais uma crônica de Manoel Claudio Novaes, publicada em seu livro *Nostalgia*, que nos remete ao seu dia a dia no Grupo Escolar Senador Flaquer. Nas próximas linhas, ele lembra, com saudades, como era o cotidiano escolar nos anos finais da década de 1920 e início dos anos 1930.



Inicialmente, Grupo Escolar de São Caetano, depois, com a instalação do 2º Grupo Escolar de S. Caetano (atual Bartholomeu Bueno da Silva), passou a chamar-se Grupo Escolar Senador Flaquer.

Seis salas de aula. Dois períodos: matutino, das 8 às 12 horas, só para meninos. Período vespertino das 12 às 18 horas, para meninas.

Não havia uniforme escolar. A maioria dos meninos descalços.

Às sete horas já se reuniam os garotos em frente da escola.

Brincadeiras... "Barra manteiga..."

Chega de São Paulo o trem das 7,40 horas.

Vindo da Rua São Caetano (atual Av. Cde. Francisco Matarazzo), aponta na Rua Heloisa Pamplona, o professor Belucci.

"Olha o seo Belucci" Terminam os folguedos. O professor Belucci passa pelo portão de entrada e os alunos seguem-no, dirigindo-se para o amplo pátio. Os demais professores chegam pouco depois. Vêm pela Rua Perrella.

Na frente do estabelecimento de ensino, belo e

bem cuidadoso jardim.

No pátio, paineiras, eucaliptos, bancos... Algararra dos garotos, sob o olhar vigilante do "seo" Lima, o porteiro.

Dez minutos para as oito horas, "seo" Lima dá um toque de sineta: "Blém!" Segundo toque. Os alunos, em ordem, formam filas, dois a dois, por classe, em frente à ampla escadaria que dá entrada ao estabelecimento pelos fundos.

Lá no alto da escadaria, o diretor, professor Alberto Perrenoud, cômico da importância do seu cargo; os professores Belucci, Waldemar Freire, dona Maria do Patrocínio, dona Hermínia, dona Marocas. Formam um semicírculo. Surge dona Zezé, que inicia e dirige o canto dos alunos: Hino Nacional, ou Hino da Independência ou Hino à Bandeira.

Termina o canto. Sempre em ordem e em silêncio, seguem os alunos para as respectivas salas de aula. Comemoradas com solenidade, cânticos e declamações: Descobrimto do Brasil, Dia da Ave, Libertação dos Escravos, Sete de Setembro, Dia da Árvore, Descobrimto da América, 15 de Novembro e Dia da Bandeira.

Boletim escolar pardo, em envelope pardo. Forte. Durável.

A escola emprestava aos alunos lápis de cor, régua e fornecia tinta para escrever.

Férias de 16 a 30 de junho e de 1º de dezembro a 31 de janeiro.

No encerramento do ano letivo cada aluno somava os pontos, referentes à assiduidade, comportamento e aplicação que davam direito a brindes.

Farta distribuição de balas.

Não havia Associação de Pais e Mestres.

Exposição de trabalhos manuais feitos pelos alunos de ambos os períodos, durante o ano.

Trabalho em madeira, tecelagem, cestos, saltos, bola ao cesto...

"Escola risonha e franca!"

Lembro-me ainda das professoras: dona Eulália, minha primeira professora no grupo escolar, que foi também foi professora do meu pai quando criança; dona Judith Miranda, dona Judith Sampaio e dona Izaide.

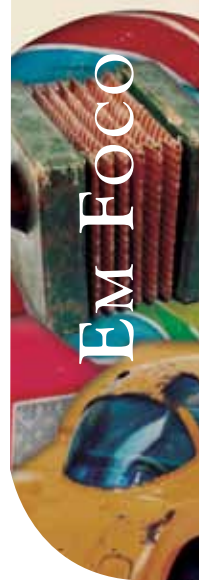
Queridos mestres, onde estão agora? No coração e na saudade dos que foram seus alunos e dos que os conheceram, tenho certeza!... **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991, p. 119-120.



Aerov/Hundagio Pro-Memória de São Caetano do Sul

Turma do Grupo Escolar Senador Flaquer em foto de 1933. Do lado esquerdo, vemos o diretor Jorge Adalberto Perrenoud, citado na crônica



Uma crônica sobre brinquedos, brincadeiras e memórias (1930/1945)

(*) Oscar GARBELOTTO



*Primos brincam
diante de barril
de chopp vazio
no pátio da
concessionária
da Antártica,
na Rua 28 de
Julho. A empre-
sa foi fundada
pelo avô das
crianças, Anto-
nio Bernardo
Garbelotto. Vemos, da di-
reita para a es-
querda: Sérgio
Alonso, Vilma
Garbelotto, Iole
Alonso, Osvaldo
Siviero e Oscar
Garbelotto*

E

ra uma vez uma pequena cidade, cujo bairro principal ficava margeado por dois rios. Um maior, denominado Tamanduateí (para os pirralhos, um nome estranho), o outro dizia mais respeito a nós, com o nome de Meninos. Ambos encontravam-se a pouca distância de nossas casas, quase todas situadas nas ruas 28 de Julho, Rio Branco e Mariano Pamplona. O Meninos desaguava no Tamanduateí, bem próximo à ponte de madeira que ligava São Caetano a São Paulo, pela Rua Ibitirama (outro nome estranho). Era ali um dos nossos pontos de encontro para a diversão: olhar, de cima da ponte, a grande barcaça conduzida por Giacomo Dalcin. Enquanto recolhia areia para as construções, peixes e mais peixes pulavam por cima da grande pá que remexia o fundo do rio. O rio tinha muitos peixes, sim!

Por este início dá para perceber quão difícil foi a tarefa solicitada pela Fundação Pró-Memória para esta revista: descrever brinquedos e brincadeiras de minha infância... Ora, tudo é brincadeira quando se é criança – até ficar olhando da ponte a tarefa do barqueiro Dalcin tirar areia e peixes que o limpo e piscoso Tamanduateí proporcionava... Mas, vamos tentar.



O nosso estádio |

Naquela época tínhamos um “estádio poliesportivo”. Era o famoso largo da Matriz, também depois conhecido como Praça Ermelino Matarazzo. Era o ponto inicial das ruas mais importantes do Bairro da Fundação: 28 de Julho e Mariano Pamplona. Na época com outros nomes que não recordo. Era nosso famoso campinho.

Todos os esportes ali se concentravam. O principal era a *pelada*, que ocupava o centro da praça sempre com bolas improvisadas. As mais comuns eram as feitas com meias velhas ou as de capotão, quando alguém ganhava no Natal ou aniversário. A largura do gol era marcada com pedras, o que sempre era motivo de grandes discussões. Quando a bola chutada ao gol passava por cima da pedra, era gol ou bola fora? Até hoje muitos chutes ficaram sem solução.

Do lado esquerdo da praça, bem próximo da casa de seu João Perrella (apelidado de João e dono do bar da esquina), eram demarcados os vários jogos de fubeca (bolas de gude) no chão de terra. Ali, nossa principal diversão era o triângulo, seguido do jogo dos buracos. No mesmo local também era feito o círculo dos piões. Assim era o jogo: cada participante colocava um pião de madeira no centro, após a preparação de sua peça principal, enrolando-o cuidadosamente com a fieira (um cordão no qual uma das pontas contava com uma tampinha de refrigerante colorida, para apoiar entre os dedos), atirava-se o pião contra os demais no círculo, com a intenção de jogá-los para fora. Quem conseguisse ganhava aquele pião. E assim ia até terminar as peças do círculo. Não raras vezes atirava-se o pião com tanta força que, ao atingir um dos outros lá depositados, rachava-o com sua ponta de ferro. Era uma proeza!

Do lado oposto da praça, em lugar amplo, ficavam aqueles que preferiam empinar pipas (ou papagaios). Não havia a facilidade de agora em comprá-las prontas. Cortávamos o bambu, fazíamos as varetas, comprávamos o papel de seda e, quando não havia a necessária moeda, era feita com papel de jornal mesmo. Quando a pipa era mais humilde,

feita apenas com jornal, sem varetas, ela recebia o nome de *capucheta* e também de *rabiola*. A linha, tão importante para atingir as alturas, a mãe fornecia. Restava a maquininha de enrolar o fio, sempre feita com madeira, um verdadeiro trabalho artesanal que terminava com a colocação de manivela de arame grosso. Depois era ir para a praça, apanhar um bom vento e competir com os demais. Não tinha, na época, a maldade de colocar o perigoso cerol na linha. Tudo era bonito, alegre, respeitoso e ético, apesar da humildade daquele grupo de pés no chão.

Quando uma brincadeira cansava, logo surgia outra, mesmo sem qualquer brinquedo. Era o momento das corridas, do salto em distância e salto em altura. As ideias surgiam a todo instante e a criatividade – e necessidade de participar – eram colocadas à prova. – “Amanhã, todos virão brincar a cavalo!” - Corram, salvem as vassouras ou puxadores de água das mães, porque, no dia seguinte todos compareciam com seus cavalos, com rédeas e tudo, para participar do grande combate entre mocinhos e bandidos, tal como visto na última matinê do Cine Central, programado pela família de Maximiliano Lorenzini.

O fim do estádio |

Mas sempre chega um dia para acabar com a alegria. A prefeitura de Santo André resolveu calçar com paralelepípedos o nosso “estádio”. Ficamos revoltados porque, afinal, a cidade não fazia nada por São Caetano (subdistrito). “Foi o Conde Matarazzo que mandou porque a praça serve para alguns poucos caminhões da fábrica”, diziam alguns. Enfim, nosso campinho de terra virou de pedra. Mas tudo foi passando. A cada 15 dias, o conde surgia com sua charrete, vindo da estação de trem, pela poeirenta Rua 28 de Julho, distribuindo moedas para a garotada. Bem que dava para alguns sorvetes.

Quanto ao campinho, tentamos. O Laurito logo tirou uma unha do pé; o Horácio Faccioli destroncou um dedão; eu, o Sabino e o Mário Migliani (Marinho) tiramos algumas lascas da sola do pé; o Infante, mais velho e bom de bola, soube manear; o Zé Lorenzini, outro bom jogador, também; mas

outros tantos não se acostumaram em pisar na áspera pedra. Resultado: lá se foi nosso “estádio”.

Mas uma reunião silenciosa logo resolveu a situação. O lugar era menor, mas tinha lá suas vantagens: era todo gramado e bem situado num pequeno largo, meio triangular, no começo da Mariano Pamplona. “Decidido! Vamos ocupar”. Mas só havia um detalhe: isso só aconteceria quando a família Scarparo, moradores da frente, tirassem as roupas que lá ficavam para secar. Observados os movimentos da referida família lá fomos nós. A princípio houve alguma resistência. Mas depois veio a paz e a compreensão para com os futuros craques. Nenhum deu para a profissão.

Outros campos | Dito algo sobre o famoso campinho do largo da Matriz, tenho de falar de outros. Sim, porque havia muitos campinhos. Na atual Rua Ceará eram dois: o Clube Esportivo Lazio, onde está hoje o Clube Esportivo Recreativo Arthur Garbelotto e o campo do Palmeirinha – time formado pelos jovens Ítalo Dal’Mas, Nordeman Ascêncio, vários da família Perrella, Antonio Garbelotto, entre outros - hoje local do São Caetano Esporte Clube. Eram os chamados campos da várzea, locais ótimos para jogos quando havia muita gente participando. Ali, as tardes eram nossas.

Outras brincadeiras | Falamos do futebol e de outros esportes, vamos a algo mais sobre a extensa lista de brincadeiras praticadas, muitas perdidas no tempo. Naquela época, muitos eram os terrenos sem construções em São Caetano. Nos fundos de minha casa, então situada na Rua 28 de Julho, um grande terreno – parte do lote colonial da família, onde eram cultivadas uvas – agora era dominado por grandes pés de mamonas e muito mato. Lugar ideal para grandes aventuras criadas pela imaginação infantil. Ali aconteciam explorações de florestas, duelos dos *bang-bangs* (imitação dos filmes do Cine Central), batalhas de mamona com e sem estilingue. Como o terreno era vizinho da casa dos Mariani, separados apenas por uma cerca de

arame, contava, costumeiramente, com a participação dos irmãos Alberto, Pedro e do mais jovem, João Tarcísio. Naquele tempo, nessas batalhas ainda não existiam “mamonas assassinas”.

O jogo de taco | Na frente do terreno ficava a Rua Ceará, então tranquila, de terra, que recebia apenas veículos de tração animal, vez ou outra. Ali era lugar ideal para jogar taco. Com uma distância de mais ou menos 20 metros entre uma e outra, eram erguidas pequenas casinhas, mantidas por três gravetos. Dois jogadores de cada lado procuravam derrubar as casinhas com uma pequena bola. Um jogava a bola, enquanto seu adversário, com um bastão feito com cabo de vassoura, procurava rebatê-la o mais longe possível. Depois de rebater, enquanto a bola não voltasse à marcação mais próxima, os batedores iam trocando de lugar, marcando ponto a cada troca. Depois de muito tempo, descobrimos que a brincadeira era algo como o beisebol.

As brincadeiras noturnas | As noites mais quentes permitiam brincadeiras nas calçadas até horários mais avançados. Delas participavam também as meninas da redondeza. Os meninos eram quase sempre os mesmos já mencionados; as meninas, hoje senhoras, distintas vovós, não vou citar nominalmente. Seria indelicadeza, mesmo indiretamente, denunciar suas idades.

Barra-manteiga, esconde-esconde, queimada, boca de forno e unha na mula. Brincadeiras supostamente ainda conhecidas, eram variações de bons exercícios físicos já que exigiam fôlego e rapidez dos participantes. Mais calma e preferida das meninas, embora exigindo também agilidade nos pés, era o passa anel. Quando o cansaço chegava, o simplório jogo das cinco pedrinhas na palma e dorso das mãos acalmava os ânimos e restaurava a respiração. Nesse as meninas ganhavam sempre... Tudo acompanhado pelos olhares atentos das “mamas” sentadas em suas cadeiras, em frente de suas casas, em animados grupos.

Marcha soldado e outras |

Havia outras brincadeiras mais simplórias: a de soldado, a de barco, a competição aérea, entre outras. A de soldado sempre se iniciava com a confecção em papel de jornal dos capacetes (também conhecidos como “chapéus de Napoleão”), seguida desde uma simples marcha, como um desfile, até batalhas entre as matas. O barco também era feito de papel jornal – nada mais do que o chapéu invertido. Era grande a diversão em disputar corrida de barcos nas enxurradas que se formavam nas valetas laterais das ruas de terra, logo após as chuvas.

Já as disputas aéreas exigiam maior elaboração dos aviões, feitos também de papel. A criatividade de cada um determinava o modelo, sempre buscando, como objetivo, maior tempo no ar e distância percorrida. Vi notícia recente que, atualmente, há até campeonato mundial com os mesmos objetivos. A brincadeira não morreu...

Os brinquedos |

Raros eram os brinquedos que se podiam comprar. Caminhões de madeira eram os preferidos dos meninos, enquanto as meninas gostavam das bonecas. Os trenzinhos movidos a corda também faziam o maior sucesso. Muitos outros saíam das nossas próprias mãos, tal como o carrinho de rolimã, feito de rolamentos usados, adaptados a uma prancha de madeira. O mesmo material também era aproveitado para produzir patinetes. Os já citados cavalos de pau e as maquininhas de enrolar a linha para empinar papagaios, os aviões, os barcos e o “chapéu de Napoleão” também eram feitos artesanalmente.

Alguns amigos, bem criativos, apareciam com algumas “máquinas” incomuns que causavam grande alvoroço, fabricadas a partir do aproveitamento de restos de madeira, caixotes de sabão e outras sucatas. Era tudo genial ...

Um brinquedo que marcou muito minha infância foi um carro de metal, o qual eu podia mover e dirigir, sentado no pequeno banco traseiro. Bem ao estilo do que ainda existe. Papai Noel me trouxe

a preciosidade, quando eu tinha 5 ou 6 anos, numa manhã de Natal. Nunca mais esquecerei a emoção do momento.

Conclusões |

Creio ter dado uma pálida noção das brincadeiras e sobre alguns brinquedos comuns nas décadas de 1930 e 1940. Não tenho dúvidas de que foram herdados de épocas anteriores, de nossos pais, e que prosseguiram após este período, ainda por muito tempo, mas somente até que as novas tecnologias e suas maravilhas viessem a mudar os hábitos de brincar.

Algo importante, porém, não mudou: a alegria e a criatividade das crianças. Elas continuam as mesmas. E tudo para elas é brincadeira. Na verdade, elas nem precisam de um brinquedo, como se supõe. Sozinhas ou com mais amigos, basta iniciativa e criatividade e eis a brincadeira. Quando começa ou termina o tempo para uma criança brincar? – Para espíritos mais jovens a resposta é “sempre e nunca”. Eis algo interessante para meditar: a vida é uma brincadeira levada a sério!

“Ah! Nos meus tempos!!”

É comum ouvirmos vozes saudosas de suas brincadeiras. Mas pergunto: onde e quando se situam os “velhos tempos”? – Por acaso o adulto não brinca com seu filho, seu neto? – Tudo – e sempre – constitui o saudável ato de brincar. Se não puder, não brinque. Apenas observe seu filho ou seu neto. Você irá verificar que a natureza da criança continua a mesma, apesar das mudanças tecnológicas. Faça e proporcione um mundo melhor: sorria, brinque. Faça de seus atos uma gentil brincadeira. Volte a ser a criança que todos temos dentro de nós, distribuindo alegria, criatividade, espontaneidade e coleguismo,

tal como a dona
do mundo: a criança! **R**

(*) *Oscar Garbelotto é advogado, professor universitário e pesquisador da história local*

(**) *Colaboração de João Tarcisio Mariani*

Sonhos da Infância

Manoel Claudio Novaes

Dentro do mágico mundo das crianças, o brinquedo e o ato de brincar são indispensáveis para seu desenvolvimento, em todos os sentidos. Brincar promove a saúde física, emocional e intelectual das crianças. Desde os tempos mais remotos, o lúdico sempre completou o cotidiano infantil. Quando não era possível adquirir um brinquedo, uma pequena pedra poderia ganhar vida e virar um bonequinho ou um pedaço de madeira transformar-se em um poderoso automóvel.

Manoel Claudio Novaes, em seu livro *Nostalgia*, apresentou crônicas que relataram o cotidiano da cidade, sob diversos aspectos. No texto que transcrevemos a seguir, escrito em 1988, ele nos conta o quanto admirava os brinquedos da vitrine de uma loja da cidade, e como as peças ali expostas fizeram parte dos sonhos das crianças de São Caetano.

Era assim, às vezes. À tardezinha, perambulando pelo pátio da estrada de ferro, ou percorrendo a rua São Caetano (Av.Cde.F.Matarazzo) até a rua Serafim Constantino, infalivelmente, parava em frente à pequena vitrina do armazém do Rossomagnò, prédio que foi demolido recentemente para dar lugar à rodoviária.

Na vitrine eram expostos brinquedos. Pouco variado, sim, mas suficiente para acalentar sonhos da garotada daqueles tempos que desconheciam outros melhores e mais caros. No centro, ao fundo, lá estava, sentado, o palhaço com chapéu cônico, faces vermelhas, rindo, olhar fixo; roupa branca, botões redondos e pretos, enfim traje de palhaço; braços esticados para a frente, com pratos musicais presos um em cada mão. Apertando-se o seu tórax, o palhaço unia

as mãos e com elas os pratos, produzindo som. Cornetas pequenas e grandes; espingardinhas pequenas e revólveres de espoleta de papel; bonecas de celulóide, cavalinhos de massa de papel, montados sobre pequena plataforma de madeira dotada de quatro rodinhas de metal. As pernas dos cavalinhos eram de madeira e feriam fundo a anatomia. Um cordel permitia puxá-los e, assim, seu possuidor divertia-se puxando-o de cá para lá ... Automóveis de

lata, pintados em cores vivas, pequenos e de tipos ou modelos semelhantes aos carros da época – cupê e “baratinha”. Trenzinhos também de lata, cujas rodas e pistões eram representados por pintura. Alguns brinquedos mais sofisticados eram movidos por meio de molas, fundados no maquinismo dos relógios, porém muito frágeis. Um esforço um pouco maior e lá se ia a mola ...



*Carrinho de
madeira,
confeccionado
em 1937*

E ali ficava, como os garotos em geral, bastante tempo, dando asas à imaginação para aventuras em sonhos acalentados, desejados e irrealizáveis. Os trenzinhos me transportavam por todas as ferrovias, vendo passar pelas janelas cidades, gente e coisas imaginárias. Com as “baratinhas” disparava em correria pelas ruas de São Caetano, causando admiração aos motoristas de praça, aplausos dos garotos e temor às mulheres. Mas ao final saía-me vitorioso, ileso dos perigos audaciosamente enfrentados. Outras vezes, e era o que mais gostaria, via-me convidado pelo sr. Rossomagno para, dentro da própria vitrina, aí sentado, fazer demonstrações dos brinquedos expostos! Brincar com todos os brinquedos, a começar pelo palhacinho que durante todo o tempo que permanecia em frente à vitrina, parecia olhar-me fixamente, sorrindo como a aplaudir o meu sonho!

Mas com a fragilidade de uma bolha de sabão, assim se desvanecia o sonho. Retornava à re-

alidade e daí saía a passos lentos até as portei- ras da ferrovia, esperando o porteiro abri-las para o trânsito para nelas subir, enquanto em movimento, e delas saltar antes de bater na estaca do agarrador, ou retorna- va para casa para brincar com o meu carrinho que eu mesmo montara sobre quatro rodas e madeira que me custaram quatrocentos réis lá na serraria, nos fundos da fábrica de louças Adelina.

Passados tantos anos, as portei- ras desapare- ceram, o prédio do Rossomagno também e com ele a vitrina, a janela dos meus sonhos infantis, mas não desapareceram da minha lembrança os brinquedos... e lá naquele longínquo passado ainda abrigo o palhaci- nho de chapéu cônico, olhar fixo nos brinquedos, rindo, sempre rindo, talvez porque sabia que enquanto eu viver, ele também viverá na memória de um menino que gostava de sonhar ... **R**

Acervo/Museu Histórico Municipal

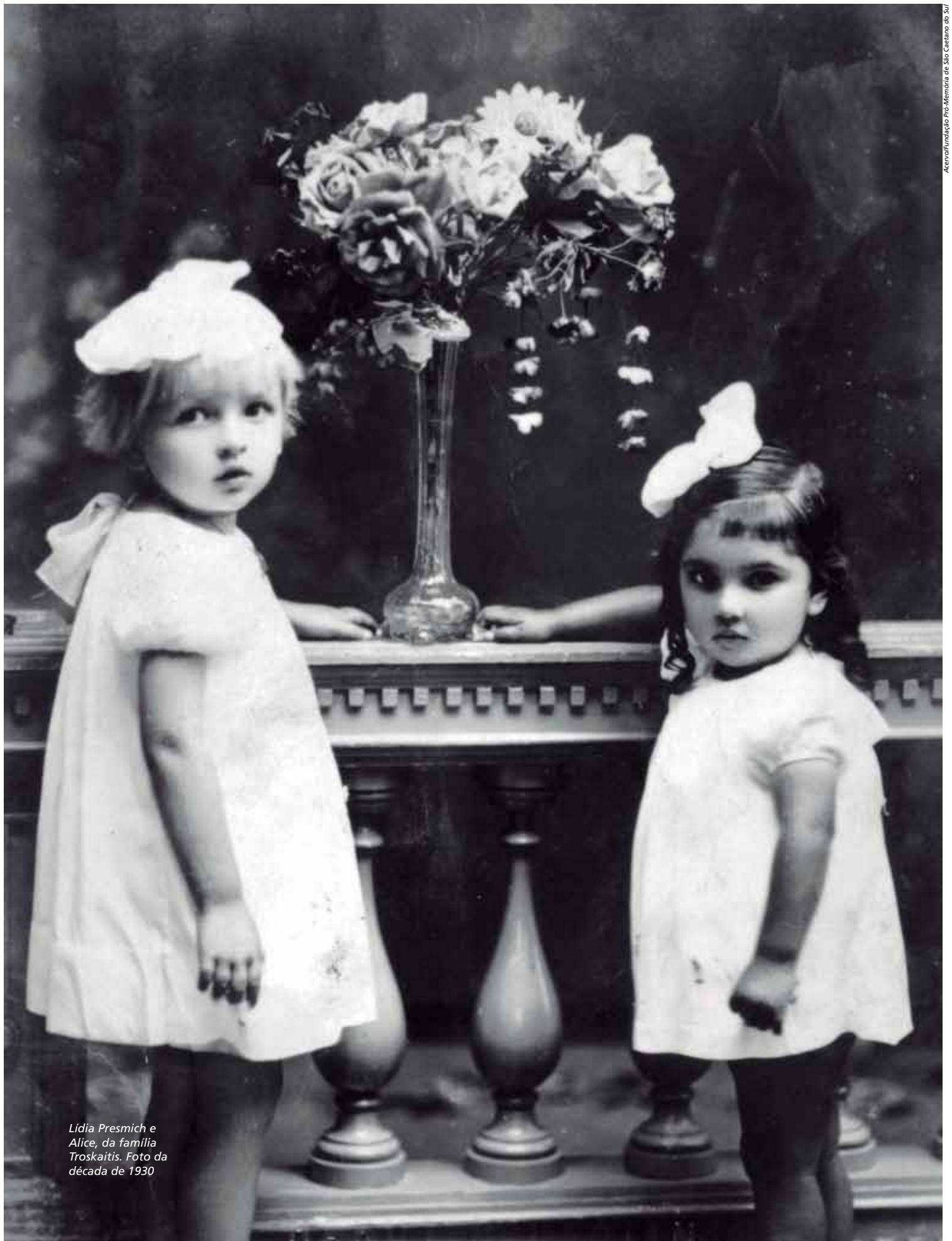


*Carrinho de
brinquedo,
da década de 1950*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Paulo: Meca; São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1991, p. 119-120.



Os irmãos Laurindo, Idalina, Vernir e Marcelo Zambotto, filhos de José e Elvira Zambotto. Foto de 1923



Lidia Presmich e
Alice, da família
Troskaitis. Foto da
década de 1930

UM SHOW DE CRIANÇA

(*) **Cristina ORTEGA**

A São Caetano das décadas de 1920, 1930 e 1940 nada proporcionava às suas crianças, mas a natureza sim, esta oferecia todas as brincadeiras deliciosas que não dependiam de dinheiro, vestimentas ou condução. As crianças daqui, principalmente no período citado, eram desprovidas de brinquedos que podiam ser comprados em lojas de São Paulo, logo, davam asas à imaginação criando suas próprias engenhocas, brinquedos feitos de madeira, bonecas de pano, bolas de meia, carrinhos de rolimã, estilingues, pernas de pau e tantos outros. A cidade, ainda não emancipada, prescindia de todos os melhoramentos imagináveis. As ruas enlameadas, o mato predominando na paisagem, brejos em todos os cantos e pequenos animais silvestres



Estilingue, de 1957

soltos, acrescentando a falta de água e de esgoto numa cidade às escuras, sem luz elétrica, faziam parte desta paisagem distante. Mas este quadro, que parece assustador nos dias de hoje, integrava do cotidiano da população. Moradores antigos de São Caetano contam suas histórias com nostalgia, lembrando-se das brincadeiras da infância e como eram felizes, mesmo com as dificuldades apresentadas. A espontaneidade e a ingenuidade das crianças, o riso natural, tudo nos leva a crer que a infância de antigamente era mais rica em criatividade e suas brincadeiras eram ainda mais divertidas.

Brincadeiras de rua como jogar bola, bolinhas de gude, taco, empinar pipa, pular amarelinha, jogar queimada, brincar de estátua, passa anel e peteca, não dependiam de dinheiro, todos podiam brincar. Os que moravam próximo ao Córrego do Moinho (hoje canalizado, onde passa a Avenida Presidente Kennedy) aproveitavam o pequeno rio para nadar e também para pescar. Conta-se que ali havia muitos peixes. Caçar rãs e preás nos brejos, bem como colher ali bananas, era outro passatempo dos meninos. Os campinhos de futebol proliferavam em toda a cidade. Era divertimento na certa! Os que moravam próximos à Cerâmica São Caetano, aproveitavam

do descuido dos vigilantes da área de onde a indústria extraía a argila (local onde hoje está o Espaço Verde Chico Mendes), para entrar e escorregar na montanha de terra vermelha.

Os piqueniques eram bem comuns na época, quando parentes e vizinhos combinavam o que levar para passar o dia, num local mais afastado.

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



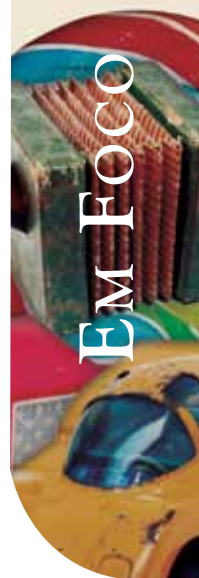
Mas os circos e os parquinhos também visitavam a cidade e faziam a alegria da criançada. Instalavam-se no centro da cidade e alguns em bairros mais afastados.

A partir do final da década de 1940, a cidade que já havia crescido e se desenvolvido, contando com vários clubes, cinemas e salões que levaram as crianças a participarem de outras atividades. Era a chegada da televisão. Os programas de auditório, herança do rádio, eram a grande atração do momento. Um programa infantil chamado *Clube do Papai Noel* transformou-se em febre entre a garotada. Apresentado por Homero Silva, era transmitido pela Rádio Difusora e pela TV Tupi. O nome do programa nada tinha com o Natal. Homero era adorado pelas crianças por conta de programa de rádio que havia feito, no qual era chamado de Papai Noel. Na atração, o apresentador promovia apresentações de música e dança, com crianças cantoras que um dia poderiam tornar-se famosas. Foi o caso de Celly Campello, descoberta nesse programa. O *Clube do Papai Noel* era itinerante e por várias vezes esteve em São Caetano. Em 1952, Homero Silva esteve no palco do Cine Max comandando o espetáculo e apresentando seus pequenos artistas ao público sancaetanense. Calcula-se que cerca de 1.500 pessoas estiveram presentes. O grupo retornou à cidade em 1959, para show no Salão Paroquial Padre Alexandre Grigolli. Os números de canto apresentados pelos pequenos artistas do clube eram acompanhadas ao piano pelo maestro Francisco Dorse. Sempre foram sucesso as apresentações do *Clube do Papai Noel*.

Em 1957 teve início o *Clube Lilim Mirim*, que acontecia nas manhãs

Jair Benda-zolli em foto próxima à Lagoa dos Parentes, onde as crianças gostavam de nadar. Posteriormente foi aterrada e hoje no local funciona o Clube Esportivo Recreativo Pedro Furlan (Tamoyo). Foto de 1958

Vista parcial do Córrego do Moinho (hoje Avenida Presidente Kennedy). Neste córrego as crianças pescavam e as mulheres lavavam roupas





Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Apresentador do programa *Clube do Papai Noel*, Homero Silva (à esquerda), ao lado do vereador Fábio Ventura, em 1951

de domingo no São Caetano Esporte Clube, na Rua Perrella. Era dedicado às crianças, que apresentavam números de canto, bailados, interpretação e humorismo. Os protagonistas do programa eram jovens artistas inscritos e aprovados nos ensaios. Apresentado pelo jornalista Armando Lopes, o *Clube Lilim Mirim* se impôs pelo elevado nível de suas apresentações artísticas, de onde saíram crianças que alcançaram fama no rádio e na televisão de São Paulo. Em 1962, um dos destaques como cantor foi Vanderlei Greghy, que também fez sucesso no *Clube dos Garotos*, da TV Paulista (canal 5). Na dança, Salete Nara Moretti e Marilena Odoni ficaram em evidência. Ocupando a função de apresentador do programa, foi descoberto Oswaldo de Lima Baruti Júnior, que se revelou ótimo locutor comercial. Outra atração que causava delírio entre a plateia infantil era o garoto João Casanova, o Pingo de Gente, que imitava



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Concurso de Robustez Infantil organizado pelo Rotary Club de São Caetano do Sul, na década de 1950

o *malandro de araque*, Germano Matias. O clube funcionou até 1963.

Em 19 de dezembro de 1954 foi apresentado em São Caetano, pela primeira vez, o *General Mirim*, show infantil que acontecia nas manhãs dominicais no General Motors Esporte Clube (GMEC). Os astros, filhos menores dos associados que demonstrassem qualidades artísticas, apresentavam números de bailados clássico e popular, canto, violão, piano, harmônica, brincadeiras de auditório e sorteios de brindes. O show do *General Mirim* foi criado por Leonardo Sperate e Ciro Rocha. Eram pratos da casa as meninas Mirna Fázia, Cléia de Lourdes, Maria Helena e Maria Inês, que depois se transformaram em bailarinas e professoras de bailado. Nilton Roseira e Otacílio A. de Almeida encarregavam-se da animação com suas primorosas performances.

Na década de 1950 havia, também, o *Clube Mirim da Cerâmica*, agremiação infantil com apresentações artísticas dos filhos de associados, sob a animação de Osvaldo dos Santos, que acontecia no Centro Social Roberto Simonsen – Clube da Cerâmica São Caetano. Anualmente era feita a eleição e coroação da Rainha do *Clube Mirim*.

Ainda na década de 1950, em comemoração ao Dia das Crianças, era praticado o concurso de *Robustez Infantil*, organizado pelo Rotary Club. Eram tomadas medidas e pesagens das crianças, feitas por funcionários do Posto de Puericultura Nair Spina De Benedicts e pelos médicos Hermínio Moreira, Michel Glebock e Aguinaldo Quaresma, que procediam ao exame de cada uma e faziam os confrontos necessários para o concurso. A empresa Refinações de Milho Brasil oferecia a Taça Maizena aos



vencedores, considerados os mais “saudáveis”. O Rotary oferecia um certificado assinado pelos médicos e vários prêmios eram distribuídos, como Talco York, Óleo e Talco Johnson, receitas Maizena, entre outros. Muitos concursos foram realizados no Clube Comercial.

Outro evento muito concorrido na cidade era o concurso *Bonecas Vivas*, que culminava com o baile de coroação das eleitas. Em 1952, foi vencedora a menina Dagmar Tereza Timpani, em festa abrilhantada pelo cantor João Dias, no salão do Cine Primax. Cada boneca viva vinha acompanhada de um paraninfo. Nesse concurso, a renda alcançada

Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Desfile das candidatas do concurso Bonecas Vivas, em 1958

foi aplicada na construção da creche do Instituto Nossa Senhora da Glória, na Rua Amazonas. Em 20 de setembro de 1958, aconteceu nos salões do Edifício Del Rey outro concurso *Bonecas Vivas*, desta

Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



A vencedora do concurso Bonecas Vivas, Walderez Pimenta Piton, com 24 mil votos, acompanhada de Edna Lorenzini. Ao centro, Mafalda Morselli Dario, uma das organizadoras. Foto de 20 de setembro de 1958

feita, organizado pela comissão executiva Pró-Fundos da Casa Paroquial do Bairro da Fundação, presidida por Narciso Dario. As bonecas desfilavam, arrancando aplausos da plateia, demonstrando, mesmo pequenas, habilidades como modelos na passarela. O advogado Manoel Cláudio Novaes foi o apresentador do desfile.

Livros, revistas, gibis e até novelas em quadrinhos, bem como os programas de rádio, com suas séries emocionantes, faziam parte deste universo, no qual a imaginação criava espaços, lugares e paisagens. A partir da década de 1960, com a televisão apresentando uma programação cada vez mais aprimorada, apresentando desenhos animados, filmes infantis, programas de auditório de grande apelação comercial, e ainda com o desenvolvimento da cidade, as ruas e os quintais foram deixando de ser o paraíso das crianças para dar lugar aos brinquedos industrializados, aos jogos eletrônicos, isolando-as nas quatro paredes da sala ou do quarto. Hoje, a criança tem sua criatividade voltada para a eletrônica e não depende de companheiros para brincar mas apenas de um aparelho que, silenciosamente, troca informações. **R**

(*) Cristina Ortega é advogada, pedagoga e pesquisadora histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Fachada do 2º Grupo Escolar de São Caetano, na Rua Monte Alegre, 35, instalado em 28 de julho de 1927

EMEF BARTOLOMEU BUENO DA SILVA: 85 anos de ensino

No dia 28 de julho de 1927, época em que São Caetano ainda era apenas um pequeno distrito pertencente a São Bernardo, foi instalado, na localidade, o 2º Grupo Escolar de São Caetano. A instituição de ensino ficava na Rua Monte Alegre, 35, atual Bairro Santo Antônio, em um prédio assobradado (onde, atualmente, se encontra o Edifício Di Thiene) e comportava um grande número de alunos, chegando a ter, conforme registro em livro de ponto dos professores, datado de 1931, 900 alunos, sendo a metade de meninos e a outra, de meninas. Nessa época, o casarão da Rua Monte Alegre tinha 22 classes, distribuídas em oito salas de aula.

Na década de 1930, as ruas de São Caetano eram de terra, não havia energia elétrica e o esgoto corria a céu aberto. As crianças sofriam

para chegar de outros bairros até a Rua Monte Alegre. Muitas vezes iam de pés descalços, para que o único par de sapatos que tinham não afundasse na lama das ruas. Com o passar dos anos, a construção que abrigava a escola foi se deteriorando, chegando a ganhar o apelido de *casarão fantasma da Monte Alegre*, tal era o estado precário no qual se encontrava. Nas décadas de 1940 e 1950, o *Jornal de São Caetano* fez inúmeras reportagens para que as autoridades constatassem a precariedade do prédio e a insegurança dos alunos e seus pais, aterrorizados com a possibilidade da escola vir a ruir. Fitas adesivas eram colocadas nas paredes para evitar a queda de rebocos, e pedaços de papelão e tábuas eram pregadas por todos os cantos, “atingindo as raiais do terror”, como bem descreve o jornal da época. Dado seu lamentável estado, até de cai-cai era chamado o grupo escolar que, ainda assim, abrigava centenas de crianças, pondo em risco suas vidas.

O professor João Ayres foi diretor da escola na década de 1930. As professoras, chamadas de adjuntas, davam aulas do 1º ao 4º ano primário. Entre as primeiras docentes, podemos citar: Maria Enedina Sodré de Mendonça, Faraylde Corrêa Leite, Áurea N. de Carvalho, Marília M. de Cardoso, Isaura R. de Car-



Vemos na foto de 1927, o diretor João Ayres e a professora adjunta da classe feminina, Maria. A menina sentada, de braços cruzados, é Aúrea da Silva Trevisan

valho, Primitiva de Oliveira, Maria Franea Soares, Benedicta Salles da Silva, Alexandrina Vasconcellos, Dalvina Cestari, Evangelina Prestes e Maria Aparecida Oliveira.

Leonilda Verticchio, memorialista e colaboradora da revista *Raízes*, foi aluna do então conhecido Grupo Escolar Monte Alegre na década de 1940 e em um de seus artigos, publicado na revista *Raízes* número 34 (dezembro de 2006), conta-nos várias lembranças de seu passado nesta escola. Lembra-se dos uniformes das meninas, com saia azul-marinho, blusa branca, laço de cetim na gola. Nos cabelos, usavam cores diferentes de fita, de acordo com o ano o qual cursavam: verde, no primeiro ano, amarela, no segundo, azul, no terceiro, e branca no quarto ano. Outra lembrança é da bandeira brasileira desbotada, que ficava no meio de um grande terreno. Leonilda ainda fala sobre as árvores que ficavam ao lado do prédio, dentre elas, grossos ciprestes, que nos dias de temporal, com ventos e chuva, balançavam e tornavam-se apavorantes, batendo nos vidros, “parecendo gemer”. As meninas corriam para segurar as cortinas que esvoaçavam e a água entrava pelos vidros quebrados molhando as carteiras.

Em 23 de janeiro de 1947, o nome do grupo escolar mudou. O Decreto

Municipal nº 16.773, publicado em 24 de janeiro do mesmo ano, trazia a seguinte resolução: “O 2º Grupo Escolar de São Caetano, em Santo André, passa a denominar-se Bartolomeu Bueno da Silva, em homenagem ao bandeirante descobridor das minas de Goiás...”. Houve a mudança de sua denominação, mas o prédio continuava o mesmo.

No dia 28 de março de 1953, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino lançou a pedra fundamental das novas instalações do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, que seria construído na Rua Maranhão, 22, na esquina com a Rua Espírito Santo. Havia certa desconfiança da população quanto à realização da obra, mas tudo correu de acordo com o projeto feito pela diretoria de obras da prefeitura, com execução da construtora contratada, a Takaoka e Albuquerque Ltda.

Alunos do 4º ano masculino do 2º Grupo Escolar São Caetano. O primeiro aluno, à direita, é Salvador Russo. Foto do final da década de 1920

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Estava chegando ao fim o sofrimento dos alunos e professores. Até que na manhã do dia 25 de julho de 1954, a nova sede da escola foi inaugurada pelo então prefeito Anacleto Campanella. Com arquitetura moderna, instalações amplas e pronto para acolher milhares de alunos, o edifício recebeu, em uma de suas fachadas, um magnífico painel, inteiramente executado pela Cerâmica Artística da Costa, de Jayme da Costa Patrão. O painel, no local até os dias de hoje, retrata o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva exatamente no momento em que queimava aguardente perante os índios, quando foi apelidado de Anhanguera, que significa *diabo velho*. Com mais de 10 metros de altura por 8 metros de largura, conta com 4.500 azulejos. Entre as figuras representadas no painel, percebe-se a reprodução da face de Anacleto Campanella, e índias representando as funcionárias da Cerâmica da Costa. O prédio foi entregue no dia

28 de julho de 1954 e assumiu como diretor o professor Dario Almeida Dias.

No novo endereço, o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva tinha como vizinho o Tiro de Guerra. A proximidade favoreceu uma parceria, na qual os oficiais ajudavam os professores nos ensaios dos desfiles cívicos, para que estes saíssem perfeitos nos quesitos fanfarras, marcha e organização, o que fez da escola a vencedora de muitos concursos. Até a década de 1990, a instituição chegou a ter 1.600 alunos e 60 professores, mas com a redistribuição escolar estadual, esse número diminuiu. Atualmente, a Escola

Fachada da EMEF Bartolomeu Bueno da Silva, na Rua Maranhão, esquina com a Rua Espírito Santo. Foto de 2011



AerovóMEF Bartolomeu Bueno da Silva

MEMÓRIA

Equipe da escola. De cima para baixo, da esquerda para a direita, vemos: Jussara Alborghetti (diretora), Andreia de Souza Pinheiro, Alessandra Salvi, Raquel Romano Correa, Debora Kizzys Paulo da Rocha, Lígia Maria Pastina, Renata Rainatto, Eliana do Carmo Santos Ferrari, Mariana Batista Nunes, Aparecida Idália Carrasco, Ivonete Rebuci, Naira Nimtz Oliveira, Herbert Pereira da Silva, Eliana Olivares, Sabrina da Camara Leal Sakamoto Araújo, Valeria Ugolini, Aparecida Morales Caporalini, Carla Derwood Mills, Evarista Lourdes de Souza, Mercedes Ruiz Rosolem, Kelly Cristina Maregatti Manzini, Ilza Reis, Patrícia Luana Sgarbi, Mara Paula Graciani Dantes Dalle Molle, Sonia Rita Vecchi Fernandes, Simone Aparecida Martins Ferreira dos Santos, Magnus Guerreiro Thomazini, Maria Claudia Vieira Pinto, Rosemay Rinaldi de Campos Calou, Pauline Meingast da Silva e Maria Lúcia Chiavelli Gonçalves. Foto de 2012

la Municipal de Ensino Fundamental conta com 544 alunos, do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental I e II, nos períodos da manhã e tarde. São oito professores conveniados (Estado e município), 17 professores municipais de Ensino Fundamental I e 11 professores municipais para o Ensino Fundamental II.

Aquecimento Global é o tema do projeto pedagógico em desenvolvimento este ano na escola, envolvendo todos os alunos, professores e diretoria.

As paredes dos corredores do segundo andar ganharam a cor azul, representando os pólos da Terra. O tom muda para o laranja no andar inferior, representando o Sol, e transforma-se em ocre no térreo para simbolizar a terra, que absorve a água do gelo derretido pelo Sol. Para complementar este programa de conscientização sobre a preservação da Terra, os alunos trabalham com reciclagem, fazendo arrecadação de garrafas pets, latas, papel e óleo. O eixo temático deste ano trata dos Jogos Olímpicos, e será encerrado no mês de outubro, com uma mostra cultural. A equipe técnica da escola é formada por: Jussara Alborghetti (diretora), Aparecida Morales Caporalini (assistente de direção), Patrícia Luana Sgarbi (orientadora educacional), Raquel Romano Corrêa (coordenação pedagógica) e Helena Goto (secretária).

Uma visita à Escola Municipal de Ensino Fundamental Bartolomeu Bueno da Silva nos leva a uma viagem de 85 anos de história, do antigo casarão da Monte Alegre ao moderno edifício atual que, embora chegando aos 60 anos, preserva ainda sua imponência e importância. **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

**AO AFASTAR-SE
DO SEU ESCRITÓRIO...**

**...INFORME
À SUA
SECRETÁRIA**



**QUANDO VOLTARÁ OU ONDE
PODERÁ SER ENCONTRADO!**

Assim, não perderá contato com
seus negócios e evitará ligações
telefônicas inúteis e repetidas.



**UM CONSELHO DA
COMPANHIA TELEFÔNICA BRASILEIRA**

SEIS DÉCADAS DE CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL DE SÃO CAETANO DO SUL - EMEF 28 DE JULHO

(*) *Valdirene Rodrigues COSTA*

Conhecer a experiência de sua comunidade proporciona aos alunos reconhecerem um passado comum, que foi construído pelas histórias dos que os antecederam. Eles chegaram antes, presenciaram e participaram de mudanças. O compartilhar desses conhecimentos propicia a eles integrar o narrado à sua própria memória. É nesta articulação que se tecem as memórias das comunidades. Ao conectar suas experiências às dos mais velhos, os alunos se reconhecem como parte de sua comunidade.

Em fevereiro de 1951, o *Jornal de São Caetano* destacava, na primeira página, o lançamento da pedra fundamental de um grupo escolar na Vila Barcelona. Iniciativa do então prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, a construção, localizada na Rua Oriente, 501, Bairro Barcelona, avançou até o mês

de julho, sendo o prédio inaugurado em 28 de julho do mesmo ano. No mês de agosto surgiam três classes, anexas das escolas mistas do antigo Bairro da Saúde, que passaram a ser regidas pelas professoras primárias Lydia de Arruda Silveira Guazzelli, Margarida Martins da Silva Ciorlia e Amélia Rodrigues. A diretora, na época, era Cândida Pimenta de Castro, e Amélia Domingues Barreiros assumiu como interina. Em 1952, a nova escola iniciou o ano com suas classes próprias, do 1º ao 4º ano, sendo classes mistas, femininas ou masculinas, sob a direção do professor Milton Feijão.

Mas quem eram? Como viviam? Quais sonhos e ideais moviam aquelas meninas e meninos? Era uma rua tranquila, com paisagem de árvores ao fundo, um prédio pequeno de porta para a rua,

Prédio do Grupo Escolar de Segundo Estágio 28 de Julho, na década de 1950



Arquivo IEMEF 28 de Julho



Arquivo / EMEF 28 de Julho

Missas campal realizada no pátio da escola, na década de 1950



Arquivo / EMEF 28 de Julho

Classe feminina do grupo escolar, em foto de 1952



Arquivo / EMEF 28 de Julho

Flagrante de alunos durante desfile cívico, realizado na década de 1970

meninas e meninos lado a lado, com postura impecável, perninhas dispostas igualmente. A seriedade estampada no rosto, quase nenhum sorriso. Sonhos, quem sabe...

Na década de 1950 iniciou-se um período de modernização do Brasil. A chegada da televisão trouxe profundas mudanças aos meios de comunicação. A imprensa falada através do rádio levava informações até as mais remotas regiões. O contexto mundial era caracterizado pela reestruturação social abalada pela Segunda Guerra Mundial. O Brasil engatinhava em direção à modernização, passando de país agrário, com a maior parte da população morando no campo, a caminhar para a industrialização, com a população migrando para as cidades, promovendo sua urbanização. Dentro deste contexto, ao longo dos anos, o número de alunos do grupo escolar foi aumentando, surgindo assim a necessidade de várias adequações, ampliações e construções de novos espaços físicos e sua inserção no mundo tecnológico.

Desde 2006, a instituição é denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho, mas, ao longo de sua história, teve as seguintes nomenclaturas: em 1951, Grupo Escolar de Segundo Estágio 28 de Julho; em 1958, Grupo Escolar 28 de Julho; e em 1975, Escola Estadual de 1º Grau 28 de Julho. A escola recebeu este nome em uma homenagem que o Governo do Estado de São Paulo fez ao município de São Caetano do Sul, que comemora sua fundação na data que dá nome à instituição.

A escola atualmente está sob a direção da professora Valdirene Rodrigues Costa. Do novo grupo escolar da Vila Barcelona à EMEF 28 de Julho foram seis décadas contribuindo para o desenvolvimento educacional, social, profissional e cultural de São Caetano do Sul. **R**

() Valdirene Rodrigues Costa é pedagoga pela Universidade Estadual Paulista, especialista em psicopedagogia e orientação educacional, e, atualmente, é diretora da EMEF 28 de Julho*



Credito: Das Buch des Lebens, livro de Maasilus Flamus

VALTER FANTINI E A FARMÁCIA E PERFUMARIA DROGA SELMA

Ilustração de 1508 com a representação de um farmacêutico, ao lado de um médico

A palavra farmácia procede da palavra grega *pharmakon*, que significa droga ou medicina. Na Antiguidade eram os próprios médicos que preparavam, guardavam e administravam seus remédios. A primeira notícia a respeito de um local especializado em guardar e vender remédios é do mundo árabe, precisamente de Bagdá, no ano 754 da nossa era. Na Europa temos registros da existência de farmácias na Idade Média, pelo menos a partir do século 8. É claro que juntamente com a farmácia surge a figura do farmacêutico. Assim, por exemplo, sabemos que, em 1221, padres dominicanos tratavam de doentes com aromas, na mais antiga farmácia da Europa, a Santa Maria Novella.



Crédito: Antonio Reginaldo Camboni

Valter Fantini: proprietário da Drogoria Selma desde 1978

Entre os farmacêuticos mais conhecidos da História, podemos citar Alexander Flemming (1881–1955) que descobriu a penicilina, John Pemberton, que em 1886 inventou o Tônico para o Cérebro (hoje conhecido como Coca-Cola), e o escritor e poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, que, como poucos sabem, se formou em Farmácia.

São Caetano do Sul possui inúmeras farmácias e profissionais de alto gabarito. Esta entrevista com Valter Fantini, proprietário da Drogoria Selma, localizada no Bairro da Fundação, é uma homenagem a todos os profissionais que atuam nessa área



Acesso: Valter Fantini

Valter e sua esposa Marli Vera, no interior da farmácia, em 1982

no município. O estabelecimento, que tem como razão social Farmácia e Perfumaria Droga Selma, foi fundado em 1953 por Geraldo Carlos Zangirolani, que o comandou até 1978. Neste ano, Valter Fantini adquiriu a farmácia, sendo seu proprietário até os dias de hoje. Nascido em 20 de novembro de 1948, em General Salgado, no Estado de São Paulo, Fantini é casado com Marli Vera Correia Fantini, com quem teve um filho: David Augusto Fantini.

A farmácia, nestes 58 anos de funcionamento, sempre teve uma boa clientela, vinda de vários bairros da cidade. Todo esse tempo de existência acumulou ainda boas histórias. As aplicações de injeções sempre renderam fatos curiosos, como, por exemplo, o da senhora que, depois de tomar uma injeção, por causa da dor, saiu correndo com a saia abaixada. “Muitos clientes, ao verem a seringa, sofriam desmaios, e crianças que tinham recebido aplicações de injeções doloridas, depois passavam em frente da farmácia e gritavam xingamentos”. “Todos estes traumas ocorriam porque antigamente as injeções eram muito doloridas, o que atualmente ocorre com menor frequência. Alguns clientes têm trauma até do aparelho de medir pressão!”.

Apesar da instituição da lei federal nº 5991, de 1973, que proibiu a aplicação de injetáveis sem receitas, segundo Fantini, muitas pessoas ainda insistem. A farmácia também é muito procurada por quem precisa de curativos, o que é permitido legalmente. “A relação médico-farmacêutico-paciente é muito importante”. As histórias interessantes de Fantini ainda revelam que “no passado existiam remédios para o nariz que muitos compravam só pelo efeito obtido. As pessoas queriam se drogar! Felizmente não existem mais estes medicamentos”.

Depois do encerramento das atividades das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, o perfil do comércio do Bairro da Fundação passou por alterações e muitos estabelecimentos sofreram queda em suas vendas. Atualmente, o crescimento local tem contribuído para o fortalecimento da área comercial. “O bairro ficará cada vez melhor!”. **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

REGIONAL DE SÃO CAETANO DO SUL DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA: 50 ANOS DE EXISTÊNCIA



Aterno/APM-São Caetano



Credito: Antonio Reginaldo Gimroni

*Cícero Geraldo Cardoso
Carneiro, o primeiro
presidente*

*Foto atual da sede da
APM-São Caetano, locali-
zada na Rua São Paulo*

Na sala de reuniões do Hospital São Caetano, numa assembleia presidida por Antonio Souza Voto e secretariada por Hermínio Moreira (ambos médicos), foi fundada, em 20 de junho de 1962, a Regional de São Caetano da Associação Paulista de Medicina. Neste ano de 2012, a organização completa 50 anos de existência, e consolida sua posição como entidade de classe, valorizadora do trabalho médico, como prestadora de serviços e auxiliadora nas políticas de saúde da cidade. A entidade de São Caetano é uma das 80 associações regionais da Associação Paulista de Medicina, federada da Associação Médica Brasileira no Estado de São Paulo (filiada à Associação Médica Mundial).

Conforme consta na edição número 5, da revista *Olho Clínico* (publicação da APM - São Caetano), dos meses de maio e junho de 1989:

Tudo começou em uma festa comemorativa ao Dia do Médico, realizada na APM - Santo André, presidida por Evandro Pimenta, amigo do Dr. Cícero Geraldo Cardoso Carneiro, desde os tempos de ginásio. Pimenta indagou ao jovem médico porque ele não fundava uma associação em São Caetano do Sul, para reunir a classe médica da cidade. Cícero Carneiro gostou da ideia e reunindo assinaturas de 30 médicos, depois de uma verdadeira via sacra pelos consultórios dos colegas, foi à sede central da APM, na capital, e conseguiu levantar todos os documentos necessários para fundar a unidade de São Caetano.

Cícero Geraldo Cardoso Carneiro, por toda a sua iniciativa para a fundação desta associação, foi eleito seu primeiro presidente e sua gestão foi de 20 de junho de 1962 a 29 de dezembro de 1964. O atual presidente é o médico Marcos Sérgio Gonçalves Fontes, que assumiu o cargo no dia 1º de novem-

bro de 2011. De sua fundação até a atual gestão, a APM-São Caetano teve como presidentes: Aguinaldo Quaresma (30/12/1964 a 16/06/1966), José Oscar da Silva Bottas (17/06/1966 a 28/08/1975), Hermínio Moreira (29/08/1975 a 22/08/1985), Reinaldo Luiz Salmazo (23/08/1985 a 30/09/1989), José Jayme Tavares Soares Junior (01/10/1989 a 30/09/1993), Erlan De Marco (01/10/1993 a 30/10/1997), Ailton Arantes Ferraz (01/10/1997 a 30/10/2002), José Roberto Espíndola Xavier (01/11/2002 a 30/10/2008) e Valter de Oliveira Filho (31/11/2008 a 30/10/2011)

A primeira sede da entidade ficava localizada na Avenida Goiás, 463. Mais tarde, mudou para a Rua Manoel Coelho, 500, onde contava com quatro salas. Neste local também eram realizados os exames médicos credenciados pelo Departamento Estadual de Trânsito (Detran-SP), serviço que colaborou para a arrecadação de recursos para a compra de um terreno de mil metros quadrados na Rua São Paulo, para a construção de uma nova sede, local onde, até hoje, funciona a associação.

A sede da regional de São Caetano da Associação Paulista de Medicina fica localizada na Rua São Paulo, 1815. Com mais de 500 metros de área construída, conta com auditório, sala de estar, salões para ginástica, jogos e festas, biblioteca, cozinha, churrasqueira, sauna, piscina e campo de futebol society com iluminação especializada.

A APM- São Caetano do Sul presta diversos serviços a seus associados, atuando como intermediária entre os médicos e suas associações de especialistas, orientando quanto à documentação para obtenção de títulos. Com o respaldo da APM da capital, proporciona ainda serviços de despachante e regularização de documentação para os associados. Luta pela integração da classe médica e pela recuperação dos honorários de consultas e procedimentos, através de uma melhoria nos contratos e a criação de um índice de reajustes.

A entidade promove encontros da classe médica e cursos de aperfeiçoamento profissional. Entre suas programações científicas destacam-se jornadas de cardiologia, simpósios de anestesia,



Inauguração do Auditório Hermínio Moreira. Da esquerda para a direita, aparecem os médicos: Cícero Geraldo Cardoso Carneiro, Aguinaldo Quaresma, José Oscar da Silva Bottas e Reinaldo Luiz Salmazo

jornadas de coloproctologia, cursos de iridiologia, entre outras. Não só trabalha em benefício da classe, mas também desenvolve ações voltadas à população em geral, realizando campanhas de saúde em conjunto com a Prefeitura Municipal.

Desde 1988, a regional publica um informativo bimestral, denominado *Olho Clínico*, que é um eficiente canal de comunicação com seus associados. Por meio da entidade estadual, o quadro associativo sul-sancaetanense tem acesso a benefícios como uma biblioteca com mais de 35 mil títulos, entre livros, jornais,

Conferência Municipal de Saúde, realizada em 1994, com apoio da APM-São Caetano





Arquivo/APM-São Caetano

Flagrante de baile realizado pela APM-São Caetano: programa concorrido



Arquivo/APM-São Caetano



Arquivo/APM-São Caetano

Instalações da sede contam com salão de festas, churrasqueira e quadra



Arquivo/APM-São Caetano

revistas e DVDs, assessoria jurídica, vantagens em planos de saúde, e direito a usufruir de um belíssimo clube de campo, localizado na Serra da Cantareira.

Diversas atividades sociais e esportivas também integram o programa da regional, com a proposta de integrar a classe médica de São Caetano. Os seus jantares dançantes são famosos e muito concorridos, assim como as comemorações de festas tradicionais de Natal, Dia das Crianças e festas juninas.

As instalações da sede social estão à disposição dos sócios para eventos particulares, como churrascos e festas de confraternização. No local também são ministrados cursos esportivos, extensivos a familiares e convidados. Conforme o atual presidente, Marcos Sérgio Gonçalves Fontes: “Esta associação defende os interesses da classe médica e colabora para a qualidade da saúde da população desta cidade. Além disso, consegue reunir os colegas de profissão, promovendo cursos, festas e jantares, fazendo de nossa sede um verdadeiro ponto de encontro de amigos”.

Já são 50 anos de atividades, sempre ao lado da classe, promovendo sua união e sua constante qualificação, representando os interesses não só dos médicos mas também da sociedade sul-sancaetanense. **R**

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)

MARIA JOSEFA DE MEDEIROS: 92 anos de luta no dia a dia

(*) *Monica Ascencio Simões PONZONI*

Maria Josefa de Medeiros, filha de Pedro Arrojo e Antonia Moya (imigrantes espanhóis), nasceu na cidade de São José do Rio Pardo, no dia 1º de janeiro de 1920. Pedro Arrojo conheceu Antonia Moya já no Brasil e aqui se casaram. Tiveram dez filhos. Foram encaminhados pela imigração para uma fazenda de café, onde trabalharam, durante alguns anos.

Em 1932, Arrojo mudou-se com a família para São Caetano, onde alguns parentes já residiam. Em pouco tempo, todos estavam trabalhando e o patriarca conseguiu comprar um pequeno terreno na Rua Maranhão, onde construiu uma casa com apenas dois cômodos. Logo depois, conseguiu adquirir mais dois imóveis: um localizado na Rua Gonzaga, e outro que ficava na Rua Nossa Senhora de Fátima. A residência dos Arrojo, porém, continuou sendo na Rua Maranhão.

Maria Josefa e suas irmãs começaram a trabalhar nas Indústrias Aliberti. Como não sabiam voltar do trabalho para casa, tinham que esperar os tios para acompanhá-las. A vida era dura, mas tinha suas compensações. Uma delas eram os bailes do Teuto (como era conhecida a Sociedade Cultural Esportiva Teuto-Brasileira), onde Maria Josefa conheceu José Medeiros. Segundo ela, era um belo jovem de olhos verdes, por quem se apaixonou. Casaram-se em 1943 e receberam de Arrojo a casa da Rua Gonzaga, para que morassem durante um ano, prazo dado por ele, para que o casal comprasse sua casa própria. O casal Medeiros teve quatro fi-

Maria Josefa e José em foto da década de 1940



lhos: Maria de Lourdes, Leide, Lindalva e José. As duas mais velhas casaram-se e deram a Maria Josefa seis netos e cinco bisnetos. Lindalva e José moram com a mãe em um sobrado, situado na Rua Conselheiro Lafayette, 278.

Maria Josefa sempre trabalhou para o sustento da família. José Medeiros faleceu em 1981. Como não estudou, trabalhava como faxineira em casa

de família e lavava roupas para fora. Apesar disso, conseguiu encaminhar bem os filhos e hoje tem uma família unida, alegre e feliz. Graças aos filhos, hoje muito bem estabelecidos, profissional e socialmente, ela pôde fazer viagens muito agradáveis a lugares que

Pedro Arrojo e Antonia Moya, pais de Maria Josefa, e seus dez filhos

Acervo/Maria Josefa de Medeiros



Acervo/Maria Josefa de Medeiros



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni

Maria Josefa: sempre trabalhou pelo sustento da família. Foto de 2011



Maria Josefa rodeada por familiares em foto recente

Acervo/Maria Josefa de Medeiros

sempre sonhou em conhecer, como Natal (capital do Estado do Rio Grande do Norte, cidade onde nasceu seu marido), a região Sul do Brasil e Buenos Aires (capital da Argentina).

Para encerrar o encontro, Maria de Lourdes, filha de Maria Josefa nos ofereceu um delicioso café da tarde, enquanto o genro José Alberto Dompieri, que, além de economista, é músico, tocou acordeon. **R**



() Mônica Ascencio Simões Ponzoni é colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

UM EXEMPLO DE AMOR AO PRÓXIMO

(*) *Yolanda ASCENCIO*

Olga Olzon Meira, segunda filha de Magnus Henrique Olzon (descendente de alemães) e Maria Augusta Olzon (brasileira), nasceu em Bernardino de Campos (interior de São Paulo), no dia 18 de outubro de 1918. Quando tinha dois anos de idade, a família Olzon mudou-se para Birigui (interior de São Paulo).

Foi nesta cidade, que a família continuou crescendo. O casal teve 12 filhos, dos quais, apenas sete sobreviveram: Carlos, Olga, Paulo, Jose Roberto, Agnes, Paulina e Terezinha. Além de uma família numerosa, Magnus Olzon foi muito bem sucedido profissionalmente. Montou a maior e mais famosa confeitaria da região, foi delegado e juiz de paz. Na maçonaria, alcançou o grau 33.

Com muito orgulho e saudade, Olga fala do pai e do tempo feliz passado em Birigui, onde fez o curso primário e ginásial e onde conheceu Luiz Alvarenga Meira, com quem se casou e teve três filhos: Lourdes, Ruth e Luiz Antonio. Em 1951, o sogro de Olga, Ranulpho do Amaral Meira, tabelião, passou

o cartório para o filho, de acordo com a Lei de Sucessão, criada pelo então presidente Getúlio Vargas.

Acervo/Família de Olga Olzon Meira

Assim, com a criação da Comarca de São Caetano, Luiz Alvarenga Meira veio para a cidade, com a família, instalando o primeiro cartório na localidade. O Cartório do 2º Ofício ficava na Rua Baraldi (esquina com a Rua Manoel Coelho). Olga trabalhava com o marido, como oficial maior e o filho Luiz Antonio, como escrevente. Em 1959, Magnus Henrique Olzon veio visitar a filha e, apaixonando-se pela cidade, mudou-se para São Caetano, adquirindo uma casa na Rua Major Carlo Del Prete.

Em novembro de 1978, o marido de Olga faleceu. Ela manteve o cartório por mais algum tempo, mas resolveu se aposentar. A partir de então, passou a se dedicar, em tempo integral, a atividades filantrópicas. Ingressou na Associa-



Olga Olzon Meira nas dependências da sede da Apami. Foto da década de 2000



Arquivo Família de Olga Olzon Meira

Voluntárias da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância (Apami). Na foto, da esquerda para a direita, Íris Dall'Antonia, Lídia Perrella, Lola Massei, Olga O. Meira e Virgínia Massei. Foto da década de 2000



Arquivo Família de Olga Olzon Meira

Olga ladeada pelos filhos Luiz Antonio e Ruth. Foto da década de 2000



Arquivo Família de Olga Olzon Meira

Olga O. Meira, voluntária da Rede Feminina de Combate ao Câncer, homenageando sua presidente, Carmem Prudente, em visita a São Caetano do Sul. Foto da década de 1970

ção de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância (Apami) e na Rede Feminina de Combate ao Câncer. Colaborava também com o Roupeiro de Santa Rita e com o Voluntariado do Hospital São Caetano. Participou de 18 simpósios da Rede Feminina de Combate ao Câncer, acompanhando Carmem Prudente, por quem tem uma grande admiração.

Após tantos anos de dedicação exclusiva à saúde e ao bem-estar do próximo, Olga recorda, com carinho, as alegrias que seu trabalho lhe proporcionou. Em caixas devidamente organizadas, ela mantém as lembranças e os prêmios recebidos, como por exemplo, Título de Honra ao Mérito por trabalhos prestados à Justiça, Medalha da Apami, Medalha de Agente da Solidariedade, Prêmio de Voluntários do Hospital São Caetano, Título de Cidadão da História e a Medalha do Lar Samaritano.

Atualmente, vive sempre rodeada pelos seis netos e três bisnetos. Mora com a filha Ruth (viúva, professora de artes) e com o filho Luiz Antonio, sua esposa e filho. Com 93 anos intensamente vividos, Olga Olzon Meira considera-se uma pessoa feliz e bem-sucedida. **R**

() Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada, escritora e colaboradora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Agenda da IRFM, da década de 1930



Acervo/José Ramos Vitorino

Retrato do jovem José Ramos Vitorino, aos 15 anos de idade, em 1949

A GEOGRAFIA EM PROSA DO PROFESSOR JOSÉ RAMOS VITORINO



Acervo/José Ramos Vitorino

José Ramos Vitorino nasceu no dia 21 de novembro de 1934, na cidade paulista de Presidente Wenceslau. A família, de origem nordestina, labutava na lavoura paulista, mas diante de dificuldades econômicas e da saudade da terra, resolveu voltar para a cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará. Ali, fez seu curso primário, e seguiu para cursar o ginásio na capital pernambucana.

No município do interior cearense ainda serviu o Tiro de Guerra. Em 1953, depois de cumprir todos os compromissos, aos 19 anos, veio para São Caetano do Sul. Sozinho, adotou como sua a cidade onde criou raízes. A escolha de seu destino não foi por acaso, mas por indicação de um tio que morava e trabalhava na prefeitura local, como coletor de lixo. Quando chegou à cidade, foi morar em um barraco que ficava em um terreno pertencente à Light, próximo à Rua Santa Catarina, no Bairro Centro. Alguns anos depois, conseguiu alugar uma pequena casa e trouxe sua mãe e irmã para compartilharem

José Ramos Vitorino no dia de sua posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, em 29 de maio de 2008

sua trajetória. Seu primeiro emprego foi em Santo André, como escriturário e o segundo, no Banco Real, na agência do Bairro do Bom Retiro, em São Paulo, onde permaneceu por um ano. Sua meta era estudar em uma universidade e para isso frequentava assiduamente a Biblioteca Municipal Paul Harris, que ficava no Edifício Vitória. No local, encontrava livros para seus estudos e aproveitava o silêncio para compor sonetos, poesias, trovas e versos, como este:

Hoje é um desses dias chuvosos que derramam dilúvios de pensamentos na alma de quem vive só. Uma tarde escura, em que as árvores têm preguiça de abrir os braços e sacudir sentimentos. Simplesmente, uma dessas tardes tão longas quanto o sofrimento e tão cinzentas quanto as lembranças e os ressentimentos!

Hoje parece domingo, dia que não deveria existir no calendário da solidão. Mesmo assim, como é bom abrir metade da janela e pressentir a fumaça das chaminés e ver as nuvens brigando por um pedaço do infinito. Triste mesmo é ver os homens lutando por um grão de areia e a brigar por uma migalha de pão!

Quando não estava na biblioteca, buscava a tranquilidade para estudar em outro lugar: sobre os túmulos do Cemitério São Caetano, no Bairro Santa Paula. Ali encontrava o silêncio necessário, preparando-se para entrar na faculdade. Emocionado, lembra de uma passagem interessante, de quando fez uma prova oral na faculdade de geografia da Universidade de São Paulo. O presidente da banca examinadora era Napoleão Mendes de Almeida (gramático, filólogo e professor de português e latim,

*Casamento de
José Ramos
Vitorino e Neide
Trigo Ramos,
realizado em
25 de março de
1960*





autor de diversos livros sobre gramática), que iniciou a prova avisando a todos que ninguém ganharia a nota máxima. Vitorino ficou trêmulo diante do grande professor e, quando chegou sua vez, teve muita sorte. Se foi mesmo sorte ele não sabe, mas precisou discursar sobre o padre Antonio Vieira (religioso português que foi missionário em terras brasileiras), um personagem que conhecia profundamente. O que aconteceu foi que seu discurso foi merecedor da maior nota. Assim, começou seu curso, dando início à sua carreira no magistério.

Começou a lecionar geografia no Curso ABC, cujo diretor, na época, era Joaquim Formiga. Nesse período, conheceu a aluna Neide Trigo Ramos, com quem se casou posteriormente. Tiveram três filhos: Renato Teodoro Ramos (médico), Rogério Tadeu Ramos (cientista) e Régis Tércio Ramos (economista). Sua esposa trabalhou, durante muito tempo, como psicóloga nos centros de terceira idade de São Caetano do Sul. Na década de 1960, abriu sua própria escola, o Curso Brasil, que oferecia cursos de madureza (educação de jovens e adultos) e dactilografia, chegando a ter 500 alunos. A instituição ficava no andar superior do antigo prédio do Externato Santo Antônio, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a Rua Manoel Coelho.

De 1959 a 1969, Vitorino lecionou na Escola Estadual Cel. Bonifácio de Carvalho. Fez ainda parte do corpo docente de outras escolas da cidade, como das estaduais Yolanda Ascencio e Alexandre Grigolli, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella (na época, estadual) e do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, onde atuou

durante 10 anos. Querido pelos alunos, estimado por seus colegas professores, Vitorino trilhou uma trajetória vitoriosa pelos caminhos do bem, da honradez e, sobretudo, marcada por uma sensibilidade por tudo que o cerca.

Aliado ao ofício de professor, José Ramos Vitorino sempre se dedicou à poesia e aos sonetos, que publicava em jornais, às vezes com o pseudônimo Somar. Em 29 de maio de 2008, com muito mérito, tomou posse na Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a Cadeira 33 (que tem como patrono o poeta Amadeu Amaral). Faz parte, também, da Academia Popular de Letras do Grande ABC, formada por um grupo de escritores que cultiva a literatura como paixão, reunindo-se quinzenalmente nas dependências da Biblioteca Municipal Paul Harris. Podemos conhecer algumas de suas poesias no livro *De Maria a José*, publicado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano em 2011. É membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória. Hoje, aposentado, o professor dedica-se à escrita poética. **R**

Professor Ramos discursando no auditório do Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, em uma das muitas vezes em que foi paraninfo dos estudantes. Foto da década de 1970

Acervo José Ramos Vitorino



TRANSCREVEMOS AQUI DOIS DOS MAIS RECENTES TRABALHOS DE JOSÉ RAMOS VITORINO:

1º Encontro

*Ontem, quando sai comprar o pão
Sem perceber, alguém, fingindo amigo
Surge ao meu lado, com a expressão
De amor e paz, querer falar comigo.*

*De imediato, entrei na contramão
Da vida... E como alguém que está perdido
Dentro de si... Em plena confusão
Senti-me intensamente comovido...*

*Ao conversar com Deus na minha prece
Não disse nada que Ele não soubesse
E mesmo assim fechei meu coração...*

*Mais uma vez me sinto envergonhado
Pela fraqueza de tê-Lo encontrado
E nem ao menos Lhe pedir perdão!*

2º Encontro

*Estou perdido no meu alto mar
E me pergunto para o céu distante
Qual o motivo para navegar
Quando o destino jaz inoperante?*

*Em frente! – brada a voz da consciência!
Pare! – insiste a essência da desgraça!
E, indeciso, clamo por demência...
E agora Deus, que queres que eu faça?*

*Segue em silêncio e entra no meu templo
Medita e entenderás o meu exemplo:
Abre teus braços – disse-me Jesus.*

*Conhecerás a essência da verdade
Pois encontraste a felicidade...
E nem foi preciso te pregar na cruz!*

(Texto do Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul)



*Retrato
de Mário
Migliani,
na década
de 1950*

IMPRESSÕES DE UMA VIDA

(*) *Nelson ALBUQUERQUE*

Trabalhar durante 30 anos numa empresa como os Diários Associados, de Assis Chateaubriand (1892-1968), é colecionar infinitas histórias interessantes. Pois essa foi a vida profissional de Mário Migliani, um tipógrafo de São Caetano do Sul que gostava de contar suas lembranças recheadas de curiosidades. Além de causos sobre o emprego, ele também colecionou histórias esportivas, com títulos no futebol, no pingue-pongue e na bocha. Neste ano, no dia 14 de janeiro, Mário Migliani faleceu, aos 81 anos.

Ainda adolescente, iniciou sua carreira nos Diários Associados, com seu pai, Ribelle Migliani, como chefe no setor de linotipia. Experimentou, logo aos 15 anos, o ritmo do trabalho na madrugada

da e o cheiro de chumbo fundido. Teve de se acostumar a ler textos com as letras invertidas nas matrizes tipográficas – sempre ressaltava esse detalhe.

Entre as histórias que mais gostava de contar está a da final da Copa do Mundo de Futebol de 1950. “Estávamos com o jornal pronto, com a manchete do Brasil campeão, todo mundo empolgado. Só faltava colocar o resultado do jogo”, falava, e acrescentava que já estavam preparados para sair e festejar. Mas o Uruguai virou o placar, e a Seleção Brasileira teve de amargar uma de suas piores frustrações esportivas. “Refizemos tudo, na maior tristeza”, contava. De fato, uma decepção que se arraigou de forma plenamente justificável.

Migliani também recordava momentos mais descontraídos. Usava o preâmbulo “Não acredite em horóscopos” quando falava sobre a página de signos. No jornal, essa coluna era assinada por Omar Cardoso, mas, em certa ocasião, ele ficou doente e deixou de enviar os textos. “Não tinha ninguém na redação para escrever aquilo, então a gente pegava os textos antigos, já publicados, e só trocava os signos”, lembrava, fazendo no ar o movimento de embaralhar peças. Só que, contradizendo o próprio preâmbulo, ele contava que um amigo, sem saber da improvisação no horóscopo, acreditou no número recomendado e apostou na loteria. “E ganhou”, ria. Migliani aposentou-se na mesma empresa, em 1975.

Infância na Fundação - Além das memórias que ele tanto gostava de contar a pessoas próximas, este texto também deixa impresso um pouco da sua própria história de vida. Mário Migliani nasceu no dia 22 de setembro de 1930, no Bairro do Cambuci, em São Paulo. Filho de Ribelle e Carolina Migliani, teve sete irmãos: Walter, Valchiria, Inês, Wilma, Cecília, Norma e Angelina. Logo no seu primeiro ano de vida, a família se mudou para São Caetano, instalando-se em uma casa da Rua 28 de Julho, no Bairro da Fundação. Ali viveu sua infância, brincando e jogando futebol. Estudou no Grupo

Escolar Senador Flaquer. O pai era bastante rígido e não tolerava muito suas travessuras.

Seus familiares, hoje, dizem que ele sempre contava uma surra memorável. Mário Migliani e seu irmão Walter foram nadar no Rio Tamanduaté. O irmão saiu um pouco antes e levou embora toda sua roupa. Ele teve de esperar anoitecer para poder ir para casa. Além de voltar nu, ainda apanhou do pai.

Com 12 anos, começou a trabalhar no armazém vizinho de sua residência. Esse estabelecimento era de propriedade de Júlio Marcucci e vendia diversos tipos de grãos. Migliani exercia função de vendedor, no balcão, pesando e embalando as mercadorias. Para ir de casa ao trabalho, sempre lembrava, era só pular o muro.

Três anos depois, iniciou em seu emprego nos Diários Associados. Aos 18, começou seu namoro com Vilma, que tinha 15 e com quem se casou cinco anos depois. Do namoro, com bom humor, ela lembra: “Era difícil a gente sair, porque ele trabalhava bastante. Também jogava bola e vivia com o joelho inchado”.

Casamento - Casaram-se na Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, no dia 12 de dezembro de 1953. Quem levou a noiva à cerimônia foi Armando Braido, amigo da família e motorista que tinha um dos melhores automóveis da época. A lua de mel foi em Santos, na praia de José Menino, numa antiga pensão chamada Rose Clair.

A partir de então passaram a morar na casa onde já vivia Vilma e sua família, no Bairro Centro, em São Caetano. Vários momentos marcantes também foram vividos nesse endere-

Ao centro, de camisa escura, Mário Migliani com seus colegas de trabalho, nos Diários Associados. Foto do final da década de 1950



Acervo/Família de Mário Migliani

Mário Migliani com sua equipe de bocha, ostentando a faixa de Campeão Paulista de Bocha, representando o São Caetano Esporte Clube, em 1983



Acervo/Família de Mário Migliani

Campeonato de pingue-pongue realizado nas oficinas dos Diários Associados, em São Paulo. A quarta pessoa, da direita para a esquerda é o apresentador de rádio e televisão Airton Rodrigues e o seguinte, Mário Migliani. Foto da década de 1950



Acervo/Família de Mário Migliani

ço, como as sessões para assistir às transmissões da TV Tupi, em meados dos anos 1950. “Compramos uma televisão na loja Del Rey, na Rua Baraldi. Acho que era uma das primeiras na cidade. A nossa sala enchia de gente pra assistir”, recorda Vilma. Conta ainda que o aparelho transmitia em preto e branco e que, alguns anos depois, tinha gente que colocava papel celofane na frente da tevê para a imagem ficar colorida. “Só ficavam umas faixas de cores diferentes, e dava uma dor de cabeça!”, lembrava, rindo.

O casamento de 58 anos gerou cinco filhos (Sueli, Solange, Simone, Mário Sérgio e Selma), sete netos (Mauro Jr., Fábio, Roberto, Renata, Vanessa, João Pedro e Vinícius) e cinco bisnetos (Audree, Gabriel, Lucas, Mateus e Cauê).

Esporte - Antes de toda a linhagem se estender, Migliani escreveu uma rica – e até vitoriosa – história esportiva. O título no pingue-pongue veio quando ele jogava os acalorados torneios pelos Diários Associados. Paralelamente, disputava os campeonatos de futebol amador em São Caetano.

Em uma edição do *Diário do Grande ABC*, de 12 de agosto de 1979, uma reportagem sobre o São Cristóvão Futebol Clube traz um texto sob o título *Dois times que acabaram ficando na história*. Numa dessas equipes, jogou Mário Migliani, chamado de Marinho, ao lado de Vitale, Fumanchu, Chico-Tanque, Bimba, Jani, Pudim, Bastrubas, Tide e Bieto. O time ficou um longo tempo invicto e, nesse período, segundo a reportagem, chegou a ser chamado de “Os 11 convencidos”, pois a maioria dos jogadores batia no peito e dizia que não havia time na região para vencê-los.

Migliani defendeu o São Caetano Esporte Clube nas canchas de bocha por vários anos. Foi campeão paulista em 1983, em uma equipe que contava ainda com Albino Martorelli, Chico, Airton Magrão, Pipo, Peixinho, Fedato, Titaco, Jair, Leonel, Nadim e Cebolinha. No mesmo clube, foi diretor de Patrimônio nos anos 1980 e diretor de Bochas na década seguinte. Também teve uma breve passagem jogando pelo Clube Bochófilo São José.

É impossível falar de esporte e de Mário Migliani sem falar de sua paixão futebolística, o Sport



Acervo/Família de Mário Migliani

Mário Migliani levantando a faixa de campeão do Centenário dos Veteranos do São Cristóvão Futebol Clube, em 1977

Club Corinthians Paulista. Torcedor fervoroso, acompanhava todas as notícias e ouvia a todos os jogos. Foi um *fiel* exigente e crítico e, ao mesmo tempo, defensor e apaixonado pelo time.

Em setembro de 2009, foi agraciado com o título de Cidadão da História, da Fundação Pró-Memória de São Caetano. Mário Migliani tinha um laço de afetividade com a entidade, mais precisamente com a revista *Raízes*, a qual colecionou do número 1 até o 44. A mesma revista que, agora, imprime sua história de vida, não por meio da tipografia, mas por novas tecnologias que evoluíram daquela a que ele tanto se dedicou.



Mário Migliani e sua clã em foto do projeto *Album de Família*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, tirada quando recebeu o título de Cidadão da História, em 19 de setembro de 2009

Acervo/Família de Mário Migliani



(*) **Nelson Albuquerque** é jornalista e redator publicitário. Trabalhou no *Jornal Vida*, no *Correio do ABC*, no *Jornal de São Caetano* e foi repórter e editor de *Cultura do Diário do Grande ABC*. Atualmente presta assessoria e serviços de comunicação a agências de publicidade e órgãos de imprensa. É membro do Conselho Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

BRUNA CASSETARI RICCI: uma vida dedicada à coletividade

(*) *Mário Porfírio RODRIGUES*

Todas as cidades têm suas respectivas trajetórias construídas por pessoas que se destacam com os seus feitos em benefício da coletividade e acabam contribuindo para a formação da história da localidade onde viveram. Temos escrito nas páginas da revista *Raízes* sobre algumas dessas pessoas. Dissertaremos, nesta edição, sobre uma professora a quem muito deve São Caetano do Sul: Bruna Cassetari Ricci. Durante sua vida, não foi destaque somente em sua profissão. Fez história em todos os segmentos sociais dos quais participou, todos ocorridos na cidade.

Nasceu no interior do Estado de São Paulo, em Botucatu, no dia 19 de setembro de 1905. Professora formada, prestou concurso público e escolheu lecionar no Grupo Escolar Romão Puigari, em São Paulo, no Bairro do Brás. Como havia uma ligação de trem do local para São Caetano, e habitu-

ada com a vida do interior, sua família decidiu morar na cidade. Com o esposo Venício Nicolau Ricci e as duas filhas menores Lilian Flávia e Ivone Maria, ambientaram-se logo ao sistema de vida local, granjeando inúmeras amizades. Residiram durante muitos anos na Rua Pará, 25.

Após vários anos no estabelecimento de ensino que escolhera, passou a lecionar no Grupo Escolar Senador Flaquer, na cidade que já havia adotado como sua. Residindo e lecionando em São Caetano participava com o esposo de quase todas as reuniões sociais que aconteciam no então pequeno segundo subdistrito de Santo André.

A LBA e os expedicionários - Durante a Segunda Guerra Mundial, em 26 de maio de 1943, foi nomeada presidente da subcomissão da Legião Brasileira de Assistência (LBA), entidade criada pelo governo federal e presidida, no Brasil, por Darcy Vargas, esposa do presidente da

República. A professora Bruna Ricci iniciou logo o trabalho de assistência material e espiritual às famílias sancaetanenses dos expedicionários que se encontravam nos campos de batalha, em longínquas terras italianas.

Com as demais voluntárias, promovia visitas de conforto às famílias carentes, distribuindo as cartas chega-



Acerவில்லொ M. Ricci

Professora Bruna em sala de aula do Grupo Escolar Senador Flaquer, no Bairro da Fundação. Foto da década de 1940



Acreditamos M. Ricci

Chegada a São Caetano do Sul dos soldados expedicionários que lutaram no conflito mundial, no dia 7 de outubro de 1945. Na foto, a entrada na Praça Cardeal Arcoverde, acompanhados das voluntárias da LBA, sob a liderança de Bruna Cassetari Ricci, presidente da entidade, que está ao centro, de vestido estampado

das e notícias sobre os pracinhas sancaetanenses, com o apoio da Cruz Vermelha Internacional. Como a verba da LBA era pequena, obtinha ajuda do comércio e da indústria, e organizava festas, angariando recursos para distribuir a essas famílias necessitadas mantimentos e remédios.

Terminado o conflito mundial, coube à Legião Brasileira de Assistência organizar os festejos comemorativos da volta dos heróis em Santo André e em São Caetano, ficando esse trabalho por conta da subcomissão local. Os jornais de Santo André, *Borda do Campo*, de 30 de setembro de 1945, e *O Imparcial*, de 7 de outubro do mesmo ano, noticiaram o fato e vários folhetos foram distribuídos na cidade com os dizeres: “Expedicionários de Santo André. Serão homenageados hoje, os expedicionários de nossa cidade, que honraram na Europa a Terra de João Ramalho. O grande programa foi elaborado pelo Centro Municipal da Legião B. de Assistência.” Em Santo André, as festividades começariam às 8 horas da manhã e, à tarde, teriam continuidade em São Caetano, terminando com o grandioso Baile da Recepção.

A LBA da professora Bruna Ricci pediu auxílio ao comércio, à indústria e aos clubes locais e preparou uma linda festa de recepção aos pracinhas.

Na Praça Cardeal Arcoverde, foi montado pelos empregados das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo um monumental arco do triunfo com a inscrição: “São Caetano agradecido homenageia os seus heróicos filhos”.

O convite do Hospital São Caetano - Um ano depois, uma carta datada de 4 de outubro de 1946, assinada por este redator, na época diretor do *Jornal de São Caetano*, convidava Bruna Cassetari Ricci para comparecer à primeira mesa redonda que tinha por finalidade criar “uma campanha no sentido de conseguir um hospital para São Caetano”. A convidada compareceu a essa reunião e às outras que se seguiram. No dia 7 de dezembro de 1946, em assembleia com mais de 100 pessoas, foi criada a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano. Na mesa que presidiu o evento, estava sentada a professora Bruna, ao lado de Marcos Nogueira Garcez, Luiz Rodrigues Neves, Arlindo Marchetti, Accacio Novaes, Avelino Polli, José Luiz Flaquer Neto, Ângelo Antenor Zambom, João Dal’Mas, José Homem de Bittencourt e Mário Porfírio Rodrigues.

Na primeira diretoria da entidade, que teve Ângelo Raphael Pellegrino como presidente, seu esposo foi eleito segundo tesoureiro, tendo sido reeleito para o mesmo cargo em diretorias dos anos seguintes. Bruna nunca mais deixou de colaborar com a campanha destinada a construir um hospital beneficente para a cidade. No dia 7 de julho de 1948, foi eleita presidente da Comissão Feminina, criada para

colaborar nas várias campanhas realizadas com a finalidade de conseguir numerários para a construção do edifício. Mais de 40 senhoras da sociedade local, especialmente as esposas de diretores e conselheiros da entidade, faziam parte da comissão.

Os espetáculos beneficentes tiveram início um ano antes de ser formalizada a Comissão Feminina, sempre com a presença da incansável professora Bruna. Já em fevereiro de 1947, tivemos Arnaldo e Ely Meireles com suas harmônicas mágicas,

jovens finalistas: Dulce Della Coleta, segunda colocada, e a vencedora Ivone Ricci (filha de Bruna).

Assistente educacional no Sesi - Com a instalação do município de São Caetano do Sul em 1949, deixou de existir a subcomissão da LBA, subordinada a Santo André. Poucos anos se passaram depois que deixou essa incumbência, e a professora Bruna Cassetari Ricci continuou lecionando no Grupo Escolar Senador Flaquer e trabalhando como presidente da Comissão Feminina do Hospital São



Acervol Ivone M. Ricci

Primeiro Natal dos Pobres, evento patrocinado pela prefeitura municipal e organizado pela presidente Bruna C. Ricci, com o auxílio de senhoras voluntárias, realizado no Cine Max, em 1949. Na foto, Bruna ao lado esquerdo do prefeito Ângelo Raphael Pellegrino

Lia Marques, bailarina infantil do Theatro Municipal de São Paulo, cantores de várias estações de rádio, e os eventos foram tendo continuidade com chás beneficentes, com sorteio de prendas, Baile da Cooperação com diversos leilões e sorteios, Baile da Noite de Maio no clube da General Motors, campanha do metro quadrado do terreno do hospital e um Livro de Ouro, que foi assinado por pessoas de posse da cidade. Ao mesmo tempo, cartas eram enviadas para comércios e indústrias, solicitando uma contribuição. Com a aquisição do terreno, várias quermesses foram realizadas no próprio local.

Em 1952, foi organizado o Concurso Beneficente Miss São Caetano, com renda para o hospital. Entre as muitas candidatas que ajudaram a vender votos em benefício da causa, duas foram as

Caetano.

Criado há alguns anos pelo presidente Getúlio Vargas, o Serviço Social da Indústria (Sesi), que já possuía um armazém de secos e molhados para os industriários de São Caetano do Sul, instala também o seu setor educacional. A professora Bruna Cassetari Ricci foi nomeada assistente educacional dessa nova entidade sul-sancaetanense.

Nessa atividade exerceu funções semelhantes às da LBA, porém mais voltadas para a área educacional. Além de dar assistência aos mais necessitados, em suas visitas às indústrias locais, procurava incentivar seus diretores a proporcionarem aos seus empregados oportunidades e meios para que alcançassem o progresso que o Brasil estava atravessando nos campos educacional e social. Durante vários

anos, compareceu a todas as formaturas e eventos educacionais do Sesi.

Natal das Crianças Pobres - Empossado prefeito do novo município, em 3 de abril de 1949, Ângelo Raphael Pellegrino nomeou, em 8 de novembro do mesmo ano, um conselho de senhoras para providenciar o primeiro Natal das Crianças Pobres de São Caetano do Sul. Foram designadas: Nelly Pellegrino, como presidente de honra, Bruna Cassetari Ricci, presidente, e nos demais cargos Odete Fraissat



Acervollvone M. Ricci

Bruna Cassetari Ricci discursando em uma das solenidades de formatura do Sesi, onde era assistente educacional. Foto da década de 1950

Paez, Amabile Novaes, Neria Falchero, Olga Montanari de Mello, Lazara Cardieri, Eunice Iracema Milani, Carmem Barbieri, Mafalda Lorenzini Casella, Carmem Campoi, Bruna Constantino, Izaura Rodrigues e Ofelia Barile.

Nos anos seguintes, continuou organizando os eventos natalinos da municipalidade. O prefeito seguinte, Anacleto Campanella, enviou à professora Bruna Ricci, no dia 4 de novembro de 1953, o ofício nº 1698, convidando-a para as mesmas funções. Assim, durante vários anos, Bruna organizou o Natal das Crianças Pobres de São Caetano do Sul.

A força para tantas realizações - Como se estivesse explicando a origem da vontade e determinação em trabalhar em benefício da coletividade, a professora escreveu no *Jornal de São Caetano*

de 25 de janeiro de 1948 o seguinte: “O professor bondoso atrai para si o coração da infância que se deixará levar como um rebanho dócil, onde não haja ovelha desgarrada. E à semelhança do Mestre do Evangelho, daquele Bom Pastor, ele o conduzirá mui terna e docemente até junto de um sol que lhe transformará as densas trevas do espírito num alívio de luz”. Bruna Cassetari Ricci faleceu aos 85 anos de idade deixando, além de um milhão de amigos, um vácuo que jamais será preenchido. **R**

(*) **Mário Porfírio Rodrigues** foi fundador do *Jornal de São Caetano* e do *Hospital São Caetano*. É membro da *Academia de Letras da Grande São Paulo* e do *Conselho Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

HOMENAGEM

Acervofamilia de Mauricio Hoffman



MAURÍCIO HOFFMAN, exemplo de vida!

(*) *Mario DEL REY*

Maurício Hoffman: atuação marcante na vida social, econômica e política da cidade

Nascido em 21 de setembro de 1937, em Passos, Minas Gerais, Maurício Hoffman era o terceiro filho do casal de imigrantes de origem judaica, Paulo e Bertha Hoffman, que imigraram respectivamente da Ucrânia e da Bessarábia (atual Moldávia). Com o falecimento do patriarca, em novembro de 1954, os irmãos Jayme, Adolpho e Maurício assumiram a direção do estabelecimento comercial da família em Passos, especializado no ramo de móveis. Em 1958, o caçula, Maurício, veio para São Paulo e começou a trabalhar na Sears Roebuck SA, como vendedor e subchefe da seção de tapetes.

Maurício Hoffman transferiu-se para São Caetano do Sul em 30 de novembro de 1962, fundando uma loja de utilidades domésticas, chamada Casa Mineira, que funcionou até janeiro de 1973. Em março do mesmo ano, Hoffman instalou um escritório de advocacia na Rua Manoel Coelho, 500. A partir de julho de 1986, passou a receber seus clientes em novo endereço, na Avenida Senador Roberto Simonsen, 33. Ao lado de seu filho, Paulo, o advogado representou e defendeu o interesse das maiores empresas e famílias da região, até o seu falecimento, em 30 de janeiro de 2012.



Com sua esposa, Maridna Gertrudes Hoffman, com quem teve três filhos

Acervo/família de Maurício Hoffman



Acervo/família de Maurício Hoffman

Acervo/família de Maurício Hoffman



Na década de 1980, foi presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul

Na Maçonaria, alcançou todos os cargos de liderança

Além de advogado, era também corretor de imóveis, tendo mantido uma empresa do ramo, em sociedade com sua filha Miriam. Sua outra filha, Simone, também trabalha na área imobiliária. Durante vários anos, Hoffman foi assessor jurídico da Delegacia Regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). Foi presidente do Conselho da Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul, de 1969 a 1973, além de conselheiro vitalício da entidade.

Admitido em 11 de novembro de 1967 na Loja Maçônica Fraternidade de São Caetano, teve ali atuação destacada, exercendo todos os cargos de liderança. Foi fundador das lojas maçônicas Matheus Constantino e Luz do Oriente. Foi presidente da Poderosa Assembleia Estadual Legislativa do Grande Oriente de São Paulo e, em 2007, recebeu grande homenagem do Colégio de Veneráveis de São Caetano, como exemplo de maçom.

Hoffman foi vice-presidente da Sociedade Mantenedora da Casa do Albergado, membro do Rotary Club e assessor jurídico do Clube dos Diretores Lojistas de São Caetano do Sul. Foi eleito vereador pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1977. Em 1983, foi reeleito pelo PMDB (do qual foi co-fundador) exercendo o mandato até 1988. Durante sua atuação como edil, foi presidente da Câmara Municipal, no período de 1981 a 1983, presidente da Comissão de Cultura e Assistência Social, de 1977

a 1979, membro da Comissão de Redação e Justiça, de 1977 a 1979, e presidente da Comissão de Redação e Justiça, de 1979 a 1981, e de 1987 a 1988.

Destacou-se como orador das comemorações do centenário de São Caetano do Sul, em 1977, e recebeu o título de Cidadão Sul-sancaetense, no dia 9 de abril de 1992, pelos relevantes serviços prestados ao município. Por todos os locais e instituições pelos quais passou, deixou sua marca inesquecível. Sua presença em reuniões sempre trouxe o tom da conciliação e do bom senso. Maurício Hoffman sempre foi a voz a ser escutada, um orador sem rodeio, sem argumentos desnecessários ou prolixos.

Era o líder que ouve e incentiva a criação de novos líderes. Mais do que isto, era o condutor que os demais ansiavam por ouvir, pois, ao falar, ensinava e todos sabiam que sua história de vida e conduta ilibada avalizavam sua postura. Suas palavras corretas, sinceras e, a um só tempo, serenas e firmes, nunca foram retóricas, mas sempre mensagens recheadas de conteúdo e propósito.

Casado desde 14 de setembro de 1963 com o grande amor de sua vida, Maridna Gertrudes Hoffman, teve três filhos, todos advogados: Miriam, Simone e Paulo. Faleceu aos 74 anos de idade, deixando, além dos filhos, a nora Renata e os genros Claudio e Roberto, além dos netos Bárbara, Ana Carolina, Paola, Vinícius e Mateus.

Fruto da paixão que nutria pelo município, optou por ser enterrado em São Caetano do Sul, terra que escolheu para viver, prosperar e criar seus filhos. Maurício Hoffman foi daqueles poucos visionários que, de tempo em tempo, o Grande Arquiteto do Universo põe para habitar a Terra: parceiro, amigo, alegre, sincero e fiel, sabia abstrair com sua sagacidade e vivacidade o que há de melhor em cada um de nós. Foi um exemplo de vida, um obstinado que não se deixava abater, muito menos perder a alegria de viver. Querido amigo, você deixa muita saudade! **R**

(*) *Mario Del Rey é membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, da Academia Brasileira Maçônica de Artes, Ciências e Letras e colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Com a reabertura do Hospital São Caetano, neste mês de fevereiro de 2012, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul montou uma exposição *in loco*, mostrando, numa linha de tempo, desde a criação do hospital até sua entrega à população. Nesta *Memória Fotográfica Especial*, trazemos aos leitores essa exposição fotográfica, como uma forma de homenagear a todos os que, direta ou indiretamente, participaram da construção deste hospital, quer participando com doações, quer frequentando as festas, bailes, quermesses, para angariar fundos ou ainda, aqueles que deram tudo de si para a construção da instituição hospitalar.

ACERVO/FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL



Piquenique em prol da construção do Hospital São Caetano, realizado em 1947. Vemos na foto, da esquerda para a direita: José Cambaúva, Roberto Poli, Avelino Poli, Geraldo Cambaúva, Abib João Kirche, Jordano Vincenzi, Anacleto Campanella, Mário Parisio, Ângelo Zambom, Jayme da Costa Patrão, Maria Clara Morselli, Leonildo Morselli, Ricardo Falchero, Enio Imperato, Ana Maria Cambaúva, Armando Coppini, Aracy Campanella, Marisa Campanella, Arcília Vidalez Cambaúva, Antonio Carlos, Maria Renné Poli Imperato, Palmira Poli, Alzira Cambaúva, Iracema Flores Vincenzi e Luiz José Vincenzi



Comissão Feminina da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano durante pequeno evento em prol da construção do hospital, em 1947. Era responsável por organizar shows artísticos, chás beneficentes, bailes e quermesses. Foram identificados: João Dal'Mas, Octávio Tegão, Alfredo Maluf, Maria José Rela, Mafalda Lorenzini, Judith Pina Dal'Mas, Helena Musumeci e Amália Pimenta



Noite de Maio, grande baile realizado no dia 10 de maio de 1947, nas dependências do General Motors Esporte Clube, organizado pela Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, com a presença de Totó e sua Orquestra Colúmbia. Na foto, alguns membros da Sociedade Beneficente: Ângelo Raphael Pellegrino, Julio Marcucci, Abib João Kirche, Venício Nicolau Ricci, José Cambaúva, Jordano Vincenzi, Carlos Paez, Yone L'Abate Flaquer, Macária Rodrigues, Bruna Ricci, Olga Montanari de Mello, Norma Marcucci, Concetto Constantino, Bruna Constantino, Ophélia Barile, João Dal'Mas, Mário Porfírio Rodrigues, José Luiz Flaquer Neto e Antonio Bovolento



Fachada do primeiro bloco do Hospital São Caetano, em fase final de acabamento. Foto de 1954



Sócias-fundadoras da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano em foto tirada diante do hospital, na década de 1950. Identificadas: Estela Picossi, Mirtes Rodrigues, Luiza Marcucci, Ophélia Barile, Odete Fraissat Paez, Maria Vicentini, Amália Pimenta, Bruna Cassetari Ricci, Mafalda Lorenzini e Dorinda Locoselli



Fundadores do Hospital São Caetano. Foram identificados: Jordano Pedro Segundo Vincenzi, Mário Porfírio Rodrigues, Paulo de Oliveira Pimenta, Anacleto Campanella, Júlio Marcucci, João Barile, Octávio Tegão, Accácio Novaes, Mafalda Lorenzini, Brasília Rossetti, Ivanhoé Espósito, Abib João Kirche, Ophélia Barile, Orlando de Souza, Raphael Pandolfi, Daniel Giardulo, Dorinda Locoselli, Carlos Paez, Bruna Cassetari Ricci, Ermelino Locoselli, Orlando Souza, Faustino Pompermayer, Esperidião de Oliveira Lima e Odete Fraissat Paez. Foto de 25 de julho de 1954



Parte da diretoria do Hospital São Caetano: da esquerda para a direita, vemos Mário Porfírio Rodrigues (secretário geral), Ophélia Carmela Barile (2ª tesoureira), Paulo de Oliveira Pimenta (presidente), Esperidião de Oliveira Lima (vice-presidente) e Antonio Bovolento (1º secretário). Foto de 25 de julho de 1954



Abertura solene da porta principal do Hospital São Caetano, vendose, desatando a fita de inauguração, a primeira-dama Aracy Torres Campanella e o prefeito Anacleto Campanella, no domingo de 25 de julho de 1954. Vemos também Adriano Duarte, Nicolau Tuma e João Cambaúva



Foto de 25 de julho de 1954, durante sessão solene de inauguração do Hospital São Caetano. Na mesa diretora, da esquerda para a direita: Ângelo Cianfarani, (?), Anacleto Campanella, Fioravante Zampol, Lauro Gomes de Almeida, Aracy Torres Campanella, Olga Montanari de Mello, Maria Sizina Souza, Nicolau Tuma, Paulo de Oliveira Pimenta e Octávio Tegão. Em pé: João Jacob Lorenzini, Walter Thomé, Antonio Russo, Bruna Cassetari Ricci, Ernesto Chiochetti, Daniel Giardulo e João Cambaúva



Corpo médico e de enfermagem do Hospital São Caetano. O quarto, sentado, da esquerda para a direita, é Júlio Marcucci, diretor administrativo. O quinto é Abib João Kirche, primeiro diretor clínico. Ao lado dele, Ivanhoé Espósito, médico. Foto de 25 de julho de 1954



Vista da cozinha industrial do Hospital São Caetano, destinada a alimentar os 35 doentes e os funcionários internos. Foto da década de 1950



Dr. Oswaldo Cipulo durante consulta pediátrica, na década de 1950



O Hospital São Caetano contou com a ajuda das dedicadas Irmãs Clarissas Franciscanas para colaborar na parte administrativa. Além dessa colaboração, elas ouviam e confortavam os enfermos, aconselhavam os familiares, tornando o silêncio dos quartos em ambientes de paz, alegria e conforto para o espírito. Vemos junto às irmãs, de terno escuro, o vereador Júlio de Mello. Foto da década de 1950



Durante 42 anos, padre Emílio Rubens Chasseraux (conhecido como padre Rubens), realizou um belo trabalho de voluntariado no Hospital São Caetano. Aqui, celebrava missas e em determinados dias da semana, ficava junto aos enfermos, dando apoio, consolo e ânimo. Organizou uma rede de solidariedade, que angariava remédios e alimentos para as famílias carentes



Fachada da capela do Hospital São Caetano. A pedra fundamental da capela foi lançada em oito de janeiro de 1955



Fachada do primeiro bloco do Hospital São Caetano, vendo-se ao lado a capela. Foto da década de 1960



A estrutura do novo bloco concluída. Foto da década de 1970



Vista panorâmica do Hospital São Caetano, localizado na Rua Espírito Santo, 277, Bairro Santo Antônio, na década de 1990

Gravura sem título, de Aldemir Martins (litogravura - 2000). Obra doada por Roberto Gyarfi em 2006

DEZ ANOS COM ARTE: a trajetória da Pinacoteca Municipal

(*) **Monica IAFRATE**

(**) **João Alberto TESSARINI**

O dia 18 de abril de 2002 foi um marco para o cenário cultural de São Caetano do Sul. Nesta data, aconteceu a abertura da exposição inaugural da Pinacoteca Municipal, o mais recente braço de ação da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Era a conclusão de uma história iniciada nos idos de 1967, com a primeira edição do Salão de Arte Contemporânea. Naquele momento, já se idealizava a criação de um museu de arte que abrigaria a coleção de obras, formada a partir dos trabalhos agraciados com o prêmio aquisição. Onze salões foram realizados, de forma não consecutiva, até 1988. E o museu de arte permaneceu no plano das ideias.

Dos salões de arte restaram obras da maior qualidade, representativas de um período bastante expressivo do cenário artístico nacional. Sem um local para sua exibição e preservação, foram distribuídas por vários setores da Prefeitura Municipal, sendo expostas em situações nem sempre ideais quanto à luminosidade, temperatura ou segurança.

Quis a história que, em 1994, uma parte das obras desta coleção, que se encontrava sob guarda da Fundação das Artes, fosse transferida para a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. O sonho do novo museu voltava ao campo das possibilidades, à pauta de projetos. Seriam ne-

2001 M
folto

Aldemir Martins 2001

cessários ainda oito anos para que o projeto tomasse corpo e forma. Conclusão de uma história, início de outra. Assim nasceu a Pinacoteca Municipal, herdeira dos sonhos de ideais de uma geração de pioneiros da cultura sul-sancaetanense. Obra de novos idealistas, combatentes pelo direito de acesso à arte e à memória.

Ocupando um espaço no Complexo Educacional do Ensino Fundamental, com a sede administrativa da Fundação Pró-Memória, seu Centro de Documentação Histórica e a Biblioteca Municipal, a Pinacoteca foi concebida como um museu de arte na sua mais estrita definição¹, combinando a preservação e a difusão, unindo educação, inclusão e fruição de um patrimônio artístico ímpar.

Exposições - Abrir as portas para a arte é abrir infinitas possibilidades para a beleza, o sonho, a inquietação, o questionamento, a contestação, o conhecimento, o contato com a essência do ser humano. Nestes dez anos de portas abertas da Pinacoteca Municipal foram realizadas 44 exposições, entre mostras temporárias e de longa duração. Cada uma delas trazendo ao público a oportunidade de apreciar não somente as obras de seu acervo como também de artistas consagrados nacional e internacionalmente, ao lado de artistas da cidade e da região do ABC. Grande parte destas atividades trouxe consigo, além das ações educativas, eventos e atividades paralelas como palestras, oficinas, visitas à ateliês de artistas, lançamentos de livros e mostras de cinema².

Elas também foram o veículo para a concretização de importantes parcerias com artistas como Roberto Gyarfi, mestre gravador referência no campo da gravura e com instituições como o SESC SP, com quem foram realizadas as mostras *10 Artistas Nipo-Brasileiros* (2008) e *INCONTRO - Presença Italiana na Arte Brasileira* (2011). Vale destacar algumas mostras, ilustrativas do espírito que tem fundamentado os trabalhos desenvolvidos na Pinacoteca Municipal: o resgate e preservação do patrimônio artístico, a valorização da história cultural da São Caetano do Sul e o contato da população com o que há de melhor na produção artística

A exposição inaugural, denominada *RETROSPECTIVA 2002*, já dizia muito desta disposição.

Nela foram exibidas parte das obras que compõem a coleção dos salões de arte de São Caetano. Além de resgatar a importância e o valor de um momento significativo da história da cidade representado pelos salões de arte, a mostra possibilitou o acesso a um legado artístico que estava inacessível há mais de 20 anos.

Seguindo a *RETROSPECTIVA 2002*, foi criado um projeto de mostras paralelas, *Diálogos - O Artista e sua Obra e o Artista e seu Tempo*, que aconteceu no espaço adjacente à mostra principal. O objetivo era buscar contato com os artistas que tinham obras no acervo e convidados para expor uma pequena compilação do que haviam produzido depois da sua participação nos salões de arte. Um ponto importante é que eles fariam a doação de uma nova obra, ampliando assim o acervo da Pinacoteca. Até o momento, foram realizadas cinco mostras deste projeto, com as participações de Sinval Corrêa Soares, Hannah Brandt, João Suzuki, Sérgio Niculitcheff e Gregório Gruber.

Outra vocação da Pinacoteca Municipal é o estímulo aos artistas locais. Com isso foi criada a *Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*, que cumpre o duplo papel de prestigiar os artistas já reconhecidos e estimular aqueles que estão dando seus primeiros passos na carreira. Em 2011, foi realizada a terceira edição desta mostra com a participação de 48 artistas com 77 obras expostas.

Ação educativa - A vocação educacional e de democratização do acesso à arte e ao patrimônio foi assumida desde o primeiro momento pela Pinacoteca Municipal com a exposição *O Toque Revelador: retrato e auto-retrato* que, ao lado da *RETROSPECTIVA 2002*, que fez parte da mostra inaugural. Desenvolvida pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, outra importante parceria, era toda adaptada para o atendimento ao público especial, por meio de uma ação educativa que possibilitava a fruição por parte de todos os públicos.

Ato contínuo foi a criação do programa *Aprendendo a Ver*, por meio do qual são realizadas visitas orientadas por arte-educadores que visam ampliar o conhecimento, o entendimento e a fruição da arte, através de recursos didáticos como jogos, exercícios de apreciação e expressão artística. O programa

atende crianças a partir de 4 anos com atividades e linguagem adaptadas para cada faixa etária. Ele conta também com workshops e oficinas para professores e público em geral.

O ateliê pedagógico é uma ferramenta imprescindível para as ações desse programa. Ele funciona em uma sala contígua ao salão de exposições onde são desenvolvidas as atividades de expressão artística e de experimentação das diversas técnicas do fazer artístico. Esse espaço também é utilizado nas oficinas e workshops. Atualmente a área está passando por uma reforma. Brevemente ele será reaberto com novos equipamentos como uma prensa para gravura, uma secadora para papel e uma oficina completa para produção de papel, que possibilitará uma ampliação do espectro de atividades a serem desenvolvidas.

Vale destacar que o público especial tem recebido atenção exclusiva na Pinacoteca Municipal, que promove exposições adaptadas³ às suas necessidades, atendendo a instituições⁴ de toda região do ABC e de São Paulo.

Acervo - O acervo da Pinacoteca Municipal contém, além da coleção de obras dos salões de arte, outros trabalhos que começaram a ser adquiridas no final dos anos de 1990, desde que o projeto de criação de um museu de arte foi retomado pela administração municipal.

Através de ações com artistas locais, compra de obras e doações de artistas que participaram do projeto *Diálogos* e de outras exposições, o acervo artístico vem crescendo e se diversificando, abrangendo diversos estilos e técnicas. Tem sido adotada, como política de aquisição, a solicitação aos artistas que participam de exposições para que façam a doação de uma obra para o acervo. Dessa for-

Salão de exposições na mostra INCONTRO - Presença Italiana na Arte Brasileira, em 2012



Alunos do ensino infantil em visita à mostra Panorama ABC 30 Anos de Cultura, em 2003

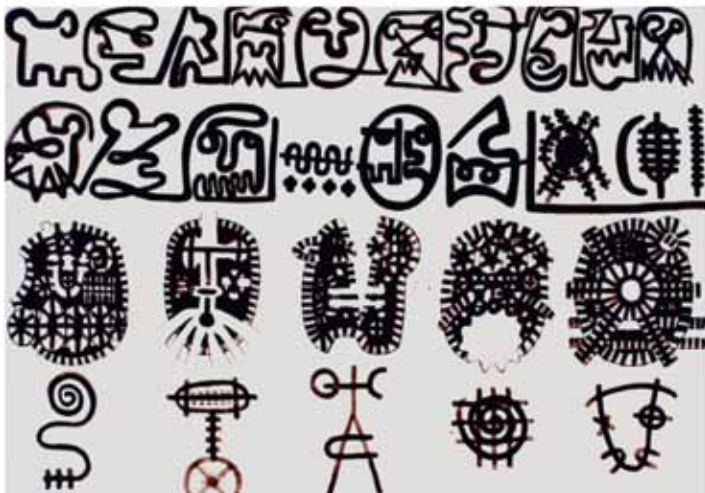
Palestra de Maria Bonomi realizada durante a mostra Gravura Arte e Técnica, no Teatro Santos Dumont, em 2005





Venezia nº 1, de Iole Di Natale (aquarela sobre papel - 2008). Obra doada pela artista durante a mostra Aquarela Internacional São Paulo, em 2008

Quadro I, de Niobe Xandó (óleo sobre tela - sem data). Obra premiada no I Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, ocorrido em 1967



Acervo/Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

Interferência II, de Cláudio Tozzi (serigrafia - 1974/75). Obra premiada no VIII Salão de Arte contemporânea de São Caetano do Sul, realizado em 1975



Acervo/Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

ma, a coleção da Pinacoteca hoje conta com obras de Maria Bonomi, Aldemir Martins, Luís Bagolin, Iole Di Natale e Colette Pujol, entre outros.

Afinada com as recomendações internacionais para preservação de patrimônios artísticos, a Pinacoteca Municipal tem dedicado especial atenção ao espaço de guarda das obras, quando não estão expostas. Uma reserva técnica bem localizada e equipada é fundamental para prolongar ao máximo a integridade de um acervo. O três fatores são fundamentais: o controle da luminosidade, da temperatura e da umidade. Inaugurada em 10 de dezembro de 2003, a Reserva Técnica da Pinacoteca Municipal foi projetada para atender a esses requisitos. Ocupando uma sala de 35 metros quadrados, conta com janelas protegidas por filtro solar e sistema de ar condicionado e desumidificador. Mas ainda faltava um mo-

biliário adequado para o acondicionamento do acervo, formado predominantemente por quadros. Para solucionar essa questão, a Fundação Pró-Memória obteve um financiamento do Programa de Apoio a Museus da VITAE⁵, e com ele adquiriu um conjunto de 20 trainéis e um termohigrógrafo eletrônico para o acompanhamento das mudanças climáticas dentro do espaço das obras.

Hoje, a Pinacoteca Municipal tem em seu acervo cerca de 400 obras, entre pinturas, gravuras, aquarelas, fotografias e esculturas. Recebeu, em suas exposições, 42.756 visitantes. Seu programa educativo atendeu 7.123 alunos, de 163 escolas. Esses foram os primeiros dez anos. É só o início de uma história, o primeiro capítulo. Um pequeno balanço de projetos, realizações e expectativas ainda não realizadas. Os próximos continuam a ser escritos... **R**

SALÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SÃO CAETANO DO SUL

O final da década de 1960 foi um período de efervescência na arte brasileira, impulsionado pelas Bienais de São Paulo, que desenvolviam saudável intercâmbio entre artistas contemporâneos. Na cidade de São Caetano do Sul, um grupo de apreciadores de arte bastante atuante na promoção de eventos culturais idealizaram um evento que colocou a cidade no cenário artístico nacional: os Salões de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul.

No Caderno Artis nº 3¹, Milton Andrade nos deixou um testemunho deste momento:

“Em 1966 São Caetano do Sul vivia uma época de desenvolvimento educacional: este ano pertenceu a um período dedicado e comprometido com escolas e, logo a seguir, com o embasamento cultural do município, consequência quase obrigatória. Antes disso, apenas algumas associações preocupadas com atividades culturais, razão de exposições esparsas, de alguns concertos ou espetáculos teatrais amadores. A ACASCS – Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul era até então, a referência para as atividades e os programas

artísticos. E, interessada nesse tipo de coisas, conseguir trazer de São Paulo o pintor Arnaldo Ferrari, fundando, juntamente com Sinval Correia Soares uma pequena escola de artes, ponto de encontro de Aluísio Domingos dos Santos, Jayme da Costa Patrão e Milton Andrade.

Pois foram exatamente esses elementos que solicitaram do Prefeito, em 03 de novembro de 1966, criação de uma mostra de Arte que devesse acolher os artistas contemporâneos, ao mesmo tempo em que sugeriam o aproveitamento das obras adquiridas nos Salões para a formação do acervo de um Museu Artístico. A idéia, aprovada pelo chefe do Executivo, acabou por originar a Lei Municipal nº 1.676 e o Decreto nº 2.895, respectivamente de 20 de abril e 09 de junho de 1967 ainda hoje base legal do Salão.”

O I Salão aconteceu em 1967, e a ele se seguiram mais dez, de maneira não consecutiva, até 1988. Vale destacar o IV Salão, totalmente dedicado à gravura, quando a organização do evento é assumida pela Fundação das Artes. Destes salões ficaram uma coleção de obras de arte da maior qualidade, representativas de um período bastante expressivo do cenário artístico nacional.

¹ ARTIS, Caderno da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul: Fundação das Artes, 1975 nº3.

10 ANOS DE EXPOSIÇÕES

2002

Retrospectiva 2002 – onze anos de Salões de Arte em São Caetano do Sul (abril a junho/2003) / O toque revelador: Retratos e Auto-Retratos (abril a agosto) / A Leveza do Aço - Nino Ferraz (abril a agosto) / Diálogos - O artista e sua obra o artista e seu tempo - Sinval Correa Soares (agosto a setembro) / Diálogos - O artista e sua obra o artista e seu tempo - Hannah Brandt (outubro a novembro) / Diálogos - O artista e sua obra o artista e seu tempo - João Suzuki (novembro a janeiro/2003)

2003

Retrospectiva 2002 – onze anos de Salões de Arte em São Caetano do Sul (abril de 2002 a junho/2003) / Diálogos - O artista e sua obra o artista e seu tempo - Sérgio Niculitcheff (fevereiro a abril) / Diálogos - O artista e sua obra o artista e seu tempo- Gregório Gruber, Lucio Tamino e Lorena Hollander (abril a junho) / Panorama ABC 30 anos de Arte 30 anos de Cultura (julho a outubro) / 1ª Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul (dezembro a março/2004)

2004

Sacilotto Obra Gravada Completa; mostra adaptada para público especial (abril a junho) / Três artistas, uma cidade, um tempo - Alberto Aliberti, Oscar Valzachi, Valter Pinheiro (julho a setembro) / Os Figurativos (setembro a fevereiro/2005)

2005

Gravura – Arte e Técnica (março a junho) / Poeticidade – Desenhos de Artur Cole, Edson Baeça, Flávio Camargo, José Romero (junho a setembro) / Obras do Acervo 1960/1970 (junho a setembro) / 2ª Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul (setembro a novembro) / Iole de Natale - 25 anos de Ateliê Calcográfico (3ª Bienal de Gravura de Santo André) (novembro a janeiro/2006)

2006

Fotografias – Oswaldo Hernandez e Glauco França (janeiro a fevereiro) / Vermelho – Alzira Fragoso (março a abril) / Collete Pujol e Márcia Kikuchi (maio a julho) / Antonio Lucio Pegoraro (agosto a outubro) / Objetos de desejo - Antonio Valentim Lino e Valdo Rechelo (novembro a janeiro/2007)

2007

Aquarela – Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina (fevereiro a março) / Tridimensionais– Tony Gonzagto , Eduardo Garudah, Priscila Gorzoni, J. Garbin (abril a julho) / O abstracionismo poético de Bete e Bovo e Fabrizio Dell'Arno (agosto a novembro) / Curto-Circuito – Exposição de Artistas de São Caetano do Sul do Sul (novembro a janeiro/2008)

2008

Aquarela Internacional São Paulo 2008 (setembro a fevereiro/2009) / 10 Artistas Nipo-Brasileiros – Obras acer-

vo do SESC SP e da Pinacoteca de São Caetano no SESC São Caetano (setembro a dezembro)

2009

Polis Pedacos – J. A. Tessarini (abril a maio) / Eu vi! Você viu? Olhares e possibilidades da fotografia - Ailton Tenório, Omar Matsumoto e Rita Henckes (junho a julho) / Mapa Cultural Paulista Edição 2009/2010 (agosto) / Entre Paralelas - Edmilson Kaloczi e Mônica Ancapi (setembro a outubro) / Brasil do Bem – um retrato bem humorado (dezembro a fevereiro/2010)

2010

Território Livre – Célio Rosa, Fabrício PB, Job Leocadio, Jorge Tavares e Numa Jr (março a abril) / Câmara Nômade – José de Souza Martins (julho a agosto) / Diversidade – Filipi Amorim, Lennon Monfort e Tânia Turcato (setembro a novembro) / 10º Arte e Ofício– Fundação das Artes (novembro a janeiro/2011)

2011

São 7 – Alan Cassiano, Ariel Spadori, Bruno Manzati, Edmar Osti, Edna Osti, Gabriela Tondatto e Tié Pilger Nicolai (fevereiro a abril) / Alguns olhares, muitas descobertas: a obra de Ernesto Piva (maio a junho) / 1º Salão Nacional de Arte Fotográfica São Caetano do Sul (julho a setembro) / 3ª Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul (outubro a fevereiro/2012)

2012

INCONTRO - Presença Italiana na Arte Brasileira (março a junho)

NOTAS

¹Segundo a definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM), “um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.”

²Dentre as atividades desenvolvidas podemos citar: o projeto Arte ao cair da Tarde, em parceria com o Departamento de Educação e Cultura e a Fundação das Artes; o ciclo de palestras Panorama Cultural do ABC; as palestras da mostra INCONTRO; palestras com as artistas Maria Bonomi e Iole Di Natale; visitas aos ateliês de Luiz Sacilotto, Enido Michelini, Lucio Pegoraro, Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina, J. Garbin e Renato Brancatelli; lançamento de livros como Arte e Educação para Professores de Neusa S. Scaléa e Nereide S. Santa Rosa, Pegoraro, de Andre Caram e Neusa S. Scaléa; as mostras de cinema Férias com Arte em parceria com Secretaria de Cultura e a mostra de cinema do INCONTRO em parceria com SESC SP. Em 2008, a Pinacoteca promoveu em parceria com a Diretoria de Cultura o 1º Encontro de Ações educativas e Culturais nos espaços expositivos do Grande ABC.

³Além da mostra Toque Revelador do MAC USP, a Pinacoteca trouxe a mostra Sacilotto Obra Gravada Completa realizada por Elizabeth Leone. Esta mostra foi especialmente adaptada para público com deficiência visual.

⁴Escolas e instituições atendidas: Fundação Anne Sulivan, APAE de São Caetano do Sul, APAE de Santo André, EMEBE Neusa Basseto e Instituto Padre Chico.

⁵A Vitae Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social era uma associação civil sem fins lucrativos, que apoiava projetos nas áreas de Cultura, Educação e Promoção Social. Em 1985, sua mantenedora, a Fundação Lampadia, cuja sede é em Liechtenstein, obteve seus recursos iniciais com a venda do Grupo Hochschild, dando origem às Fundações Antorchas e Andes, na Argentina e no Chile, respectivamente, e, no Brasil, à Fundação Vitae. No ano de 1992, criou-se o Programa de Apoio aos Museus (PAM) com o objetivo de sistematizar a concessão de subsídios aos museus brasileiros, aperfeiçoar suas áreas de conservação e difusão de bens culturais, bem como prover fundos para a reforma de edifícios, aquisição de mobiliário e equipamentos. O programa realizou uma trajetória expressiva de reconhecimento público na área de preservação do patrimônio cultural até o encerramento das atividades da fundação.

(*) *Monica lafrate é historiadora, com especialização em Museologia, formada pela USP. Há 22 anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos e artísticos. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória, coordenando a Pinacoteca Municipal*

()** *João Alberto Tessarini é publicitário e artista e atualmente é colaborador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

(*)** *Com colaboração de Fabiana Cavalcante Lima da Silva, arte-educadora, com especialização em História da Arte e Museologia, formada pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória, coordenando a ação educativa na Pinacoteca Municipal*

UMA FRUTA CHAMADA SÃO CAETANO

(*) *Domingo Glenir SANTARNECCHI*

Você sabia que existe uma fruta pouco conhecida que dá em forma de trepadeira de pequeno porte, e que não tem muito mais de um metro de altura, denominada melão-de-são-caetano?

O engenheiro agrônomo José Zigno, do Rio Grande do Sul, descreve: “Conheço a fruta desde o tempo de guri, quando, com outros companheiros, saía à procura dos frutos maduros para comer a polpa bem vermelha e adocicada que envolvia as sementes numerosas. Somente posteriormente tive conhecimento que seu nome era melão-de-são-caetano. Trata-se de uma espécie de cucurbitácea, tais como melão, melancia, abóbora, pepino, entre outros, cujo nome científico é *momordica Charantia L.* A espécie é originária da Ásia, mas foi trazida para o Brasil pelos primeiros escravos africanos e plantada numa capela, dedicada a São Caetano nas proximidades de Mariana, Minas Gerais. Daí a planta ter sido batizada com o nome de São Caetano e, assim, propagada por sementes a quase todas as partes habitadas do país”.

O melão-de-são-caetano é uma trepadeira herbácea e anual, ou seja, morre depois de se reproduzir. É verde enquanto cresce e externamente revestido de numerosas protuberâncias parecidas com espinhos (não agressivos). Torna-se amarelo-dourado quando amadurece. A polpa, vivamente colorida de vermelho, é comestível, adocicada e estranha, mas agradável.

“Tem valor ornamental sendo, às vezes, cultivada para embelezar caramanchões”, afirma



Credit: Divulgação

Kurt G. Kissmann, na publicação *Plantas Infestantes e Nocivas*. “No estado verde, o caule e as folhas trituradas servem às lavadeiras, sobretudo no norte do país, para branquear as roupas”. Daí outro de seus nomes populares: erva-lavadeira, segundo Pio Correa em *Plantas Úteis do Brasil – Volume V*.

Outras de suas utilidades são descritas por Eurico Teixeira, em *Frutas do Brasil*: “Os frutos novos crus são comestíveis em salada, cozidos ou fritos depois de desembaraçados das sementes e escaldados, para tirar a amargura”. “Os escravos empregavam a planta contra febres, enfeitavam-se com as hastes, folhas e frutas nas festas típicas. Na Índia seu uso como antidiabético é consagrado nas afecções hepáticas, febrífuga e anti-helmíntica. É adequado ainda para uso local e externo contra torções e traumas, afecções de pele e dores reumáticas”. (*Segredos e Virtudes das Plantas Medicinais – Seleções de Reader’s Digest – Lisboa – Portugal*).

FONTE

Foram consultados diversos professores e agrônomos do Rio Grande do Sul, cujas informações foram divulgadas pela primeira vez no jornal *Correio Riograndense de Caxias do Sul*, em 2002, na coluna *Vida Agrícola*, de autoria de José Zigno, atendendo consulta de Luiz e Gladis Disegna, da cidade de Canoas (RS).

(*) *Domingo Glenir Santarnecki* é jornalista, advogado, escritor e pesquisador da memória do ABC. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

As características próprias da infância não aparecem apenas no mundo das imagens: o traje da época comprovava o quanto esta fase da vida era então pouco particularizada na vida real. Assim que deixavam os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, a criança era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição. Essa situação começou a modificar-se paulatinamente no século 17. Porém, foi somente a partir do século 18 que as roupas se tornam mais leves e com uma conotação infantil.

Observando a foto que apresenta membros da família Fiorotti, com data de 1909, notamos que a forma das vestimentas infantis passou a ser similar à modelagem adulta, com o comprimento variando entre a altura dos tornozelos ou abaixo dos joelhos. Embora houvesse famílias que adotavam para os filhos uma moda mais informal, a roupa “oficial” seguia o estilo marinho, usada por meninos e meninas. A única diferença era que as meninas usavam saias com modelagem pregueada. No inverno, as cores adotadas eram azul marinho e preto, que aparecia debruado de branco. No verão, o branco destacava nas roupas, com debrum escuro. Essa moda foi inspirada nos trajes de banho listrados nos dois tons, utilizados pelos adultos na prática dos banhos de mar.

A foto do início do século, da família Dalcin, mostra como a moda dos adultos influenciou o modo de vestir das crianças. Os meninos passaram a usar o *knicker* (um tipo de calção), muito curto no início, acima dos joelhos, se alongando até o tornozelo. As fontes iconográficas mostram que, no Brasil, as mudanças na moda infantil demoraram um pouco para acontecer, até os anos 1920 as roupas infantis se assemelhavam às dos adultos. Para as meninas, os vestidos ainda eram muito sofisticados, com numerosos babados.

A indumentária infantil brasileira, observada em fotografias, mostra a criança, na maioria das vezes, com roupas diferentes daquelas utilizadas no dia a dia. Meninos e meninas eram retratados sozinhos, com roupas de domingo, bem penteados e sentadinhos em cadeiras ou apoiados em algum aparador. As meninas apareciam com saias de babados, meias, botinhas e laçarotes, como na foto de 1945. Os meninos usavam calças curtas, meias e jaquetinha.

Suzeti Rocha é professora de moda, pós-graduada em História da Arte e especialista em História da Moda



Retrato de Neusa Ascencio Simões, em 1945

Família Fiorotti no sítio da antiga Vila Gerty, em 1909



A criança Celeste Dalcin ao lado do pai, João Baptista Dalcin, em foto da década de 1900



RCA VICTOR 1957

que sintetiza as mais arrojadas conquistas da ciência eletrônica!

Maravilhosa linha de Televisores, Victrolas "Hi-Fi" (Alta Fidelidade)
New Orthophonic, Rádio-Victrolas e Rádios RCA VICTOR para 1957!

SEMELHANTE À 3ª DIMENSÃO



1. Televisor RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
2. Televisor RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
3. Televisor RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.

DESAFIANDO O REALISMO DAS SALAS DE CONCERTO!

Apresentamos a mais avançada linha de gramôfonos e rádios-gramôfonos RCA VICTOR para 1957!



1. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
2. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
3. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
4. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
5. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
6. Rádio-Victrola RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.



A linha completa de rádios, gramôfonos e rádios-gramôfonos RCA VICTOR para 1957!



1. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
2. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
3. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
4. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
5. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
6. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
7. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
8. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.
9. Rádio RCA VICTOR, modelo 21 10 100 - Um modelo de alta fidelidade, com 10 polegadas de tela, 10 watts de potência, 1000 linhas de resolução e 10 canais de sintonia. Possui 10 controles de qualidade de som e 10 opções de instalação. Seu preço é de 100.000 cruzeiros.



S. CAETANO DO SUL
Rua Barabli 333

SANTO ANDRÉ
R. General Glicério, 61

Jornal de São Caetano, 10 de novembro de 1957

TRÊS DÉCADAS E MEIA DOS ENCONTROS DOS MARIANOS EM SÃO CAETANO DO SUL: famílias unidas pela fé

(*) *Rafael Peccioli MORENO*

As ruas ainda vazias de um frio mais azul de domingo. Os poucos fiéis que não haviam chegado até aquela hora galgavam os degraus da igreja e se lançavam ao silencioso ambiente interno. Eram sete horas da manhã, e os bancos do recinto enchiam-se para que as orações pudessem ter início.

A cena tem lugar certo: a Igreja São Caetano (Matriz Velha), no Bairro da Fundação. O dia também é conhecido: último domingo de maio, mês de Nossa Senhora. Desde 1977, é nesta data e neste local em que ocorrem os encontros anuais dos ex-congregados marianos (veja o box). O evento foi concebido em abril daquele mesmo ano pelo mariano João Batista Geraldo. Ele e Manoel Claudio Novaes foram os responsáveis pela aprovação da realização da missa pelo padre Antonio Ibamez Diaz e por localizar os antigos membros da dispersada irmandade. Novaes foi um dos marianos que por mais tempo ocupou a presidência da Congregação Mariana Imaculada Conceição São Sebastião e São Luiz Gonzaga, setor de São Caetano do Sul, da Paróquia São Caetano.

Segundo o mariano Jaime de Agostinho, o término daquela missa não foi o fim do encontro. Ele culminou com uma procissão pelo Bairro da Fundação, que foi até o salão de festas do América do Sul Futebol Clube, na Rua Araraquara. No local, aconteceram palestras e uma confraternização. Muito embora o evento tenha se originado em

1977, para fins de contagem, a primeira reunião foi considerada a que se deu no ano seguinte, data em que as ex-congregadas da Pia União das Filhas de Maria de São Caetano do Sul passaram a fazer parte do movimento. Assim, o dia 29 de maio de 2011 foi o marco do trigésimo quarto encontro.

Apesar de terem sido originalmente concebidos para os antigos participantes das duas organizações, os encontros contam com participantes como Edoardo Biagini, que morou na Fundação há mais de duas décadas. Ele não foi um mariano, mas frequenta a missa tanto pela questão religiosa quanto para rever os velhos amigos. O mesmo se pode dizer de Mario de Almeida, que há 30 anos marca presença na ocasião. Tendo sido integrante do coral da igreja, afirmou que o já consagrado evento tem papel importante na manutenção dos laços sociais da região: “O encontro deixa a gente de coração leve. Melhora as amizades”. Em um tom um pouco menos festivo, acrescentou: “É uma pena que a cada ano que passa o número de frequentadores diminua”.

O ano de 1978 também é considerado o ano de sua fundação, pois marca também a criação de uma comissão organizadora para a ocasião, originalmente composta por Jaime de Agostinho, João Mantovani, José Tejada, Luiz Batistel, Matheus Santarnecchi e Oscar Perrella. Com o ingresso das Filhas de Maria, mais tarde, no mesmo ano, 25 pessoas

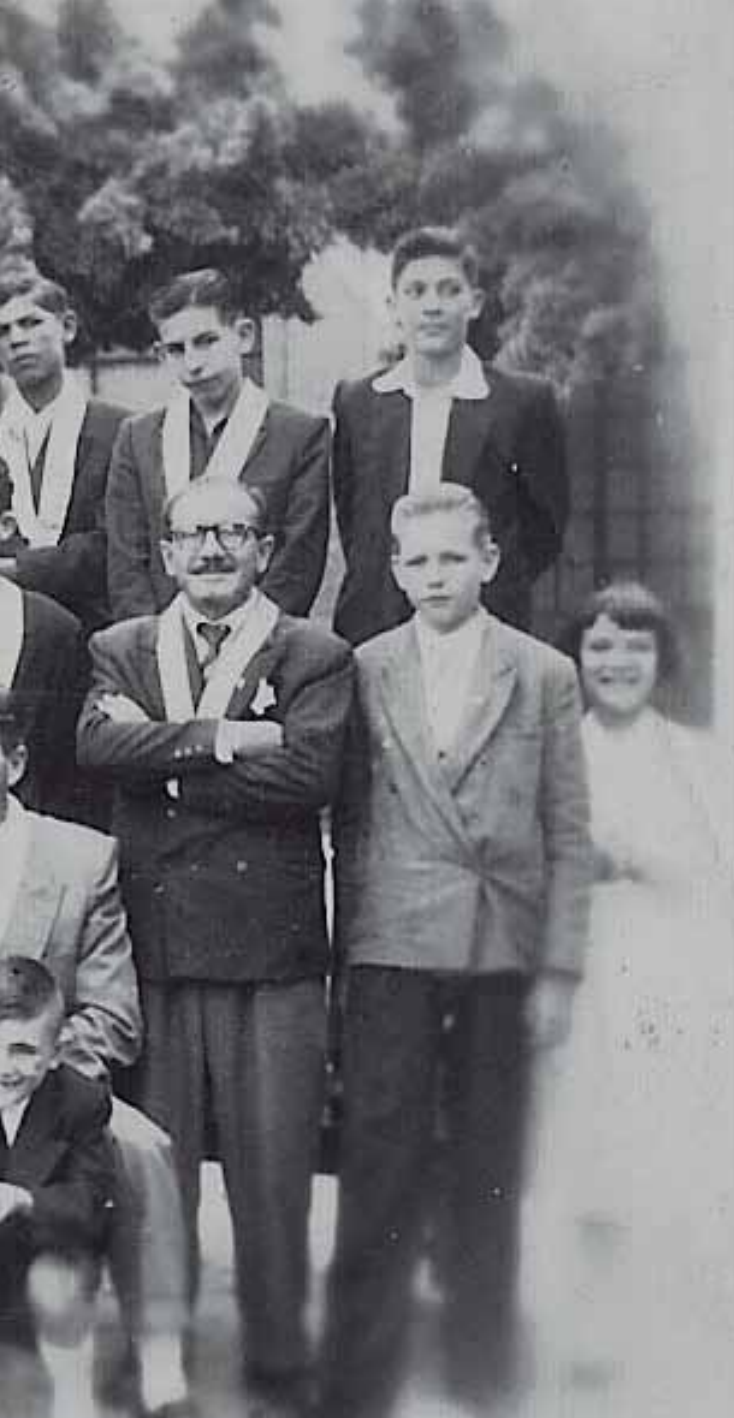


foram acrescentadas a este grupo. Entre outras modificações em relação ao encontro de 1977 estão a alteração do local da confraternização para o salão paroquial da Igreja São Caetano, a substituição das palestras por uma homília (conversas que explicam os elementos litúrgicos) feita por Manoel Claudio Novaes, e, pela primeira vez, a apresentação de um livro de assinaturas dos presentes, que foi interrompido em 2006 e retomado em 2011.

Maria Lourdes Santarnecki De Nardi, que mora no Bairro da Fundação desde 1947 e fez parte

da União das Filhas de Maria desde então, contou: "Ir à igreja era o único divertimento que tínhamos naquela época. A gente fazia a missa e reunia a turma. Nós aprendíamos muita coisa, como a ter respeito pelos outros. Hoje em dia está cada vez mais difícil se ver isso". Ela e sua irmã, a ex-professora Gladys Rosa Santarnecki, concordam que o encontro ajuda a preservar a fé na região.

A missa anual sempre contou com a presença do padre Leobino Rodrigues Rocha, e com padres convidados de outras paróquias. Ao todo, oito já



Acesso/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Grupo de Congregados Marianos do setor São Sebastião, do Bairro Fundação – Congregação Mariana da Imaculada Conceição e São Caetano. Reunidos na Praça Ermelino Matarazzo, diante da Igreja Matriz Velha, vemos na primeira fila, sentados: Tonetto, Carmine Riccioppe, Manoel Claudio Novaes, Padre Dario, João José Geraldo, Andres Perrella Netto e seu filho. Na segunda fila: João Mantovani, Vítor Armando, Piasentin, Dutra, Nelson Dardin, Dolindo Zuin, (?), (?). Na terceira fila, (?), Bellani, (?), Oscar Perrella, Bortoletto, André Leoni Neto, Luiz Batistre, Tiberinho, (?) e Marino Mantovani. Foto de 1953

Do Sodalício ao Concílio

As raízes das congregações marianas partem de 1563. O jesuíta belga Jean Leunis reuniu o Colégio Romano, um sodalício (grupo de pessoas) disposto a levar uma vida cristã dedicada aos preceitos da Igreja Católica e de Maria - razão do nome "marianos". Essa viria a ser chamada Prima Primaria, a "Primeira de Todas" das agremiações marianas, através da Bula Omnipotentis Dei, concedida 21 anos após sua fundação (1584), pelo Papa Gregório XIII. Assim, todas as sedes do grupo que despontavam pelo mundo passaram a responder à original.

O período de associação das congregações marianas à Prima Primaria perdurou até 1967, dois anos após o fim do Concílio Vaticano II – que foi de 1962 a 1965. No Concílio foram revistas diversas diretrizes da Igreja Católica. Depois disso, as irmandades, dentre as quais algumas de marianos, começaram a se dispersar. Foi nessa época que a Congregação Mariana Imaculada Conceição São Sebastião e São Luiz Gonzaga, setor de São Caetano do Sul, da Paróquia São Caetano, deixou de existir. Foram seus antigos membros que resolveram se reencontrar, em 1977, no mesmo local onde, até meados da década de 1960, reuniam-se.

fizeram parte da celebração. A cerimônia, tradicionalmente, ainda apresenta hinos cantados na época das irmandades, embora não seja uma constante em todas as reuniões. Por outro lado, o bolo servido após a missa, que, segundo Agostinho, pesa aproximadamente 30 quilos, e o coral, que desde o início teve a presença das organistas Marta Maria Molinari e Palmira Batistel, não faltam jamais.

José Tejada, um dos organizadores originais e atual comentarista da missa, ingressou na Congregação Mariana da Igreja São Caetano em 1952,

aos 13 anos. Recordando-se da necessidade sentida de reunir os membros da irmandade após seu encerramento, avalia que o resultado da iniciativa foi positivo não apenas para os marianos, mas para a cidade como um todo: "As famílias continuam unidas e religiosas, e isso é o mais importante. Desejamos que os jovens também participem da religião, porque quem não tem fé não tem nada". **R**

(*) **Rafael Peccioli Moreno** é jornalista, escritor de ficção e membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul

UM PASSEIO DE CARRO POR SÃO CAETANO DO SUL

(*) Priscila GORZONI

Que tal uma voltinha no meu calhambeque?

Hoje pegamos o carro em São Caetano do Sul e, em 30 minutos, aproximadamente, estamos em São Paulo prontos para qualquer compromisso. Mas nem sempre foi assim. Os primeiros moradores da região onde hoje está localizada a cidade de São Caetano, os índios, também gostavam de visitar seus parentes e amigos em São Paulo (naquela época chamada de vila de São Paulo de Piratininga), mas não contavam com ônibus ou carros, apenas com seus pés. Nesse ritmo, levavam dias para chegar às cidades vizinhas.

Os meios de locomoção transformaram-se e se aprimoraram com o tempo, e então, dos pés, os beneditinos da Fazenda São Caetano, do século 18, encontraram nos barcos uma ótima maneira para transportar os produtos de suas olarias pelo Rio Tamandateí até São Paulo. Mais tarde, com o início da urbanização de São Caetano, no século 19, as ruas da cidade eram bem diferentes das de hoje.



Bondinho em foto de 1925. Sua estação ficava na Rua Serafim Constantino

Não era possível chamá-las de ruas, mas sim estradas de terra, sem sarjetas ou calçamentos, e que, quando recebiam a água das chuvas tornavam-se barros lodosos.

Os vales do Ribeirão dos Meninos e do Rio Tamandateí eram disputados pelas olarias e a cidade era cortada por trilhas e pontes. Também não havia iluminação pública nas ruas, o que obrigava os sancaetanenses a portar lampiões a querosene quando precisavam sair à noite. Não são poucos os relatos de antigos moradores obrigados a tirar seus sapatos e andar a pé durante longos trajetos para não sujarem os calçados. As ruas permaneceram assim sem qualquer calçamento até 1933. Por sorte, naquela época ainda não existiam tantos carros de passeios e ônibus como conhecemos atualmente, mas sim carros de bois, charretes, carroças e troles de aluguel.

Era de carroção que os trabalhadores das olarias transitavam pela cidade carregando seus



tijolos. Aos caboclos ficavam os carros de boi, fortes para levar a lenha e a mucuta. Em 1883 foi inaugurada em São Caetano a “Inglesa”, estação ferroviária que ligava a cidade a São Paulo e a algumas localidades vizinhas. Eram os trens os meios de locomoção mais usados nos anos de 1920 e 1930.

Para dar conta de tanta gente existiam poucos ônibus, e eles se misturavam aos barulhentos carros de bois e carroças. Em alguns momentos as ruas esburacadas da cidade recebiam os caminhões pesados das marcas Fiat e Lancia, que tinham rodas de borracha maciça. Eles transportavam toras da estrada de ferro para a Fábrica de Louças Adalina. Do outro lado, a Cerâmica São Caetano tinha de apelar, em dias de chuva, para os caminhões Ford Bigode, pilotados por Accacio Novaes.

Para suprir a necessidade de locomoção de São Caetano na década de 1920, a Empresa Imobiliária de São Bernardo, pertencente aos irmãos Hippolyto Gustavo Pujol Júnior e Ernesto Pujol, trouxe para São Caetano o primeiro bondinho, que transportava os moradores de um bairro para outro. Quem pretendia ir mais longe podia pegar os auto-ônibus, que iam até São Paulo e Santo André. Foi também nos anos 20 que surgiu o primeiro carro na cidade. Assustadas, as crianças o chamaram de “carroça sem cavalos”. Mas, sem dúvida alguma, a indústria automobilística ganhou força em 1930 com a chegada da primeira fábrica do ramo a São Caetano: a General Motors.

A montadora trouxe várias novidades e tam-

bém os ônibus com modelos mais arrojados, como o coach, que passou a circular na década de 1940. Instalada em um terreno descampado, no subúrbio da cidade ao lado da via férrea que ligava São Paulo ao Porto de Santos, a empresa passou a fabricar inicialmente veículos com carrocerias de madeira e depois, na década de 1950, já fazia carros inteiros com design avançado. Até 1942 a General Motors havia produzido 1.342 automóveis.

Transportes rústicos

1910 -1920 - 1930

Os carros de bois, charretes e carroças

No início da urbanização de São Caetano, os moradores contavam com os carros de bois, charretes e as carroças para tudo. Essas últimas permaneceram durante um longo período na cidade. Elas eram tão importantes que seus condutores possuíam carteiras, como as de motorista de carro. Eram os carroceiros que costumavam entregar os produtos alimentícios nas casas de São Caetano. Isso demonstra a importância que as carroças tinham na época. Afinal, não existiam padarias e nem supermercados como nos dias de hoje.

As carroças também eram usadas para o transporte de mercadorias, mudanças e cargas mais pesadas. Geralmente quem as alugava eram Faustino Roveri e Pedro Mazetti. O ponto dos troles ficava na Rua Coronel Fernando Prestes (atual Conselheiro Antonio Prado) ao lado da linha São Paulo Railway. Eles também eram alugados por pessoas que vinham de fora para visitar Vicente Rodrigues Vieira, o chamado curandeiro Vicente (Ele veio para São Caetano entre 1906 e 1909. Recebia em casa romeiros de várias partes do Brasil em busca de cura para suas doenças. Faleceu em 1925).

Alguns troles eram de luxo como o de Agostinho Marinotti, que tinha semelhança com os veículos utilizados pela monarquia europeia. Os outros eram de propriedade de Benedito Cavana, Silvério Rodrigues, Martorelli (poeta), José Cardoso e Benedito Moretti. Eles eram usados em casamentos e passeios. Em 1922, os troles foram substituídos pelas jardineiras e pelos auto-ônibus.

Transportes particulares

1914

Carros de aluguel

O primeiro morador de São Caetano a ter um carro foi Domingos Celeste Dalcin. Filho de João Baptista Dalcin, que chegou à cidade em 1877, tinha um Ford Bigode. No entanto, os primeiros carros de aluguel eram de fabricação italiana, da marca SPA. Eles surgiram em 1914 e pertenciam a Gino Foratini e Francisco Massei.

Os carros de aluguel faziam ponto na atual Avenida Conde Francisco de Matarazzo. Mais tarde, na década de 1920, surgiram outros carros de aluguel de propriedade de Rocco Vosso, Joaquim Porto Simões, Luiz Pessoti, João Scaglia e Silvério Rodrigues. O abastecimento desses veículos era feito através de uma bomba de gasolina, operada manualmente da Companhia Standard Oil, situada na atual Conde Francisco Matarazzo. Muito tempo depois a cidade seria abalada por uma nova legislação, a do uso de taxímetros. Depois de uma maciça campanha, o aparelho passou a ser obrigatório a partir de 5 de maio de 1959.

Transportes coletivos

1883

A linguagem metálica

O trem chegou a São Caetano no dia 1º de maio de 1883 e rapidamente tornou-se um elo entre a colônia e tudo o que acontecia nela. Não só se transportava nele os produtos agrícolas, como se proporcionava lazer aos moradores da cidade.

A aparência da estação ferroviária de São Caetano tinha uma leve semelhança com a Estação da Luz. Era toda de tijolos aparentes, com arquitetura inglesa. As plataformas eram amplas e os portões, de ferro. Naquele tempo os trens eram movidos a carvão coque, que vinha do Chile, mas em 1939, durante a Primeira Guerra Mundial, o carvão faltou e a máquina passou a ser tocada por lenha. Para isso foi preciso modificar as fornalhas. Só mais tarde ela passou a ser elétrica, como é atualmente.

Os trens eram de madeira, passavam de meia



Estação ferroviária de São Caetano do Sul na década de 1940

em meia hora e tinham duas classes: primeira e segunda. Dentro dos vagões de primeira classe os bancos tinham assento de vime e capa branca no encosto. Nos de segunda era possível carregar animais. Os bilhetes de primeira eram brancos (ida) e brancos e amarelos (volta). Já os de segunda eram verdes (ida) e verdes e vermelhos (volta). Muitas estações atuais não existiam naquela época, uma delas é a de Utinga, inaugurada em 1933. Ipiranga, Lapa, Barra Funda, Brás tinham um fluxo grande. Nos finais de semana muitos moradores de São Caetano iam passear em Santos, então tomavam o trem em Santo André às 6 horas para pegar o expresso das 6h30. Mais tarde foram colocados três trens especiais, chamados Cometa, Planeta e Estrela, que saíam de São Paulo, paravam no Brás, em Santo André, Ribeirão Pires e chegavam ao alto da serra. De lá partiam para Santos.

No início a estação tinha duas porteirosas e um guarda que as fechava. Com o tempo foram construídos os túneis subterrâneos. Na ferrovia moravam vários funcionários entre eles o chefe da estação, que usava um chapéu vermelho. Hoje o trem de São Caetano já não tem todo esse glamour de antigamente, os tempos são outros e a visão de mundo também mudou.



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

1924

Os bondinhos

O bondinho entrou em funcionamento em 1924. Com aparência de uma jardineira, era movido a gasolina e tinha motor de Ford Bigode. Uma viagem completa de Santo André a São Caetano custava 12 tostões, com direito a abatimento quando eram transportados animais e cargas. Sua estação ficava na Rua Serafim Constantino. Ele sobreviveu até os anos 30, tempo suficiente para ganhar o carinhoso apelido de “bondinho das professoras”. Justamente porque carregava as professoras vindas de São Paulo até a porta das escolas. O trajeto do bondinho era da estação da Estrada de Ferro Santos-Jundáí até a casa do curandeiro Vicente. Este meio de transporte foi, sem dúvida, um enorme avanço e ficou tão célebre

Primeiros ônibus que circularam em São Caetano, em foto do início da década de 1930. Foram identificados: Lúcio Aparício, Francisco Massei, Alfredo Veronesi e Ernesto Costa



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



que gerou uma crise de energia elétrica. Pouco tempo depois surgiram as jardineiras, que ligavam a estação ferroviária até os bairros de São Caetano.

1925 e 1930 Jardineiras, auto-ônibus e ônibus

Os primeiros ônibus que rodaram por São Caetano surgiram nos anos 30. Eles tinham as carrocerias abertas e chassis de caminhão e seus primeiros proprietários foram Lúcio Domingues, Alfredo Veronesi, Ernesto Costa e João Batista. Eles levavam os moradores aos bairros da cidade e possuíam três linhas: da estação ferroviária até os bairros Monte Alegre, Vila Barcelona e São Vicente. Existia outra linha que era intermunicipal. Ela saía da Rua São Caetano (atual Conde Francisco Matarazzo) e ia até o Mercado Municipal de São Paulo. Mas só funcionavam até o começo da noite, após as 8 horas da noite já não havia mais movimento nas ruas da cidade. Em 1931 surge a Empresa de Auto Ônibus Santo André (EAOSA), sediada em São Caetano, que passaria a fazer o trajeto de Santo André a São Paulo. Na década de 1940 a EAOSA inaugurava os coaches, ônibus modernos criados pela GM. Ele foi o primeiro ônibus com motor traseiro fabricado no Brasil. O sucesso foi tamanho, que a população fez fila para entrar neles. **R**

Ônibus fabricado pela General Motors, que fazia o trajeto de São Paulo a Santo André, passando por São Caetano. Foto da década de 1940

Curiosidades

1884- A São Paulo Railway emite três mil bilhetes de trens para os romeiros que vem a São Caetano através das estações Brás e Luz.

1885- O inglês William Speers, superintendente da São Paulo Railway publica anúncio com informações sobre os trens especiais de São Paulo e Brás para São Caetano nos dias 15 e 16, dia do padroeiro da capela local.

1893- São criados vários horários de trens para os dias da semana e finais de semana. A passagem de primeira classe de São Paulo para São Caetano custava 880 réis. A de segunda, a metade dessa cifra. Já as encomendas iam pelo preço de 750 réis.

*Horários - nos dias úteis: da capital para Santos (parada em São Caetano), às 8h32, 9h17, 17h23 e 18h25. Aos domingos todos os horários valiam, menos o último.

1895- A São Paulo Railway contrata a duplicação da ferrovia para ser realizada até o final de 1898.

(*) *Priscila Gorzoni é jornalista, formada em Ciências Sociais, com especialização em Fundamentos em Arte e Cultura, pela Unesp de São Paulo. Escreve para várias publicações. É autora dos livros Os benzedores que benzem com as mãos, da editora UCG, Os animais que estiveram nas guerras, da editora Matrix e Abre as Portas para os Santos Reis, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*

A MIGRAÇÃO MINEIRA NA CIDADE DE MAUÁ: breve relato da trajetória alterosa em terras mauaenses

(*) *Leandro Cesário da SILVA*

Migração: decisão difícil de ser tomada e que requer bastante coragem. Abandonar o lugar que o viu nascer e crescer para se aventurar rumo ao novo e desconhecido. E, ao chegar ao seu destino de vida, conviver com as saudades daqueles que não vieram, da terra natal que a uma boa distância ficou e cujos olhos não puderam mais contemplar. “Oh, Minas Gerais! Quem te conhece não esquece jamais!”. Provavelmente não houve como esquecer mesmo. Mas foi necessário aprender a viver sem a

Acervo/Museu Barão de Mauá



visão cotidiana das montanhas das Gerais. Enfim, sacrifícios e renúncias impostas pelas circunstâncias da vida.

A migração mineira em Mauá deu-se antes mesmo da emancipação da cidade, ocorrida em 1955. O fato de Minas Gerais ser um Estado vizinho de São Paulo foi um motivo a mais para determinar o fluxo migratório. Estes migrantes eram provenientes de diversas partes de Minas, principalmente da zona da mata e do norte do Estado.

Adaptação à nova situação era preciso, principalmente em relação ao clima de Mauá: o frio acompanhado da insistente garoa. Terrível combinação para quem estava habituado com o calor das Gerais. Eram 15 dias de garoa para cada dois dias de sol, fora o lodo que se acumulava nas telhas das casas, devido à constante chuva na década de 1960, e o barro das ruas não asfaltadas, segundo conta o casal de migrantes entrevistados: Amélia Gomes e Sinvalino da Fonseca, residentes no Jardim Camila.

Além do clima da cidade, havia a necessidade de se criar vínculos com os habitantes do lugar. Era preciso adaptar-se a um novo estilo de vida, diferente do que tinham na terra natal, considerando-se a imagem da própria Mauá, que não correspondia exatamente à visão que os migrantes tinham sobre ela. O fato é que quando algum migrante se referia a São Paulo há 20, 30, 40, 50 anos atrás, a intenção era a de se fazer

menção à própria capital, esquecendo-se ou, nem sequer tendo conhecimento, de que a famosa e almejada São Paulo possuía divisões, e que várias cidades compunham a região para onde estes se dirigiam. E assim o migrante que por aqui chegava, tinha de se deparar com uma imediata constatação: tais cidades, que eram próximas da capital, não possuíam o mesmo grau de desenvolvimento, ou seja, não eram fiéis àquela imagem criada pela propaganda veiculada em suas respectivas terras natais.

A fim de que se possa ter uma ideia do fluxo migratório ocorrido na cidade, em 1950 havia 9.472 habitantes. Duas décadas depois, Mauá já registrava 101.726 habitantes (embora a migração nordestina tenha sido muito mais significativa do que a mineira). O processo migratório estava bem mais intenso em Mauá do que nas demais cidades do ABC, pois havia mais espaço para o crescimento populacional, mais áreas a serem ocupadas. Acrescenta-se o fato dos terrenos terem um preço mais acessível, o que favorecia o estabelecimento de migrantes em vista de sua condição financeira.

A motivação da migração mineira (com exceção dos que provinham do norte das Minas Gerais), segundo os entrevistados, não se deu tanto por conta da insatisfação das necessidades mais básicas, como alimentação e habitação, em suas cidades de origem. Muitos dos migrantes da zona da mata mineira, por exemplo, viviam da agricultura de subsistência. O que os motivava a migrar era o simples desejo de uma vida melhor, com mais conforto. Fato curioso é que Belo Horizonte e Rio de Janeiro eram cidades bem mais próximas dos locais de origem da maior parte destes migrantes. Porém, não eram tão divulgadas quanto São Paulo. A força da propaganda trabalhista pertencia, com muito mais propriedade, ao Estado paulista, e era baseada principalmente na questão salarial e nas numerosas oportunidades profissionais.

Tudo por fazer. Assim que Mauá se apresentava aos migrantes. Quando comprava-se um lote, era preciso ir ao Sertãozinho, na área onde hoje se localiza a Avenida Papa João XXIII, em um matagal denominado "Matarazzo", cortar e trazer a madeira para fazer a divisória de terrenos. Não havia sequer

Entrada da Porcelana Schmidt, em meados dos anos 70. Muitos mineiros trabalharam na indústria cerâmica mauaense

água encanada. Ela vinha de poços artesianos, feitos pelo próprio dono da casa.

Nas décadas de 1960 e 1970, quando se dirigiam a Santo André ou a São Bernardo do Campo para trabalhar, por exemplo, os mauaenses tinham de andar por muitos trechos não asfaltados, com lama, e ainda mais com a chuva, que era uma presença constante, o barro inevitavelmente se impregnava na calça e no sapato. Ao chegar, na maioria das vezes em outras cidades, o funcionário que vinha de Mauá já era devidamente identificado por conta do barro na roupa.

Hoje, uma fábrica localizada nas imediações da Avenida Capitão João, no Bairro da Vila Vitória, constituiu-se como uma prova viva, tangível e concreta da história mauaense. Trata-se da Porcelana Schmidt, cuja origem na cidade remonta ao ano de 1943, através do surgimento da Porcelana Real (que mais tarde, no ano de 1972, seria incorporada pela Schmidt). Ainda antes, em 1937, foi instalada no município aquela que é considerada a pioneira no ramo em porcelana fina no Brasil: a Porcelana Mauá, empreendimento que ficou em atividade durante 31 anos. Este ramo de negócio, a porcelana, importante elemento histórico da cidade, ajudou a impulsionar o desenvolvimento do município. Foi o produto que deu uma identidade e fez com que Mauá ganhasse uma notoriedade no cenário nacional. Tanto é assim que, no final da década de 1940, Mauá foi intitulada como a “Capital da Porcelana” no país. E esse setor acabou empregando um número considerável de pessoas na cidade, beneficiando estes migrantes.

Fato curioso é que tanto os mineiros da década de 1960 quanto os da década seguinte, e até dos anos 80, normalmente não se casavam com mulheres nascidas ou que morassem em Mauá. Eles procuravam moças que residiam em Minas e se comprometiam com elas. Era um namoro à distância, mas com compromisso firmado. Muitos casais de namorados ficavam um ano sem se ver, como é o caso de Valdir Cesário e Daura Lucas, ex-moradores do Parque das Américas e Vila Assis, e que após três décadas em Mauá retornaram para Visconde do Rio Branco (MG). Somente nas férias do trabalho é que os mineiros de

Mauá podiam se encontrar com as namoradas que os aguardavam em Minas. Namoros de passado romântico, porém, provavelmente, de presente e futuro inconcebíveis para as gerações de hoje.

Quando enfim era chegado o dia do matrimônio destes migrantes, os mesmos, caso não estivessem de férias, pegavam uma licença de alguns dias no trabalho para viajarem para Minas e lá se casarem. Certas vezes, o noivo chegava no mesmo dia do casamento. Havia aqueles que casavam-se num dado dia e no outro já pegavam a estrada de volta a São Paulo. Ao chegarem em Mauá, o marido tratava de ir para o trabalho, deixando a esposa na nova casa (muitas vezes carente de um toque feminino). A mineira recém-casada e recém-chegada a Mauá, ainda tentando se familiarizar com a sua nova situação, já se deparava com as tarefas domésticas. Era esta a sua lua de mel. Muita novidade para um dia só.

A explicação dessa procura por mulheres de suas distantes terras natais e não do novo local onde viviam, reside na ideia de um possível retorno à terra natal após fazer a vida em Mauá. Era de se imaginar que uma mauaense, casada com um migrante mineiro, por exemplo, iria oferecer muita resistência à ideia de sair de sua cidade e se mudar para Minas Gerais com o marido, especialmente se fosse para a zona rural. Por essa razão, as mães das jovens mauaenses não desejavam que as filhas namorassem e muito menos se casassem com mineiros, devido ao temor de que os candidatos a genros levassem um dia as filhas para longe de Mauá.

Com o decorrer do tempo, os mineiros influenciaram o cotidiano e os costumes da cidade, na culinária, no sotaque, na cultura, nos negócios e na política. O Almoço Mineiro, por exemplo, evento que costuma ocorrer todos os anos na Paróquia São Felipe Apóstolo, no Parque das Américas, e na Paróquia São José, na Vila Assis Brasil, é uma herança daquele Estado. O que pode ser explicado pela grande concentração de mineiros nestes dois bairros.

No esporte, dentro do complexo do Centro Poliesportivo Professora Berenice Rumiko Endo, na Vila Assis Brasil, há um campo de futebol com certa influência mineira por conta do time que ali manda

os seus jogos. A sigla do time é CAM. Logo se pensa no Clube Atlético Mineiro. Na verdade, quase isso: o significado é Clube Atlético Mauaense. Porém, com o escudo e a camisa listrada em preto e branco, idênticos aos do famoso Galo de Belo Horizonte.

Hoje podemos dizer, ao menos visivelmente, que a migração mineira em Mauá encontra-se em processo de franca desaceleração. Em boa parte deve-se ao próprio desenvolvimento econômico de Minas Gerais e também pela descentralização industrial ocorrida no país. Em vista deste quadro mais favorável, os mineiros se veem em condições de permanecer no seu Estado de origem e a opção pela migração acaba por ficar em segundo plano.

A impressão que se tem é que a condição humilde do ser humano favorece a união e faz com que os laços de solidariedade humana se intensifiquem. Normalmente, a pessoa que optava pela migração já conhecia um familiar ou amigo instalado em Mauá. Portanto, desenhava-se uma espécie de rede de apoio ao migrante mineiro no município. Havia então uma mão estendida ao migrante, assim que este desembarcasse na nova terra. Era a mão solidária do conterrâneo que sabia se colocar no lugar do outro. Era o aspecto coletivo face ao individualista. Talvez tenha sido esta uma das referências para a consolidação do processo migratório do café com leite, como a de qualquer outro, na cidade de Mauá. **R**

(*) *Leandro Cesário da Silva* é aluno do Curso de História da Universidade do Grande ABC - UniABC

“A FONTE DA SAUDE”

**FERRO CALCIO QUINA
TRENTINI**

O Ferro Quina mais completo mais eficaz

Composto
de 21
qualidade
de raizes
tonicas.

Unico no Mundo
Reg. Pat. 93-403

**TOMA-SE COMO APERITIVO
DE OTIMO PALADAR !**

**IND. PRODUTOS TRENTINI — S. CAETANO DO
SUL — Est. de S. Paulo**



*Jornal
de São
Caetano,
23 de
março de
1957*

A MATRIZ FILIAL

(* *João Tarcísio MARIANI*)

Quem conta um conto, aumenta um ponto ou inventa um pouco. Mas, neste caso, como muitos conhecem bem o conto ou a história, motivo desta crônica, é melhor que se conte apenas a verdade. Mesmo assim, poderá haver controvérsias. Era uma vez uma congregação de sacerdotes cujo fundador era santo, mas os seus colegas de seminário desconfiavam de sua santidade, porém não tinham certeza. A ordem, fundada em Verona, na Itália, em 1816, enviou para o Brasil, quase um século depois de sua criação, mais precisamente em 1910, três italianos, sendo um irmão leigo e dois sacerdotes. Aqui, iniciaram seus trabalhos missionários na cidade de Tibagi, no Paraná.

Em 1923, 13 anos após a sua chegada em terras brasileiras, a congregação recebeu de presente a missão de tomar conta da fé dos habitantes de uma pequena cidade, cuja maioria era formada por imigrantes italianos. A congregação chamava-se Estigmatina (em honra aos estigmas ou chagas de Cristo), e seu fundador, depois santo, era o padre Gaspar Bertoni. A pequena cidade era São Caetano do Sul e um daqueles dois primeiros sacerdotes, vindos em 1910, era Alexandre Grigolli.

Assim começava a história cujos registros podem ser encontrados nos livros de tombo da Paróquia Sagrada Família de São Caetano, na biblioteca eletrônica da Congregação Estigmatina ou no Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória. Nós pretendemos lembrar essa trajetória, enaltecendo personagens e fatos, mas contando-a, obedecendo à cronologia, usando como modelo a Bíblia Sagrada, justamente porque é uma homenagem aos 75 anos da inauguração da Igreja Matriz Sagrada Família de São Caetano do Sul.

ANTIGO TESTAMENTO

Livro do Gênesis - A nossa querida São Caetano do Sul, como todos sabemos, foi fundada no dia 28 de julho de 1877, quando aqui chegaram os colonos italianos, predominantemente, vênnetos.

Uma antiga fazenda de São Bento foi distribuída pelo Governo em lotes às famílias dos colonos. Encontraram, nesta localidade, uma pequena capela dedicada a São Caetano, mas estava abandonada e servia de abrigo aos animais. Logo pensaram em restaurá-la e o governo mandava, nas festas principais, um padre de São Paulo para rezar a Santa Missa.

Os colonos foram abrindo ruas e construindo casas, fazendo o povoado crescer. A igreja foi restaurada e no dia 22 de dezembro de 1923, chegou a São Caetano o primeiro padre da Congregação Estigmatina, chamado João Baptista Pelanda. Até então, eram os Missionários de São Carlos que davam assistência religiosa na localidade. Pelanda percebeu que sozinho não poderia dar conta do trabalho. Por isso, registrou no livro de tombo: "Diante das necessidades espirituais de nossa população... que dia por dia vinha aumentando, recorri aos meus Superiores que prontamente annuiram dando-me um precioso auxílio na pessoa do Rvdo. P. Alexandre Grigolli, da mesma Congregação, e cuja piedade, bondade, sciencia e outras múltiplas aptitudes não podiam não torná-lo... muito bem quisto por todos"¹.

No dia 28 de março de 1924, Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, criava a Paróquia de São Caetano, desmembrando-a de Santo André. A provisão de vigário (assim era chamado o pároco) foi dada no dia 31 de março de 1924. No dia 13 de abril do mesmo ano, o

Registro do batizado de Odete Martinez, realizado na Matriz Sagrada Família, em 1937, mostra o prédio no final de sua construção. Da esquerda para a direita, foram identificados: Shizue Toyoda, Lúcia Juarez (menina), Odete Martinez (no colo), Petronilha Ferreira e Sumie Toyoda



padre João Baptista Pelanda tomou posse, oficialmente, como o primeiro vigário, tendo como seu auxiliar o padre Alexandre Grigolli, que chegara a São Caetano em 9 de fevereiro de 1924.

Livro do Êxodo - Observando o livro de tombo, o primeiro vigário assim escrevia: “Infelizmente o progresso religioso rumava pela direção inversa ao material: muitos fatores concorreram a tão lastimável resultado, como afastar-se rapidamente o centro para além da linha férrea, ficando a Igreja consideravelmente deslocada”. E por causa da cidade se estender após a linha férrea houve a preocupação em adquirir um terreno para se construir uma igreja maior e mais centralizada.

No dia 18 de abril de 1929, com a volta do padre Pelanda para a Itália, assumiu o segundo vigário José Tondin. Auxiliando-o permaneceu o padre Alexandre Grigolli. Na ocasião, a cidade se apresentava em ritmo de acelerado crescimento. Então, Tondin e Grigolli se conscientizaram de que urgia pensar na construção de uma igreja maior, além de outros três motivos importantes: “necessidades espirituais do povo da Paróquia, a dificuldade que pode constituir para muitos, no cumprimento dos deveres religiosos a distância da igreja [Matriz Velha], colocada no ponto extremo da Paróquia”, e a abrangência de seu território, que compreendia, Vila Prudente, Vila Zelina, Moinho Velho, S. Terezinha e Utinga.

Livro dos Números - Ainda no livro de tombo a referência ao número de habitantes da época: “Tinha esta (cidade) atingido notável desenvolvimen-

to, portanto já com dez a doze mil almas a população”. Para que essa igreja maior fosse uma realidade, os padres, mais o casal Ernesto e Anna Baraldi, concordaram numa permuta-doação de um amplo terreno localizado no alto da cidade. Assim, no dia 17 de agosto de 1930, foi lançada a pedra fundamental daquela que viria a ser a Matriz Nova. No final de 1931, padre Tondin deixou a paróquia, assumindo em seu lugar o terceiro vigário, Alexandre Grigolli.

Livro da Sabedoria - Pelanda, o primeiro vigário, havia se referido ao padre Alexandre como alguém de múltiplas aptidões, porém, acreditamos que nem o próprio padre Pelanda imaginava, quantas e quais eram essas aptidões. Pintor e escultor, músico e compositor, artesão e arquiteto, visionário e empreendedor. Essas eram algumas de suas aptidões humanas, sem se falar de suas virtudes na missão sacerdotal.

Livros Proféticos - Em 1931, o padre Alexandre assumiu a missão de vigário da Paróquia São Caetano, mas um pouco antes disso, ele dera a melhor e mais clara demonstração da sua capacidade, a partir do fato de que, como visionário e empreendedor, ele já intuía que o crescimento da cidade, através da industrialização, exigiria uma nova igreja, é que ela teria de ser localizada, coerentemente, com essa expansão, que precisaria ser grande para “ter futuro”, e, finalmente, que seria preciso enfrentar a resistência dos fundadores da cidade ao propor lugar diferente do Bairro da Fundação.

Livro das Crônicas - Em março de 1932, tiveram início as

obras da nova matriz e, no Natal de 1933, elas já compreendiam: “a Capella Mor, sendo-lhe anexado o barracão que serviu até agora de Capella provisória e foi ella benzida pelo R. Vigario que rezou nella a primeira Missa em beneficio dos Benfeitores”. Finalmente, a nova igreja foi inaugurada e benzida pelo bispo auxiliar de São Paulo Dom José Gaspar de Afonseca, em 6 de junho de 1937. Assim, a Paróquia de São Caetano ficou sendo a Matriz Nova, localizada no centro da cidade.

O período que foi de 17 de agosto de 1930 (quando se lançou a pedra fundamental da nova igreja) até 6 de junho de 1937 (quando ela foi inaugurada), poderia ser chamado, em astrologia, do longo inferno astral do padre Alexandre. Durante todo o tempo citado, ele conviveu diuturnamente com o assédio antissocial de alguns de seus próprios paroquianos do Bairro da Fundação, em muitos momentos, acometidos da síndrome de Salomé e pedindo a cabeça de Grigolli na bandeja. Sobre este aspecto, e já que estamos em roteiro bíblico, seria o caso de citarmos a famosa paciência do personagem Jó, como inspiração, na época, do padre Alexandre.

A visão dele era, clara e precisa, em relação à nova igreja que, para ser digna do progresso que ele projetara para São Caetano, deveria ser uma obra não para ele, nem para a congregação, mas para a cidade e, para rimar, para a posteridade. Contra tudo, e a favor de todos, ele construiu a nova igreja: com estilo, grandiosidade, arte e com muito, mas muito, trabalho e perseverança.



Crédito | Augusto Cealho Neto

CRÔNICAS

A partir de 1937, duas eram as paróquias São Caetano e daí mais do que justificada a distinção dada por todos e até hoje muito bem registrada na memória da cidade: Matriz Velha e Matriz Nova. Em 1943 foram iniciadas as pinturas da Matriz Nova pelos artistas italianos, Pietro e Ulderico Gentili, obra de reconhecido valor e que somente iria ser completada em 1950. Em 1946 o padre Alexandre Grigolli retorna definitivamente para a Itália e assume o cargo o quarto vigário, padre Ézio Gislimberti.

Ele foi o estigmatino que por mais tempo se dedicou a nova matriz e se desdobrou para dar continuidade às obras e ao andamento da paróquia. Foi lançada a pedra fundamental do salão e do Cine Teatro Paroquial, com o nome de padre Alexandre Grigolli.

Livro Cântico dos Cânticos - Um acontecimento bem lírico, o qual mais marcou época na vida da Matriz Nova foi, sem dúvida, a rápida passagem do cantor italiano Beniamino Gigli, em 1951.

A vinda dele foi um fato de tal repercussão que, provavelmente, naquele dia deve ter ocorrido um “recorde” de público, dentro e fora da igreja. Afinal de contas, ele era um dos tenores mais famosos do mundo e, para sorte nossa, ele aceitara o convite do padre Ézio, para vir conhecer a Matriz e dar uma canja.

Todos queriam ver a figura de Gigli que, de alto só tinha o vigor da voz, pois era um famoso baixinho. Ele desfilou com seu vistoso chapéu na mão pelo corredor central da igreja abarrotada e barulhenta e subiu ao mesmo local onde até hoje fica o chamado coro (balcão no fundo e no alto da igreja). Ao se ouvir imponente a voz de Gigli, iniciando a *Ave Maria*, de Gounod, o milagre do silêncio absoluto aconteceu. E uma multidão de pessoas, ao som de um anjo cantando, aos poucos transformou silêncio em soluços, atenção em emoção, soluços em pranto e emoção em transe. Nesse instante, Maria, no céu, também deve ter chorado, mas, com certeza, de alegria.

Livro das Lamentações - Em 1953, a Matriz Velha (Bairro da Fundação), a Candelária (Bairro Osvaldo Cruz) e a Nossa Senhora Aparecida (Bairro Barcelona) se desmembraram da Matriz Nova, tornando-se novas paróquias. Padre Ézio, em tom triste, registrou a seguinte observação a respeito dessas transformações: “Assim, depois de 30 anos de trabalho [1924 – 1953], ficaram os P.P. Estigmatinos com a Paróquia reduzida ao Centro de S. Caetano”.

Igreja Matriz Sagrada Família, em foto de 2011

NOVO TESTAMENTO

Evangelho de São Lucas - “Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome da virgem era Maria. Eis que você vai ficar grávida, terá um filho, e dará a ele o nome de Jesus”. Em agosto de 1954 foi criada a Diocese de Santo André e nomeado como seu primeiro bispo Dom Jorge Marcos de Oliveira, que tomou posse em 12 de setembro. No dia 31 de outubro, o bispo visitou pela primeira vez a paróquia, quando os paroquianos, liderados pelo padre Ézio, solicitaram a mudança do orago (santo da invocação que dá o nome a uma capela ou templo). O pedido foi atendido e a Matriz Nova deixou de ser Paróquia São Caetano e passou a ser a Paróquia ou Matriz Sagrada Família.

Evangelho de São Marcos - “O semeador semeia a Palavra... aqueles que receberam a semente em terreno bom, são os que ouvem a Palavra, a recebem e dão fruto...”. Padre Ézio Gislimberti foi o sacerdote que durante mais tempo cuidou da Paróquia Sagrada Família, tendo permanecido na função de quarto vigário de 1946 até 1965. Depois, mais tarde, nos derradeiros anos de sua vida, voltou a colaborar com a Matriz por mais nove anos, tornando-se o maior semeador que a nossa comunidade já teve. Por isso e para se cumprir a vontade dele, está o seu corpo enterrado, como a semente que ele sempre foi, sob o olhar e o altar de São Caetano, na sua tão querida Paróquia Sagrada Família.

Evangelho de São Mateus - “O sermão da montanha - Bem-aventuras”: Bem-aventurados os Benfeitores e suas Famílias - Colaboradores provenientes da maioria das famílias que levou avante a construção do novo templo, não sem antes registrar uma importante ressalva: a de que aqueles que contribuíram, pouco ou muito, todos foram essenciais para que se chegasse até à conclusão da obra, que continuamos a admirar nos dias atuais. À memória de todos eles, sem citar nomes para não correr o risco da omissão, deixamos assinalado o efusivo reconhecimento e a eterna gratidão.

Bem-aventurados os irmãos Gentili - As belíssimas pinturas que enriquecem sobremaneira todo o interior da Paróquia Sagrada Família foram realizadas pelos irmãos Pietro e Ulderico Gentili que, com sua arte, gravaram os matizes da fé na Matriz.

Bem-aventurados os Sacerdotes Estigmatinos - Os sacerdotes estigmatinos que ajudaram a preservar ao longo desses 75 anos a Matriz Sagrada

Família podem ser aqui muito bem representados pelos párocos que sucederam o padre Ézio Gislimberti (quarto vigário):

Quinto vigário:

José Lambert (1965/1966)

Sexto vigário:

José Carvalho (1966)

Sétimo vigário:

Mário Domingos Perin (1966-1970)

Oitavo vigário:

Devanir da Silva (1970-1978)

Nono vigário:

Paulo Campo Dall’Orto (1978-1988)

Décimo pároco:

José de Sousa Primo (1988-2001)

Décimo primeiro pároco:

José Antônio Mainardi (2001-2007)

Décimo segundo pároco:

Jordélio Siles Ledo (2007-atual)

Evangelho de São João - “Destruam esse Templo, e em três dias eu o levantarei”. O templo da Matriz Sagrada Família foi feito por homens, mas resiste ao tempo, pois foi erguido com fé, esforço e dedicação, além do entusiasmo e sacrifício do padre Alexandre; e, mais ainda, com o empenho de muitos paroquianos que ajudaram por meio de contribuições financeiras e alguns abnegados que trabalharam, diretamente, na própria construção.

Batizados - “Aquele que me enviou para batizar com água, foi ele quem me disse: Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e pousar, esse é quem batiza com o Espírito Santo”. Fazemos referência a todos aqueles que mergulharam na fé pelas águas do batismo, recebido na Matriz Sagrada Família.

Casamentos - “Três dias depois, celebravam-se bodas em Caná da Galiléia, e achava-se ali a mãe de Jesus. Também foram convidados Jesus e os seus discípulos”. Queremos recordar agora de todos vocês que construíram suas famílias a partir do casamento celebrado na Matriz e que lá retornam para festejar as suas bodas, em 75 anos de uniões conjugais, cujas cerimônias, para a maioria, permaneceram registradas de forma inesquecível.

Eucaristia - “E como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, assim, aquele que me receber como alimento viverá por mim”. Fazemos memória também de todos aqueles que receberam como alimento o próprio Cristo, a partir da primeira eucaristia

celebrada na Matriz Sagrada Família.

Palavra - "Este é o discípulo que deu testemunho dessas coisas e que as escreveu". Este versículo foi escrito pelo discípulo São João, o Evangelista. Nosso texto, por João, aspirante a cronista, que não é digno de desatar as sandálias nem do Batista, nem do Evangelista, e, humildemente, pede desculpas por alguma falha nos campos: gramatical, temporal, memorial, documental, paroquial, espiritual, etc. e tal.

Em 2012 mais um projeto de destaque está sendo erigido e será inaugurado ainda dentro deste ano comemorativo, um sonho do padre Jordélio Siles Ledo: o Museu de Arte Sacra da Matriz Sagrada Família e de São Caetano do Sul. Ele abrigará o acervo e o legado destes 75 anos de memória e ajudará a contar e a perpetuar essa bela história.

A fé e a vida espiritual das famílias de São Caetano foram moldadas, nestes 75 anos, à luz dos ensinamentos de Cristo, transmitidos pela Congregação Estigmatina, sob a ótica do carisma de São Gaspar Bertoni e por meio do entusiasmo de sacerdotes que marcaram época em nossa Matriz e em nossa cidade.

Podemos concluir, afirmando que a Paróquia São Caetano, do Bairro da Fundação, a Matriz Velha, foi a "matriz"; enquanto que a Paróquia São Caetano, da Praça Cardeal Arcoverde, a Matriz Nova: foi a "filial". Homenageamos, pois, as bodas de Brilhante da Matriz Filial:

a Matriz Sagrada Família!

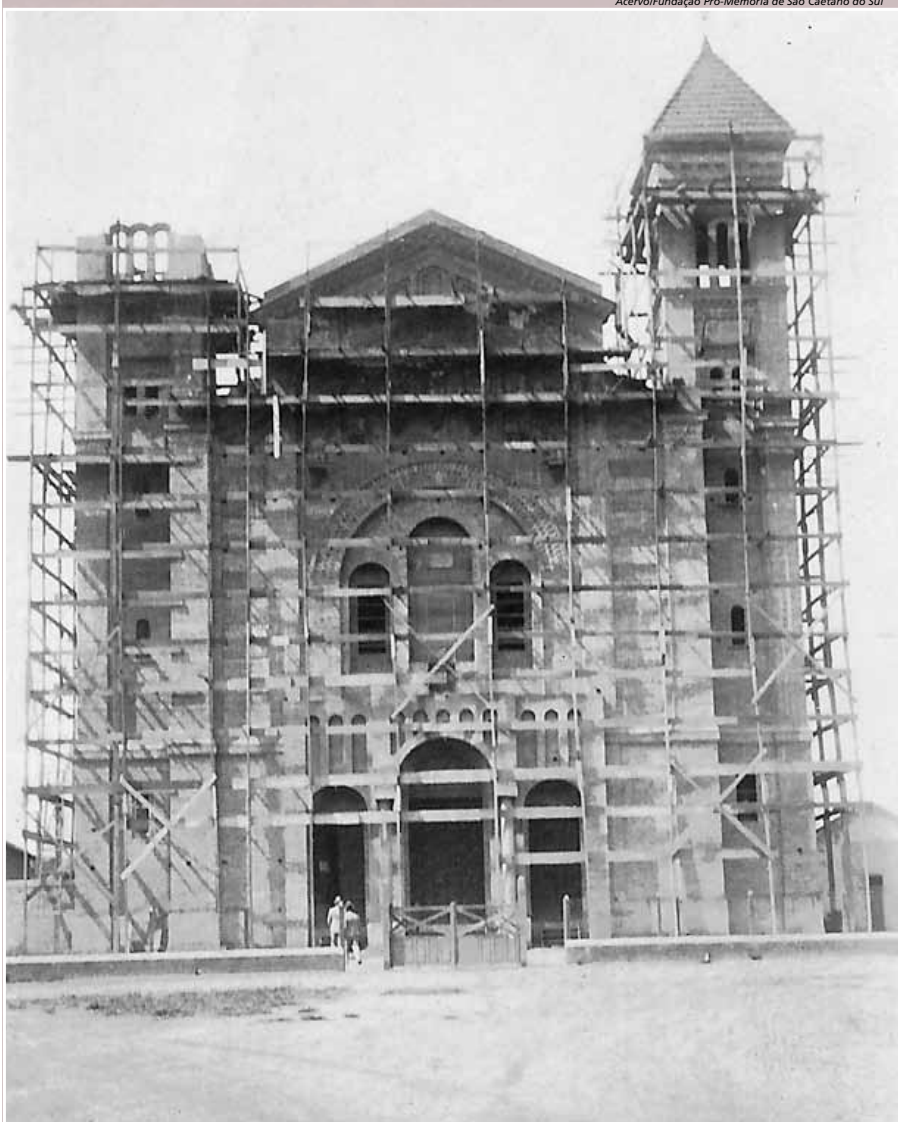
NOTA

"A expressão do padre Pelanda "Não podiam não torná-lo"... deve ter inspirado, muito mais tarde, o pessoal de marketing de um jornal a criar o slogan: "Não dá para não ler".

(*) João Tarcisio Mariani é consultor de empresas e membro do Conselho Editorial e do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fase inicial de construção da igreja, em 1932

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



*Rolandi Plínio
Dall'Antonia em
foto realizada
num estúdio
fotográfico, na
década de 1920*



MEMÓRIA FOTOGRAFICA

*O pequeno Ro-
dolpho Walter
Famula em 1913*





Família de João Baptista de Souza. Natural de Braga, Portugal, nasceu no dia 2 de junho de 1888 e faleceu em São Caetano em 1986. Morou na cidade com sua família durante seis décadas. Trabalhou na Ford do Brasil até se aposentar. Nesta foto, de 1940, diante de sua casa na antiga Rua Bruna, hoje Avenida Dr. Augusto de Toledo, a família comemorava o casamento do seu filho primogênito, João Baptista de Souza Filho. Vemos, na primeira fila, da esquerda para a direita: João Baptista de Souza Filho, Martha de Souza e seu irmão gêmeo David de Souza, Daniel de Souza, Ruth de Souza, Emma de Souza, a criança Eduarda, Josefa Raia e Faustina. Na segunda fila, da esquerda para a direita, estão Francisco Raia, Célia Cerqueira Leite, João Baptista de Souza, Francisca Raia de Souza e Catharina Raia

Em visita a São Caetano do Sul, o governador do Estado de São Paulo (1971-1973), Laudo Natel (à direita), ao lado do prefeito Oswaldo Samuel Massei, durante seu segundo mandato (1969-1973)





Prefeito Hermógenes Walter Braido no gabinete de trabalho, durante seu terceiro mandato (1983-1988)

Veículo Rural Willys que fazia parte da frota da Polícia Municipal de São Caetano do Sul. Foto da década de 1960





Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Vista panorâmica do Paço Municipal, localizado na atual Avenida Goiás. Ao lado, a Concha Acústica. Foto da década de 1960

Desfile cívico escolar de 7 de setembro na Avenida Goiás, na década de 1960. Observa-se no palanque oficial, o prefeito Hermógenes Walter Braido. Ao lado, o Auditório Municipal Santos Dumont (hoje, Teatro Santos Dumont), onde funcionava, também, o Grêmio Estudantil 28 de Julho



Arquivo Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

ArcivoFundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Dia da posse do prefeito Anacleto Campanella, em 4 de abril de 1953. Ao seu lado (à direita), seu antecessor Ângelo Raphael Pellegrino, fazendo a transmissão do cargo. Vemos, também, o vice-prefeito Jacob João Lorenzini e vários vereadores da segunda legislatura municipal

ArcivoFundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Três famílias reunidas: Tomazella, Garcia e Spachaqueria. Na parte de trás, foram identificados: Ângelo Tomazella, Lauro Garcia, Lauriston Garcia, Tereza Tomazella, Líbera Spacharqueria, Sílidônio Garcia, Roberto (?), Losque Garcia. Na frente, vemos: Adalfe Tomazella, Laura Garcia, Lurdes Spachaqueria e Lucrecia Spachaqueria. Foto de 1930



Mariana Neri Molinari nasceu em 1848. Casou-se com João Molinari, com quem teve quatro filhos: Luiz Molinari, Delmira Cavana Molinari, Hermenegildo Molinari e Benedito Molinari. Faleceu em 1932. Em 1934, uma capela foi construída, localizada na Rua Constituição, 38, Bairro Cerâmica, e recebeu seu nome



Acerca/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Casamento de Geraldo Cambaúva e Arcília Vidale, em 4 de outubro de 1941. Acompanhando os noivos, foram identificados, do lado esquerdo: Vera Rocha, Martha Vincenzi, Ida Vidale, Lavinia, Maria Augusta, Maria C. Polido, Maria Helena, Maria Inêz, Zaira Piso e Sebastiana. Do lado direito, vemos: Osmar Rocha, Jayme da Costa Patrão, Armando Coppini, Joaquim Neves, Edvaldo, Domingos Molinari, João Relá Filho, Santo, Roberto, Zé Bonito, Luiz Rodrigues Neves e João Cambaúva

A Sauna Imperial foi um estabelecimento de muito prestígio na cidade, localizada na Rua Rio Grande do Sul, sendo depois transferida para a Rua Goitacazes, 65. Era propriedade da família Mezadri, composta pelo pai Gutemberg, a mãe Priscila Bruno (dona Boneca) e pelos filhos Laerte, Adolpho, José e Vicente Mezadri. A família foi também proprietária de outros hotéis em São Caetano: Hotel Imperial, Pensão Potyra e Hotel Poty, na Rua Alagoas. Foto de junho de 1980

Acerca/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul





Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vereadora Olga Montanari de Mello em seu gabinete na Câmara de Vereadores de São Caetano do Sul, na década de 1950. Foi a primeira mulher a fazer parte da Câmara, sendo eleita com 70 votos na primeira legislatura, em 3 de abril de 1949. Posteriormente, elegeu-se nas segunda e terceira legislaturas

Domingas Tonetti Blanco, aos 81 anos, quando foi homenageada pelo Projeto Cidadão da História, desenvolvido pela Fundação Pró-Memória. É moradora do Bairro Barcelona há mais de 70 anos. Na foto, vemos sentados: Wilson Blanco (filho da homenageada) e Domingas Tonetti Blanco. Em pé, da esquerda para a direita, Maria Helena Andrade Blanco (nora), Maria Helena Blanco (filha), Fabiano Andrade Blanco (neto), Maria de Lourdes Blanco (filha) e Jorge Lourenço (genro). Foto de 2007



Arquivo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Odilon de Souza Mello foi eleito vice-prefeito no mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido, na quinta legislatura (1965-1969). Advogado formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi também procurador do Círculo Operário, conselheiro da Sociedade Hospitalar São Caetano e da Associação dos Advogados de São Caetano. Foto de 1956



Aervoifundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Grupo de amigos em foto tirada no ano de 1948, na Estrada das Lágrimas, Bairro São José. Na frente, da esquerda para a direita, Armando Morro, Vitor Morro e Antonio Morro. Atrás, João Mian e José Matiaz

Reunião da família de Felix Niedart, na década de 1920, no quintal da casa que ficava na Rua Minas Gerais, atualmente Rua José Benedetti



Aervoifundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Cerimônia de juramento à bandeira da primeira turma do Tiro de Guerra 277 de São Caetano do Sul. Da esquerda para a direita, em trajes civis, vemos: Benedito de Moura Branco, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino, padre Ézio Gislimberti, Daniel Giardulo (diretor da Fazenda), Bruno Bisquolo, (?) e José Bonifácio de Carvalho. Foto de 16 de abril de 1952



Exposições virtuais

A cada mês o site da Fundação Pró-Memória exibe uma nova exposição virtual. São mostras que apresentam, em média, 20 imagens sobre um determinado tema. Nos meses de janeiro e fevereiro, os internautas puderam acompanhar a exposição *12 Profissões – Imagens e histórias*, que apresentou um panorama de profissões antigas como alfaiate, parteira, sapateiro, entre outras, fazendo um levantamento de suas origens e mostrando personagens da cidade.

Em março, para celebrar o Dia Internacional da Mulher a exposição apresentou antigos retratos de mulheres que viveram em São Caetano no início do século 20. Já em abril, o tema escolhido foi a Pinacoteca Municipal, que comemorou 10 anos, no dia 18 do mês referido. A mostra virtual mostrou parte do rico acervo da instituição, com a biografia dos artistas. Como em maio comemoramos o Dia das Mães, o site da Pró-Memória expôs fotografias de momentos entre mães e filhos, na mostra *Eternamente Mães*. *Festa no Arraiá* foi o nome da mostra virtual que ficou em cartaz no site em junho, que apresentou flagrantes de festas juninas e quermesses realizadas nas décadas passadas em clubes e nas ruas de São Caetano.

EXPOSIÇÕES

Navegar é Preciso: barcos e navios artesanais do espanhol José Teroba Garcia

O Museu Histórico Municipal encerrou em 31 de janeiro a exposição *Navegar é Preciso: barcos e navios artesanais do espanhol José Teroba Garcia*, aberta em outubro de 2011. Em São Caetano do Sul desde 1958, José Garcia é autor de inúmeros exemplares de barcos e navios feitos com materiais reciclados diversos. Ele trabalhou no ramo de construção e, depois que se aposentou, passou a se dedicar com mais afinco a essa atividade. A exposição reuniu exemplares feitos por ele.



São Caetano do Sul 3x4 - Você na foto e na história

A Fundação Pró-Memória deu continuidade, em 2012, ao projeto *São Caetano do Sul 3x4 - Você na foto e na história*, iniciado em outubro de 2011. Com o objetivo de criar um grande retrato coletivo da cidade, a instituição convidou os moradores da cidade a contribuir com fotografias no tamanho 3x4, que foram expostas, lado a lado, em grandes painéis coloridos. No dia 15 de janeiro, uma ação da Pró-Memória promoveu a produção de fotografias instantâneas para que os visitantes do parque pudessem participar do projeto. A mostra ficou no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes até janeiro de 2012, depois ficou na sede administrativa da Fundação até 31 de maio.



3ª Vitrine – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul

A Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, realizou a terceira edição da *VITRINE – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*, com o objetivo de conhecer e divulgar a produção artística da cidade, além de revelar novos talentos. A exposição, que ficou em cartaz na Pinacoteca de 20 de outubro de 2011 a 23 de fevereiro de 2012, reuniu 77 trabalhos de 48 artistas inscritos, em pinturas, esculturas, fotografias e outras manifestações artísticas. Uma sala especial, com obras do artista plástico Nelson Raposeiro, acompanhou a mostra. Natural de Pirassununga, interior de São Paulo, viveu em São Caetano do Sul por 55 anos. Falecido em agosto de 2011, foi de grande contribuição para a produção artística local.



São Caetano nos Esportes

Uma série de fotografias resgatou importantes momentos esportivos, ocorridos em São Caetano do Sul em diversas modalidades e épocas, na exposição *São Caetano nos Esportes*, que ficou em cartaz no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 31 de janeiro a 20 de abril. Futebol, ciclismo, basquete, entre outras práticas, ganharam espaço na mostra, como uma imagem de 1914, que retrata a equipe de bola ao cesto das Indústrias Aliberti SA. E outra, que resgata a primeira Corrida de Reis realizada na cidade, em 1948.

Uma pequena dose da história das Bebidas Trentini

De 22 de fevereiro a 9 de maio, o Museu Histórico Municipal promoveu a exposição *Uma pequena dose da história das Bebidas Trentini e Dunga*. No ramo de produção de bebidas, São Caetano do Sul contou com duas indústrias que marcaram época dentro e fora dos limites municipais: a Dunga e a Trentini. Ambas as marcas fizeram história, conquistando, no decorrer dos anos, uma clientela fiel e exigente. Parte dos vestígios deixados por elas, ao longo de suas atividades, foi captada pelo Museu Histórico Municipal, por meio desta exposição, que apresentou os principais produtos e outros materiais alusivos a essas duas tradicionais indústrias.





Exposição sobre o Hospital São Caetano

O Hospital São Caetano foi reaberto pela Prefeitura Municipal no dia 4 de fevereiro. A Fundação Pró-Memória, em parceria com a Secretaria Municipal de Comunicação, montou no local uma rica exposição com fotos e objetos históricos que remetem aos muitos anos de atendimento da tradicional instituição de saúde.

As imagens revelam a evolução das obras da unidade hospitalar, mostram profissionais da saúde

nos consultórios com pacientes, flagrantes das várias campanhas de arrecadação de fundos, seus fundadores, e vários recortes e manchetes do Jornal de São Caetano, que foi peça fundamental na mobilização da população para a criação da entidade. Uma galeria de quadros dos ex-presidentes da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano também integra a mostra.

No local ainda estão sendo exibidos objetos que foram encontrados no Hospital São Caetano durante o trabalho de reforma do prédio pela Prefeitura. Entre esses itens estão o *Livro de Ouro*, artefato com significado histórico à unidade e que contém, entre outras informações, assinaturas dos fundadores daquela Casa de Saúde e algumas boas narrativas sobre a instituição; e também muitas peças antigas e interessantes, como bisturis, tesouras e agulhas.



Uma Cidade em Construção



A Fundação Pró-Memória retratou, nesta exposição, a evolução e a transformação da paisagem urbana de São Caetano do Sul por meio de imagens de edifícios e vias públicas em construção ou em processo de urbanização. Foi possível, por exemplo, verificar o início da pavimentação da Avenida Tijucussu, a construção do Teatro Santos Dumont e do prédio da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, e a canalização do Córrego do Moinho, na Avenida Presidente Kennedy. A mostra ficou em cartaz no salão expositivo do Espaço Verde Chico Mendes de 21 de abril a 11 de junho.

Hoje é dia de Rock - Exposição de Antigos Modelos de Guitarras

No dia 20 de maio, o Museu Histórico Municipal abriu a exposição *Hoje é dia de Rock - Exposição de Antigos Modelos de Guitarras* e apresentou antigos modelos de guitarras do acervo do colecionador Carlos Henrique Batista Francisco. Os modelos contemplados pertencem a marcas que fizeram história no ramo da fabricação nacional de guitarras e afins, como as seguintes: Snake, Giannini, Phelpa, Rei (Tonante) e Alex. Os períodos nos quais foram produzidos compreendem as décadas de 1960 e 1970, época de grande efervescência cultural, manifestada, em grande parte, por gêneros musicais como o rock. A mostra ficou em cartaz no museu até 7 de julho.

Imigração e migração em São Caetano

De 12 de junho a 20 de agosto, a Fundação Pró-Memória promoveu, no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a exposição *Imigração e migração em São Caetano*. Para dar início às celebrações pelo aniversário da cidade, a mostra abordou famílias migrantes de diversos Estados brasileiros e do interior de São Paulo, e de imigrantes europeus e de outras partes do mundo, que escolheram São Caetano do Sul como sua morada e aqui constituíram suas famílias.

PROJETOS E PARCERIAS

Projetos Revelando o Passado e Álbum de Família

Em 2012, a Fundação Pró-Memória deu continuidade aos projetos *Revelando o Passado* e *Álbum de Família*. O primeiro promove reuniões com a comunidade para finalizar o processo de identificação de uma parte do acervo fotográfico do Centro de Documentação Histórica da instituição. Álbum de Família consiste na coleta de registros fotográficos de famílias que residem na cidade, também para integrar o acervo da instituição.

Férias com Arte Mostra de Cinema - Ingmar Bergman

No período de 17 a 19 de janeiro, a Fundação Pró-Memória participou do projeto *Férias com Arte*, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. Foram exibidas, na Pinacoteca Municipal, três produções do cineasta sueco Ingmar Bergman: *Morangos Silvestres*, no dia 17, *Persona*, no dia 18, e *Sonata de Outono*, que encerrou a mostra, no dia 19.

A Peça em Destaque

O projeto *A Peça em Destaque* consiste em destacar, mensalmente, um objeto do acervo do Museu Histórico Municipal, para que o público possa, além de contemplar cada objeto de forma diferenciada, fornecer novas informações, enriquecendo os registros de cada peça. No mês de janeiro, a "Peça em Destaque" foi uma bicicleta da marca Monark, do ano de 1948. Foi doada ao Museu Histórico Municipal por Sílvia Miras Serna, em 2005. Em fevereiro, o museu destacou uma máquina de somar que pertenceu à Cerâmica São Caetano.

Em março, a "Peça em Destaque" do mês foi um estrado de madeira que era utilizado para lavar roupa, doado em 1993, por Ismael Castrilho Perez. No mês seguinte, um antigo banco de passageiro de trem produzido em madeira, que pertenceu a Zilmar Ferreira da Silva. O mês de maio foi marcado por uma mala de viagem do final do século 19. Uma camisa do América do Sul Futebol Clube, do ano de 1954, que pertenceu a Arthur Demenis, ganhou destaque em junho.



10ª Semana de Museus A cidade como museu a céu aberto:

a transformação do espaço urbano
em patrimônio cultural e
espaço de fruição estética

A Fundação Pró-Memória participou da 10ª Semana de Museus que, em 2012, teve como tema *Museus em um Mundo em Transformação – novos desafios, novas inspirações*, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), com o evento *A cidade como museu a céu aberto: a transformação do espaço urbano em patrimônio cultural e espaço*

de fruição estética, realizado no dia 19 de maio. No encontro, foram apresentadas as seguintes palestras: *Graffiti - Uma história de arte marginal para os museus de arte* (Mariana Zenaro), *O despertar poético para a cidade interior: reflexos de uma arquitetura do corpo na metrópole* (Adriana Neumann) e apresentação dos projetos *Multigrafias* e *Cidade Imaginada* (Gabriela Canale Miola).

Em parceria com a Coordenadoria Municipal da Juventude e ainda como parte do evento *A cidade como museu a céu aberto: a transformação do espaço urbano em patrimônio cultural e espaço de fruição estética*, a Pró-Memória promoveu o I Concurso de Ocupação Urbana de São Caetano do Sul. Para também celebrar ainda o Dia Nacional do Grafite (27/3), foram selecionados trabalhos de arte urbana para revitalizar o túnel da Passagem de Nível da Estação Ferroviária.

Café com PP 2012

No dia 4 de junho, a Fundação Pró-Memória recebeu o terceiro encontro do Café com PP (Políticas Públicas), um projeto da Universidade Federal do ABC que promove a discussão de políticas públicas sob diversos aspectos. Com mediação da Prof. Dra. Ana Maria Dietrich (UFABC), o encontro recebeu o historiador do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Paulo Cesar Garcez. A exibição do documentário *Nebli-na sobre Trilhos* abriu o evento.

Férias na Pinacoteca

Este novo projeto da Pinacoteca Municipal, criado com o objetivo de oferecer uma opção cultural para a criança e a família no período de férias escolares, promoveu uma oficina de gravura. A proposta foi fazer com que o público entrasse em contato com esta técnica, criando gravuras a partir do processo da xilografia. As inscrições aconteceram de 25 de junho a 10 de julho, e a oficina de 16 a 20 de julho, na Pinacoteca.

Ação Educativa

Em 2012, a Fundação Pró-Memória retomou o programa de ação educativa da Pinacoteca Municipal, com as atividades lúdico-educativas dentro do projeto *Aprendendo a Ver*. Destinado a todos os públicos,

principalmente escolar e pessoas com deficiência, tem o objetivo de facilitar e promover a interação com a arte, colaborando para a formação de um público apreciador e frequentador de espaços culturais que tenham um olhar criativo e reflexivo sobre as diversas manifestações artísticas. Para participar do programa é preciso agendar uma visita monitorada pelo email pinacoteca@fpm.org.br ou pelo telefone 4223-4780.



ESPECIAL

Comemoração do ano
da Itália no Brasil

INCONTRO – Presença Italiana na Arte Brasileira

A Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, e o Sesc São Paulo, celebraram o ano da Itália no Brasil com uma programação especial, que inclui exposição, palestras, visitas guiadas pela região, mostra de cinema e oficina de arte. A mostra, em cartaz na Pinacoteca, reuniu o acervo de obras de artistas italianos e ítalo-brasileiros das duas instituições, entre eles Alfredo Volpi, Maria Bonomi, Claudio Tozzi e Rubens Ianeli. A mostra ainda apresentou trabalhos de dois artistas da região do ABC: Pierino Massenzi (São Bernardo) e Antonio Lucio Pegoraro (São Caetano). Na abertura, ocorrida no dia 17 de março, houve apresentação do Quarteto de Violoncelos Point Cellos e do Grupo de Danças Folclóricas Italianas Nostra Italia.

A série de palestras aconteceu nos dias 17, 18 e 19 de abril, na Pinacoteca. No dia 17, o crítico de arte José Armando Pereira da Silva falou sobre as interpretações da vida e da paisagem urbana do ABC nas obras dos pintores Pierino Massenzi e Antonio Lucio Pegoraro. *Famílias italianas no ABC – Histórias, ruas e redes sociais*



foi o tema da palestra do jornalista e memorialista Fábio Silva Gomes. A historiadora e jornalista Mariana Zenaro, colaboradora da Fundação Pró-Memória, abordou a presença italiana na arte brasileira.

Nos dias 10 e 14 de maio, o Grupo Zebra5 comandou uma visita monitorada especial na exposição de arte, desenvolvendo atividades que auxiliaram as crianças e adolescentes participantes, na apreciação de uma obra de arte, facilitando assim a fruição da exposição *Incontro*. Participaram destas atividades as escolas: Segunda Escola Municipal de Ensino Fundamental, Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho e Escola Evangélica Ursinho Amigo.

A programação do *Incontro* incluiu ainda uma mostra de cinema. Nos dias 10, 17, 24 e 31 de maio, o projeto promoveu, no Sesc São Caetano, a exibição de filmes com temáticas relacionadas ao tema ou com profissionais italianos em sua produção ou direção. Foram exibidos, nesta ordem, os longa-metragens *O Quatrilho*, *Gianni Ratto - A Essência da Cena*, *Na senda do crime* e *O Cangaceiro*. No dia 19 de maio, foi a vez do Sesc São Caetano coordenar uma visita guiada pelo ABC, em um roteiro de arte italiana. Foram visitadas a Igreja Matriz Sagrada Família, em São Caetano, a Igreja Matriz de São Bernardo do Campo e a Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Santo André, pontos onde foi possível observar a arte-sacra produzida por italianos e seus descendentes no ABC paulista. Os participantes também conheceram a obra de Sacilotto no SESC Santo André.

INCONTRO – Presença Italiana na Arte Brasileira contou ainda com uma oficina de aquarela, ministrada por Valdo Rechelo, e realizada de 11 a 14 de junho, na Casa de Vidro. A mostra ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal até o dia 15 de junho.

Dia da Itália no Brasil

A Fundação Pró-Memória e a Prefeitura de São Caetano do Sul realizaram, no dia 1º de junho, no Palácio da Cerâmica, uma cerimônia para celebrar o Dia da Itália no Brasil, instituído na cidade por lei municipal em 1994. O evento integrou, ainda, as comemorações do Momento Itália-Brasil, que celebrou o ano do país europeu no Brasil. Para exaltar a importância da imigração italiana dentro da história do município, foram homenageados 32 moradores de São Caetano, entre italianos e ítalo-brasileiros. Confira a lista:

Alexandre D'Agostini
 Angela Dall'Anese Nobrega
 Antonio José Dall'Anese
 Armando Furlan
 Bruno De Martini
 Bruno Fiorotti
 Carmelo Conti
 Constantino De Nardi
 Euclides Caetano Molinari
 Francesco Todisco
 Giacomo Pirchio
 Giovanna Pennesi Squadroni
 Giovanni La Rocca
 Giuseppe Sanna
 Hildeberto Antonio Perrella
 Horacio Roveri
 Humberto Geraldo Cavana
 Irineu Cavassani
 João Tessarini
 Laura Recchia
 Mário Dal'mas
 Matteo Biachin
 Michela Perrici
 Moacir Ferrari Filho
 Norma Marcucci
 Oscar Garbelotto
 Roberto Grandi
 Silvio Augusto Minciotti
 Thebis Martorelli
 Walter Lorenzini
 Wellington Pezzinatto
 Wilson Morelato



Cidadão da História 2012

O projeto Cidadão da História é uma parceria da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul com a Prefeitura Municipal, que homenageia os moradores mais antigos dos bairros da cidade, além de comerciantes, profissionais, empresas e indústrias, estabelecidos no local há mais tempo.

Com o objetivo de reconhecer e valorizar a participação e a atuação dos cidadãos na formação de cada bairro, no primeiro semestre de 2012, o projeto contemplou 226 moradores, de todos os cantos da cidade. Além de resgatar as origens da população, reconhecendo os responsáveis pela construção da cidade, o projeto ainda promove o arquivamento da história das famílias e suas fotografias no Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória. Segue abaixo lista dos laureados:

BAIRROS SANTA PAULA, CENTRO E SANTO ANTONIO **Dia 24 de fevereiro de 2012 – Cise Moacyr Rodrigues**

Ada Silva Medeiros
 Albino Padovani
 André da Rocha Torres
 Aracy Holczer
 Bazar Irani (estabelecimento comercial)
 Christovan Ferrano Lopes
 Dário Cavana
 Enides Faggian de Moraes
 Eduardo Medeiros Junior
 Guilherme Rodrigues da Silva
 Izabel Gomes Ferrano
 Izidoro Herrador
 Jair Benucci
 Joana Gregório Preciado
 José Incerpi
 Laerte Scartozzoni
 Laura Moreto
 Lello Eletrotecnica Ltda (estabelecimento comercial)
 Leonor Moretti Moraes
 Linda Zetune Torres
 Loreta Figueredo Perella

Mafalda da Rocha Torres
 Maria Coppola da Silva
 Maria José Amaral Pante
 Maria Pattaro Ribeiro
 Martha Bruna Vincenzi da Costa
 Mecânica Modelo Ltda (estabelecimento comercial)
 Mercedes Quarati Spagnuolo
 Miguel Mirão
 Neide Aracri
 Nellyde Dall'Antonia Furquim
 Nydia de Moraes Rosa Incerpi
 Rinaldo Aparecido Paganelo-Me (estabelecimento comercial)
 Roberto Duarte Gaspar
 Vilma Zambon Musumeci
 Zenaide Geraldo Cavana

BAIRROS BARCELONA E SANTA MARIA

Dia 23 de março de 2012 – Salão da Creche Zilda Natel

Adam Zuljewic
 Amélia Guardia Camilo
 Amélia Rossi
 Ana Benitez Molla
 Angelita Batista Rodrigues
 Antonio Claudinê Ribolla
 Antonio Martins
 Aparecida Cáceres Sanchez
 Aparecida Pessolato Da Silva
 Armando Camilo
 Auto Moto Escola Bahia (estabelecimento comercial)
 Banca Maceió (estabelecimento comercial)
 Deolinda De Jesus Da Silva
 Diana Strufaldi
 Eugênia Pisa Nero
 Felício Belloni
 Gráfica Marcato (estabelecimento comercial)
 Helena Julieta Willig
 Ida Maria Nero
 Itamar Moreno
 Izabel Moralez Silveira
 João Aguiar Cunha
 José Manoel Antonio
 Leonilda Pieroni Rovaron
 Lourdes Genaro
 Marcenaria Romil (estabelecimento comercial)
 Maria Aparecida Modesto Pedrini
 Maria Inês Almendra Antunes
 Marta De Souza Ribolla
 Nina Marques Coelho
 Oddete Alzira Mansini Chies
 Romar Comércio de Materiais Para Construção (estabelecimento comercial)
 Sonia Maria Gilberto
 Terraplanagem São Caetano (indústria)
 Vicente Nero
 Wilson De Souza Mello
 Zilda Trefiglio Giovanelli



*Bairros Santa Paula, Centro e Santo Antonio
 Dia 24 de fevereiro de 2012 – Cise Moacyr Rodrigues*



*Bairros Barcelona e Santa Maria
 Dia 23 de março de 2012 – Salão da Creche Zilda Natel*



*Bairros Jardim São Caetano, Mauá,
 São José e Conjunto Habitacional Radialistas
 Dia 12 de maio de 2012 – Clube Erasmo Batissaco*

**BAIRROS JARDIM SÃO CAETANO, MAUÁ,
SÃO JOSÉ E CONJUNTO HABITACIONAL RADIALISTAS
Dia 12 de maio de 2012 – Clube Erasmo Batissaco**

Aidêe Maria Teixeira Duran
 Alice do Carmo Monteiro
 Alice Maria da Silva
 Albina de Jesus Martins
 Alonso Bras da Silva
 Ana Dilma de Souza Cintra
 Anna Aparecida de Oliveira Domingues
 Anna Jorge da Silva
 Augusto Scartozzoni Neto
 Banca São José (estabelecimento comercial)
 Bar do Alvarinho (estabelecimento comercial)
 Bruno De Martini
 Cecília Roveri Scartozzoni
 Cleide Fuina do Prado
 Clemente Moelas Martins
 Deise Ruiz Valverde Baeta
 Depósito de Bebidas Marlene (estabelecimento comercial)
 Dilvo Magatti
 Fernando Zucattelli
 Fitt – Car Acessórios (estabelecimento comercial)
 Iara Giovede Costa
 Jandira Balbino
 Jorge Rodrigues Baeta
 José Cazelato
 José do Carmo Garrote
 Josefina Zanon da Silva
 Juvenita Rosa da Silva
 Laura Tuckmantel de Oliveira
 Lia Cabelereiros (estabelecimento comercial)
 Lourdes Linardi Doné
 Maria Aparecida Moreno Magatti
 Maria Aparecida Silveira Neves
 Maria Izabel do Nascimento
 Maria José De Souza
 Maria José Pereira Barros
 Maria José Savassa
 Maria Julia Martins Augusto
 Maria Lidia Toledo Cazelato
 Marli Dal Molin
 Nair da Silva Grandini
 Neusa Mazzoni da Cruz
 Orides Stersi de Brito
 Padaria Nova Excelência (estabelecimento comercial)
 Parceiro Bateria (estabelecimento comercial)
 Rosa do Nascimento Camargo
 Santo Castelli
 São Judas Tadeu Abc (estabelecimento comercial)
 Sebastiana Campanhã Da Fonseca
 Sérgio Da Silva Neves
 Therezinha de Jesus Talles Correa
 Wilson Chinarelli

**BAIRROS CERÂMICA E OSWALDO CRUZ
Dia 18 de maio de 2012 - Escola Municipal de Ensino
Fundamental (EMEF) Elvira Paolilo Braidó**

Adelina Marina Vidixousque
 Adilson Carlos Lorenzini
 Adosinda Inácia da Silva
 Adriana Modas (estabelecimento comercial)
 Alexandre Bizutti
 Bar Gramos (estabelecimento comercial)
 Bibiana Soto Sanches
 Carlos Horvat
 Carmen Rodrigues de Souza
 Deolinda Oliveira Horvat
 Desia Maggio Gonçalves
 Dines Mazzo Morales
 Edinacé Pereira Vidal Salvi Baccáro
 Ercilia Rezende Scopiatto
 Francesco Capozzollo
 Henriqueta Faria
 Hilário Moreno Navarro
 Iolanda de Souza Ambrozio
 Joana Barrantes Espírito Santo
 Joaquim Nicolau de Brito
 José Henrique Marques
 José Santiago Calmona
 Jozino Pereira da Silva
 Judite de Lago Cremasco
 Leonor Talavera Moreno Navarro
 Lidia Nalin José
 Lucio Huerta
 Lydia Furlan Lorenzini
 Mafalda Hernandez Mesquita Paes
 Manoel Alves
 Maria Pereira da Silva
 Neusa Maria Delas Bizutti
 Nilo Star Cabelo e Estética (estabelecimento comercial)
 Norma Marcon Fucchi
 Restaurante Industrial(estabelecimento comercial)
 Serralheria Casemiro(estabelecimento comercial)
 Teresa Minoves Poll
 Victor Bozio
 Zulmira Casale Alves

BAIRROS PROSPERIDADE E FUNDAÇÃO

Dia 24 de maio de 2012 –

Sede do Sindicato dos Metalúrgicos

Ademir João Perrella
 Alcides Dal Col
 Alegria Soares
 Anair Pinheiro
 Antonio Hissao Sato
 Auto Peças e Mecânica Ferreira (estabelecimento comercial)
 Chapelaria Tihany(estabelecimento comercial)
 Desafra Materiais de Construção (estabelecimento comercial)
 Dirço Perrella
 Dulcinéia Ribeiro de Souza Barbosa

Elisabeth Ascencio
 Elza Giorgetti Mezadre
 Erminia Suprano Della Maggiora
 Farmácia para Todos (estabelecimento comercial)
 Flávia Aparecida Soares
 Giuseppina Bassani Perrella
 Ivone Ana Dal Col
 Liliana Vinha Decco
 Luci Anselmo de Macedo Bailo
 Lucia Guadagno Perrella
 Lucilene Gasparotto Diresta
 Marcelo Segatto Moreno
 Márcio Della Maggiora
 Maria Tereza Tomazelli dos Santos
 MC Fitas (estabelecimento comercial)
 Nilton Eugênio
 Odair Ferreira
 Posto de Serviços Chapadão (estabelecimento comercial)
 Roberto Barbosa da Silva
 Rosa Maria Perrella Sato
 Rosana Aparecida Vicente Zanchete Maria
 Valdir Della Maggiora
 Valmir Zanchete Maria

BAIRROS NOVA GERTY, BOA VISTA E OLÍMPICO

Dia 26 de maio de 2012 –

Associação Amigos do Bairro Nova Gerty

Adélia Juliani Botini
 Anna Lúcia Pereira Hernandez
 Antonia Francisca Alves Batista
 Antonio Rodrigues
 Ao Mundo das Louças
 Aracelis Gomes de Souza
 Bar e Mercaria do Senhor Antonio
 David Gabrielli
 Domingos Hernandez
 Elvira Nastasio Arena
 Geralda Ribeiro Cassini
 Ida das Dores Demambro
 João Botini
 José Ciarvi
 Luzia Magalhães de Oliveira
 Mambri e Savoia Com. Serviços
 Maria Alice Gabrielli
 Maria Aparecida de Lima Ciarvi
 Maria de Lourdes Simitan de Souza
 Maria Igenes Durão
 Maria Massarelli da Silva
 Maria Nilza Rodrigues
 Mario Borsato
 Mercadinho Santa Paula
 Moises Selerges
 Odette Antonio Braido
 Ótica Sul
 Panificadora Nova York
 Pierina Sartori Serafim
 Raimunda Gaxeiro Selerges
 Rute Miranda Bloquensqui



Bairros Cerâmica e Oswaldo Cruz
 Dia 18 de maio de 2012 - Escola Municipal de Ensino
 Fundamental (EMEF) Elvira Paolilo Braido



Bairros Prosperidade e Fundação
 Dia 24 de maio de 2012 –
 Sede do Sindicato dos Metalúrgicos



Bairros Nova Gerty, Boa Vista e Olímpico
 Dia 26 de maio de 2012 –
 Associação Amigos do Bairro Nova Gerty



Na edição número 44 de Raízes, no artigo *Olindo Quaglia: uma história para lembrar a autonomia de São Caetano do Sul*, a revista errou ao identificar a pessoa da foto da página 76, como o autonomista Olindo Quaglia. A imagem retrata o interior da loja, que era de propriedade de Quaglia, assunto do artigo, mas a pessoa a qual nos referimos não foi identificada. Publicamos nesta edição uma imagem de Olindo Quaglia, no dia 15 de janeiro de 2002, quando completou 92 anos de idade.

A legenda da foto inferior publicada na página 44 da revista Raízes número 44, no artigo *Clubes, locais, eventos e formas de diversão e lazer em São Caetano do Sul* apresenta um nome identificado erroneamente. Da esquerda para a direita, a sétima pessoa é Orides Leone



Na edição 43, publicamos este anúncio da Agenda da IRFM, da década de 1930, como sendo do acervo da Fundação Pró-Memória, quando, o acervo correto é de Everton Calício, que gentilmente nos cedeu o material para publicação





*Os irmãos Guiomar
e Alfredo Bento, em
foto de 1920*

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA SÃO CAETANO DO SUL

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Bairro Santa Paula
Telefone: 4223-4780 Fax: 4223-4781
e-mail: fpm@fpm.org.br
De segunda a sexta, das 8h às 18 horas



MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL



Rua Maximiliano Lorenzini, 122
Telefone: 4229-1988
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 15 horas

SALÃO DE EXPOSIÇÕES



Espaço Verde Chico Mendes
Rua Fernando Simonsen, 566
De terça a domingo, das 9h às 18 horas

PINACOTECA MUNICIPAL



Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 9h às 17 horas
Aos sábados, das 9h às 13 horas

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA



Acervo histórico -
documentos, livros, jornais e imagens
Aberto à pesquisa pública

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Telefone: 4223-4780
De segunda a sexta, das 8h às 17 horas

WWW.FPM.ORG.BR





FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



PREFEITURA DE
SÃO CAETANO DO SUL

SECULT
SECRETARIA DE CULTURA